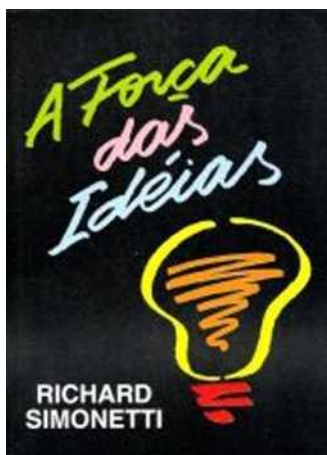




Boas Idéias

Richard Simonetti

1ª Edição Novembro de 2011 8.000 exemplares

Por meio do Espiritismo, a Humanidade deve entrar numa nova fase, a do progresso moral, que é a sua consequência inevitável.

Não mais, pois, vos espanteis da rapidez com que as idéias espíritas se propagam.

Sua causa reside na satisfação que trazem a todos os que as aprofundam e que nelas veem algo mais do que futil passatempo.

Ora, como o homem, acima de tudo, deseja a própria felicidade, não é de admirar que cada um se apegue a uma ideia que o toma feliz

Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, parte final.

APRESENTAÇÃO MAIS QUE SIMPLES PENITÊNCIA

No lançamento de meu quinquagésimo livro, *O Plano B*, um amigo comentou que o próximo seria *uma boa ideia*, lembrando a propaganda famosa de uma aguardente.

Imaginei, a partir de então, algo que se relacionasse não com a água que passarinho não bebe, mas com o próprio conteúdo dos livros publicados, um *destilado* para o espírito com o ideário presente em meus exercícios literários — as *boas idéias* que compõem o majestoso edifício doutrinário do Espiritismo, relacionadas com os objetivos da existência humana.

E o que lhe ofereço nestas páginas, leitor amigo, a você que sustenta com sua paciência o meu esforço, já que o estímulo maior do escritor é ver sua obra apreciada.

Aqui, uma amostragem das cinco dezenas de livros publicados, enfocando vários temas, num empenho de contribuir para uma literatura espírita leve, bem-humorada, clara e objetiva, mas, sobretudo, com conteúdo doutrinário que convide o leitor a pensar. À maneira de uma antologia, você terá oportunidade de conhecer algo dessas obras, em várias abordagens, assim distribuídas:

Livro dos Espíritos:

A Presença de Deus Viver em Plenitude Quem Tem Medo dos Espíritos?

A Constituição Divina Um Jeito de ser Feliz

Iniciação espírita:

Espiritismo, Tudo o que Você Precisa Saber Espiritismo, Uma Nova Era Uma Razão para Viver

Evangelho segundo o Espiritismo:

Bem Aventurados os Aflitos Amor, Sempre Amor

Vida de Jesus:

Paz na Terra Levanta-te!

Tua Fé te Salvou Não Peques Mais Setenta Vezes Sete Antes que o Galo Cante

Sermão da Montanha:

A Voz do Monte

⁰ *Céu ao Nosso Alcance*

Parábolas de Jesus:

Histórias que Trazem Felicidade Novas Histórias que Trazem Felicidade

Romances:

O Vaso de Porcelana Mudança de Rumo O Plano B
Série “Rir e Refletir”:
Para Rir e Refletir
Abaixo a Depressão
Rindo e Refletindo com a História
Rindo e Refletindo com Chico Xavier, volumes I e II
Luzes no Caminho
Histórias:
Atravessando a Rua Endereço Certo Encontros e Desencontros
Perguntas e Respostas:
Não Pise na Bola (para os jovens) *Reencamação, tudo o que você precisa saber*
Mediunidade, tudo o que você precisa saber *Suicídio, tudo o que você precisa saber* *A*
Força das Idéias Dúvidas e Impertinências
Morte:
Quem Tem Medo da Morte? *Obsessão:*
Quem Tem Medo da Obsessão?
Reunindo os dois textos acima: *Vencendo a Morte e a Obsessão*
Crônicas e dissertações:
Para Viver a Grande Mensagem *Temas de Hoje, Problemas de Sempre* *Em Busca*
do Homem Novo *Tempo de Despertar* *O Destino em Suas Mãos* *O Clamor das Almas Por*
uma Vida Melhor
Minidiálogos: *Trinta Segundos*
Há até um livro para distribuição em penitenciárias: *Fugindo da Prisão*. Único talvez, na literatura mundial, destina-se aos encarcerados. Curiosamente, um delegado vetou sua distribuição numa penitenciária, sob a alegação de que era subversivo, a ensinar técnicas de evasão aos presos. Não se deu o trabalho de examiná-lo para perceber que o enfoque é a prisão sem grades, quando nos deixamos dominar por vícios e sentimentos inferiores.
Ao final de cada amostragem há informações quanto ao livro de onde foi retirada, a editora que o publicou e o conteúdo básico.
Noutro dia um leitor generoso disse-me que possui a coleção completa. Certamente faz penitência.
Espero não lhe pareça tal a leitura destas páginas, ou que pelo menos, mais do que simples penitência, ofereçam-lhe momentos felizes de distração e reflexão.
Bauru SP, julho de 2011
www.richardsimonetti.org.com.br E-mail: richardsimonetti@uol.com.br

MEDICINA PIONEIRA

- Ah!... Doutor!... Eu queria tanto ter saúde, a fim de ser um pouquinho feliz!... — suspirava aquela senhora que se habituara a percorrer os consultórios médicos, presa de distúrbios diversos.

— Minha filha — responde bondosamente o experiente facultativo —, este é o erro de toda gente, porque não se trata de procurarmos ter saúde para sermos felizes, e sim de procurarmos ser felizes para termos saúde. Somente as pessoas em paz com a existência, que guardam a euforia de viver, desfrutam o equilíbrio físico e mental que todos almejamos.

— Mas doutor!... Como manter a euforia de viver se a cada instante sou contrariada por aqueles que me rodeiam? Como sentir-me em paz com a existência se nunca alcancei a plena satisfação do que sempre sonhei? É impossível ensaiar sorrisos, se pisamos espinhos!...

- Você não sabe o que é felicidade. Julga que ser feliz é ver atendidos todos os seus desejos e necessidades. Mas, ainda que isso acontecesse, continuaria infeliz, porque novos desejos e novas necessidades surgiriam. Quando nos acostumamos a pensar muito em nosso bem-estar, tornamo-nos insaciáveis.

A felicidade não é nenhuma oferta gratuita da Vida. Ser feliz ! verdadeira arte a exigir, como todas as artes, muito esforço e dedicação para que a dominemos. Raros o conseguem porquanto os homens ainda se portam como crianças acostumadas a bater os pés e reclamar, em altas vozes, quando não lhes dão o brinquedo desejado.

— Vejo que o senhor me situa nesse rol de crianças! Bem... Talvez tenha razão... E se assim for, como proceder para tornar-me adulta? Diga-me também o que revela a maturidade no indivíduo.

- *E simples* — explica o médico. — O nosso crescimento como seres pensantes começa quando aprendemos a olhar para dentro de nós mesmos, esforçando-nos por eliminar o que há de errado em nosso íntimo.

Se formos sinceros e usarmos da mesma acuidade que nos permite enxergar facilmente as deficiências alheias, acabaremos por identificar o mal maior de nossa personalidade, o grande culpado de nossa infelicidade. Chama-se *egoísmo* — sentimento desajustante que nos faz pensar muito em nós mesmos, com total esquecimento dos outros; que exijamos respeito, afeto, compreensão, sem nunca oferecê-los a ninguém...

A partir do instante em que, sentindo o imenso prejuízo que o egoísmo impõe, nos esforçamos por eliminá-lo, começamos a ser *adultos*.

E o homem adulto — aquele que sabe ser feliz — é o que tem plena consciência de suas responsabilidades diante da Vida e da sociedade em que vive, observando-as integralmente...

É o que *jamaiz cogita em* edificar um oásis particular, *isolado das misérias e sofrimentos alheios, pois compreende que* a solidariedade é dever elementar, indispensável à edificação da paz no Mundo e na consciência...

É, enfim, o que observa, plenamente, o velho ensinamento da sabedoria oriental: *Quando nasceste, todos sorriam e só tu choravas. Procura viver de forma que, quando morreres, todos chorem e só tu sorrias!*

Esta entrevista hipotética define bem o esforço pioneiro de alguns médicos esclarecidos, conscientes de que muito mais eficiente que prescrever medicamentos para o corpo é cuidar do espírito.

Os pacientes deixam seus consultórios com interessantes receitas: integrar-se em instituições de assistência social; participar de campanhas que visem ao bem-estar da coletividade; recolher livros ou discos para hospitais e prisões; angariar fundos para instituições socorristas; visitar doentes; atender necessitados, adotar órfãos...

Esses médicos colocam em prática as lições inesquecíveis de Jesus, que há dois mil anos ensinava a fórmula mágica do equilíbrio e da alegria: fazer ao semelhante o bem que desejaríamos nos fosse feito.

Livro nº 1-1970 *Para Viver a Grande Mensagem* Crônicas e Histórias Editora: FEB-Rio de Janeiro

A VERDADEIRA IMPORTÂNCIA

O orgulho e o egoísmo, estes dois sentimentos perniciosos, próprios do estágio evolutivo em que nos encontramos, a inspirarem a tendência de analisarmos as situações pelo prisma de nossas satisfações e interesses pessoais, criam as desigualdades sociais.

O médico de vasta clientela rica olha com desprezo para o operário mal vestido que o procura no luxuoso consultório; o juiz famoso recebe apressado e distraído o serviçal da limpeza pública, que vem pedir sua orientação para um problema pessoal; o rico empresário recusa-se a considerar a possibilidade de empréstimo para o comerciante que deseja instalar uma banca de jornais e livros.

Os problemas que dificultam o relacionamento dos primeiros com os segundos não são simplesmente de apresentação, tempo ou confiança, mas, essencialmente, de orgulho e egoísmo, que geram a falsa impressão de que alguém é mais importante que seus semelhantes, em face de sua posição social, sua cultura ou seu dinheiro.

Falsa, porque, observada a questão em seu aspecto prático, de contribuição em favor da sociedade, seria muito difícil

considerar mais importante o médico do que o operário. Se o médico sustenta a saúde da comunidade, o operário produz os bens que garantem a vida comunitária.

Será mais importante o juiz que dispensa justiça do que o servidor que faz a coleta de lixo? Ah! Abençoado funcionário da limpeza pública! Como conceber a vida urbana sem o seu concurso?!

Será mais importante o empresário que o vendedor de livros e jornais? Se aquele promove o progresso material de uma coletividade, este lhe enriquece o espírito com os valores da cultura e da informação.

Num relógio, os ponteiros são importantes. Mostram as horas, mas serão mais importantes do que a máquina que os movimenta, escondida sob o mostrador? E neste delicado mecanismo, composto de centenas de minúsculas peças, qual a principal? Difícil responder, já que a falta de qualquer uma delas prejudicará o funcionamento do relógio.

Numa cidade, administradores, líderes e autoridades são os ponteiros, mas o que faria o prefeito sem o funcionalismo público ou sem a força que movimenta a máquina administrativa, representada pela arrecadação de impostos, da qual participam direta ou indiretamente todos os munícipes?

Que faria o líder religioso sem a colaboração dos fiéis em seu trabalho social, sustentando até mesmo sua vocação de *orientar, com os valores da aceitação*?

Poderia o chefe de polícia garantir a ordem, sem o apoio do soldado humilde que se coloca a seu serviço?

Por isso, em qualquer agrupamento social, todos são importantes, desde que exercendo atividade útil.

Houve tempo em que um homem era avaliado segundo seus títulos de nobreza. Desfrutava de atenção e respeito, ainda que seu comportamento fosse irresponsável e vicioso, desde que possuísse brasões e tradição de família.

Hoje isso não significa nada, mas o homem ainda é medido pela posição social que consegue galgar, firmada em dinheiro e poder, mesmo que tripudiando sobre direitos alheios, transformada a sociedade numa autêntica selva, onde triunfam os mais duros e espertos.

Dia virá em que o homem será considerado unicamente pelo seu empenho em honrar a atividade que escolheu com os valores da dedicação e da honestidade, dando o máximo de si mesmo em favor do progresso e do bem-estar da comunidade.

Então prevalecerá uma única desigualdade — a do merecimento, a determinar que receba maior soma de bênçãos da Vida aquele que mais a enriquecer, fazendo sempre o melhor, seja o governador de uma comunidade ou seu mais humilde serviçal de limpeza.

Livro nº 2 — 1973 *Temas de Hoje, Problemas de Sempre* Assuntos de atualidade. Editora: Correio Fraterno do ABC-São Bernardo do Campo

CONDIÇÃO FUNDAMENTAL

Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus.

Mateus, 5:3

Muita gente confunde humildade com pobreza. Daí considerar-se bem-aventurado o pobre. Dele, segundo Jesus, seria o Reino dos Céus.

No passado, essa ideia levou muitos cristãos à renúncia dos bens materiais, chegando ao extremo de cultivarem a indigência, no pressuposto de que, quanto mais miseráveis na Terra, mais ricos aportariam no Além.

Um mínimo de bom senso, todavia, é suficiente para perceber que o fato de o indivíduo não deter bens materiais em absoluto significa que as portas do Céu lhe estejam abertas, da mesma forma por que não se pode afirmar que permaneçam cerradas aos detentores de riquezas. Há pobres maus e ricos bons, e vice-versa. O dinheiro é neutro. Tanto pode ser utilizado para o Bem como para o mal. Com ele compramos o leite que alimenta a criança e o tóxico que compromete o jovem.

Exprimindo uma posição interior, e não uma circunstância exterior, a humildade não pode ser avaliada sob o ponto de vista econômico.

O caminho dessa realização sublime é o reconhecimento de nossa pequenez diante do Universo e a consciência plena de que tudo pertence a Deus, o Senhor supremo que somos chamados a servir, acatando a Vontade Divina nas circunstâncias da Vida e respeitando a obra da Criação, seja na pessoa do semelhante, no animal, na árvore, na flor, no fruto, no inseto, na paisagem que nos cerca.

Somente assim estaremos em condições de ingressar no Reino. Onde o encontraremos? Na Terra, transformada em paraíso, quando o mal for definitivamente derrotado? Ou se localizará em distante constelação? Será em plano de matéria densa ou em etéreas regiões espirituais?

Nada disso!

Ensina Jesus (Lucas, 17:21):

O Reino está dentro de vós!

Compete-nos, pois, localizá-lo em nosso universo interior, essa gloriosa edificação que poderíamos definir como o estado de harmonia perfeita, de inefável tranquilidade, de sintonia plena com as fontes da Vida!

Por que a humildade é indispensável?

A resposta simples: para ingressar nesse estado de graça ! preciso ser livre e, por estranho se afigure, somente o homem humilde desfruta de liberdade plena.

Todos temos aspirações em torno de determinadas realizações e empregamos esforços no sentido de concretizar nossos desejos: estabilidade financeira, sucesso na profissão, progresso material, conforto, casa, automóvel, família, filhos...

São temas que constituem nossas motivações mais frequentes. Não raro, entretanto, empolgamo-nos em demasia e

tudo isso, que deveria ser parte de nossa vida, se transforma em finalidade dela. Então nos escravizamos.

Há, por exemplo, o homem que se empenha no louvável propósito de melhorar sua situação financeira. Monta um estabelecimento comercial, prospera... Sempre procurando melhorar, monta outro negócio, prospera... Depois outro e mais outro, prosperando sempre. Acaba movimentando fortunas imensas, mas já não é dono de si. Não dispõe de tempo para nada mais. Problemas se avolumam e, quanto mais cresce sua fortuna, maiores suas preocupações, mais lacérantes suas tensões, menor sua liberdade.

Pior, talvez, o jugo daqueles que não conseguem realizar as aspirações a que se prendem. O casamento que não se concretiza, o filho que não nasce, o mal que não é debelado, o sucesso que não chega... Estes resvalam facilmente para a frustração e o desânimo que geram infernos de perturbações em suas vidas.

O homem humilde também alimenta aspirações. Afinal, elas representam a mola propulsora do progresso humano. Distingue-se, porém, pelo fato de não se apegar, reconhecendo que o mais importante é definir e cumprir os desígnios divinos, sintetizados na aspiração maior — servir a Deus!

Por isso desfruta de liberdade plena para construir o Reino em seu coração.

Livro nº 3 — 1983 *A Voz do Monte* Comentários sobre o *Sermão da Montanha*
Editora FEB-Rio de Janeiro

PALPITE ERRADO

Jovino era médium vidente. Percebia, frequentemente, junto de si, simpático Espírito que se dizia seu protetor. Habitara-se a consultá-lo, em princípio a respeito de questões doutrinárias; depois, problemas pessoais; finalmente, a pretexto de qualquer assunto.

Quando adquiriu um automóvel, motorista inexperiente incorporou a ajuda do acompanhante espiritual a partir da sua indecisão, num cruzamento movimentado, quando este lhe falou, resolutivo:

— Vai que dá!

E Jovino foi... Daí em diante, encontrou no mentor um eficiente *copiloto*. Em qualquer dificuldade no trânsito, aguardava o *signal verde*.

— Vai que dá!

Certa feita transitava por estrada acidentada quando, no alto de uma encosta, avistou enorme caminhão que iniciava a descida do outro lado, em alta velocidade. Lá embaixo havia ponte estreita, com passagem para um veículo apenas. Jovino vacilou. Daria tempo para cruzá-la antes da chegada do caminhão? O mentor veio em seu socorro:

— Vai que dá!

Confiante, o médium pisou no acelerador e desceu a encosta imprimindo velocidade ao veículo. O velocímetro atingiu rapidamente a marca dos cem quilômetros horários, impulso aumentando sempre... No entanto, ao entrar na ponte, viu que o caminhão entrara, também, do outro lado!

O choque, de consequências catastróficas, era inevitável! Jovino arregalou os olhos, apavorado, enquanto o mentor, a seu lado, dizia-lhe, num murmúrio desolador — Xii! Acho que não vai dar, não!

• • •

Há mentores espirituais cuja sabedoria não vai além da ignorância dos consuêntes. Estaremos à mercê de seus palpites sempre que vulgarizarmos o intercâmbio com o Além, trans-formando-o em consultório de indagações pueris, relacionadas com assuntos sobre os quais nos compete decidir.

Livro nº 4- 1985 *Atravessando a Rua* Histórias Editora: IDE-Araras

0 CONVIDADO MAIS IMPORTANTE

Houve um casamento em Caná da Galileia, ao qual compareceram Jesus e sua mãe. Por circunstâncias imprevistas e para vexame dos donos da casa, esgotou-se rapidamente o vinho.

Jesus, a quem não passavam despercebidos os murmúrios de geral descontentamento, e atendendo observação de Maria, pediu aos criados que enchessem de água seis grandes talhas de pedra. Feito isso, recomendou que a levassem ao *mestre de mesa*, organizador da festa matrimonial. Este, após prová-la, admirou-se e, chamando o noivo, disse-lhe:

- Todos servem primeiro o vinho melhor e, quando os convidados beberam fartamente, servem o inferior. Tu, pelo contrário, guardaste o vinho bom até este momento!

O noivo, naturalmente terá ficado atônito, sem compreender o que se passava, mas graças à extraordinária transubstanciação operada por Jesus a festa não fora comprometida.

O episódio relatado pelo evangelista João 1 uma amostra dos extraordinários poderes de Jesus. Mais importante é o conteúdo simbólico, em relação ao instituto do casamento.

Nenhuma alegria é maior que a de alguém que transforma um sonho em realidade. Nenhum sonho é mais belo nem mais caro às criaturas humanas do que o matrimônio, instituição sagrada que ratifica perante Deus e os homens os elos sublimes do Amor, a unir duas partes que se completam: o homem e a mulher, o cérebro e o coração, a razão e o sentimento, a força e a sensibilidade, num amálgama abençoado que opera um dos mais notáveis prodígios da existência: transforma as paredes frias de uma casa no Lar, sinônimo de conforto, aconchego, paz, carinho..

Por isso, natural que nos olhos dos que se consorciavam brilhe uma chama *inconfundível*: a esperança de que as alegrias desse dia sejam apenas as *primícias de uma felicidade* completa que se estenda, imperecível, por toda a existência.

— Quimeras! — dirá alguém...

— *Utopia!* — acrescentarão outros...

£ os *profetas do pessimismo* proclamarão, certamente, que após a embriaguez dos primeiros tempos *restará* na taça matrimonial apenas o amargo sabor da insatisfação e da desarmonia.

E verdade! O vinho capitoso das primeiras alegrias matrimoniais é escasso, tanto quanto são numerosos os casais que perguntam, amargurados:

— O que está acontecendo conosco? Onde se escondeu a felicidade inicial? Que é feito da paz doméstica? Por que tantos *espinhos sucederam as flores*?...

£ que faltou alguém... Esqueceram de convidar o Cristo! Somente *Jesus é capaz de transubstanciar* indefinidamente a água em vinho, a rotina em interesse, a incompreensão em entendimento, a intranquilidade em paz, os espinhos em flores, as lágrimas em sorrisos, as dores em alegrias...

Em seu ensinamento está o espírito renovador de nossas mais caras emoções. E ele o divino elixir que estreita os laços da afetividade, preservando a paz doméstica, o tônico infalível para todas as fraquezas, o remédio certo para todas as dores, o recurso supremo para todos os males.

O Evangelho, muito mais que o repositório de consolos e bênçãos, é uma síntese perfeita das leis divinas que regem a evolução moral da Humanidade, recurso indispensável para uma convivência pacífica e feliz em qualquer agrupamento humano, principalmente no lar, onde se rompe com facilidade o verniz social, revelando tendências e imperfeições não compatíveis com nossa condição de filhos de Deus.

Indispensável em qualquer matrimônio, a presença de Jesus não se subordina a mero cerimonial regido por oficiante. Este, não obstante sua boa vontade, jamais poderá substituir o esforço intransferível dos nubentes, acolhendo o Cristo na intimidade do próprio coração com a disposição de observar seus exemplos e seguir suas lições.

Então, sim, o convidado mais importante será presença marcante em suas vidas, sustentando imorredoura ventura.

Livro nº 5 - 1986 *Em Busca do Homem Novo* Parceria com Sérgio Lourenço 1 Terezinha Oliveira Comentários evangélicos e temas de atualidade Editora: EME-Capivari

O BONECO

Osório, sua esposa Selma e o filho Tiago almoçam tranquilos, quando ouvem gritos. É Carmem, a filha mais nova, nos fundos da casa. Acodem rápido!

— Vejam que horrível! — mostra a jovem, assustada.

Num canto do quintal, perto da piscina, o objeto de tamanho alarido: um boneco de pano, muito estranho, com várias costuras no ventre e na boca, manchas de sangue no tecido surrado, espetado por várias agulhas...

— Não toquem! Cuidado! E um *despacho!* — adverte Felismina, a serviçal doméstica.

— Meu Deus! Quem será o malvado que nos quer prejudicar?! Não fazemos mal a ninguém! - reclama a dona da casa.

E dirigindo-se ao marido:

— Certamente é arte daquela sirigaita que trabalha em sua repartição! Ela não esconde que o considera um ótimo partido. Seria um viúvo disputado! Valha-me, Jesus amado! Sinto falta de ar! E para mim essa encomenda das trevas!

— Ora, querida — responde o esposo, conciliador —, não julgue assim a pobre Anita. Conheça-a bem. Seria incapaz de semelhante maldade! Suspeito antes do Costinha e sua mulher.

São invejosos! Provavelmente estão pretendendo amarrar nossa prosperidade! E preciso fazer algo rápido para neutralizar essa nefasta influência, porquanto também fui atingido... Ah! Minha enxaqueca!... Parece que martelam meus miolos!...

— Coisa boa não é! — acrescenta, perturbado, Tiago. — As agulhas parecem enterradas em meu próprio corpo. Dói tudo! O *despacho* é para mim! Quando me apaixonei pela Margarida e rompi o noivado com Júlia ela jurou que eu pagaria pela desfeita. A família dela mexe com sarava.

— Você, que entende dessas coisas, o que nos diz, Felismina?

A serviçal responde, enfática:

- Não sei quem fez, mas é para prejudicar a família toda. Com a confusão que

mora nesta casa, certamente há por aqui mal encomendado!

O grupo assusta-se mais! O medo cresce fermentado pela dúvida! O desajuste encontra portas abertas! Todos tensos e angustiados! Selma está na iminência de um colapso nervoso!...

Batem à porta. É o vizinho que, levado ao quintal, vai dizendo:

- Bom dia! Desculpem importuná-los. Queria pedir licença para levar o boneco de meu filho. O irmão o jogou neste quintal. O garoto está em prantos. Seu sonho é ser médico cirurgião. O fantoche é seu paciente. Já o operou muitas vezes. Não tem mais onde costurar... Até sangue inventou, usando molho de tomate. E pratica acupuntura, espetando-o com agulhas...

O despacho é devolvido. O visitante retira-se. Olham-se todos, atônitos! Descontraem-se. O riso solto saúda abençoado alívio. Osório comenta, bem-humorado:

— Felizmente o vizinho chegou | tempo! Se demorasse um pouco poderíamos morrer de medo!

• • •

Ignorância, credice e superstição são grilhões terríveis que semeiam perturbação.

Tudo será diferente quando compreendermos que nenhum mal tem acesso ao nosso universo íntimo sem transitar pelas vias da aceitação.

Por isso, ! melhor defesa exprime-se no empenho por compreendermos melhor a existência humana com os valores do estudo I da meditação, aprendendo sempre.

Era isso que Jesus ensinava ao proclamar (João, 8:32):

Conhecereis a Verdade e a Verdade vos fará livres.

Livro nº 6 - 1987 *Endereço Certo* Histórias Editora: IDE-Araras

JOIAS DEVOLVIDAS

Existe uma palavra-chave para enfrentarmos com serenidade e equilíbrio a morte de um ente querido: submissão. Exprime a disposição de aceitar o inevitável, considerando que, acima dos desejos humanos, prevalece a vontade soberana de Deus, que nos oferece a experiência da morte em favor do aprimoramento de nossa vida.

A esse propósito, oportuno recordar antiga história oriental sobre um rabi, pregador religioso judeu que vivia muito feliz com sua virtuosa esposa e dois filhos admiráveis, rapazes inteligentes e ativos, amorosos e disciplinados.

Por força de suas atividades, certa feita o rabi se ausentou por vários dias, em longa viagem. Nesse ínterim, grave acidente provocou a morte dos dois jovens.

Podemos imaginar a dor daquela mãe!... Não obstante, era uma mulher forte. Apoiada na fé e na inabalável confiança em Deus suportou valorosamente o impacto. Sua preocupação maior era o marido. Como transmitir-lhe a terrível notícia?!...

Temia que uma comoção forte tivesse funestas consequências, porquanto ele era portador de perigosa insuficiência cardíaca. Orou muito, implorando a Deus uma inspiração.

O Senhor não a deixou sem resposta.

Passados **alguns** dias, o rabi retornou ao lar. Chegou à tarde, **cansado após longa viagem, mas** muito feliz. Abraçou carinhosamente a esposa e **foi logo** perguntando **pelos filhos**.

- Não se preocupe, meu querido. Eles virão depois. Va banhar-se, enquanto preparo o lanche.

Pouco depois, sentados à mesa, permutavam comentários do cotidiano, naquele doce enlevo de cônjuges amorosos, após breve separação.

- E os meninos? Estão demorando!...

- Deixe os filhos... Quero que você me ajude a resolver grave problema.

- O que aconteceu? Notei que você está abatida!... Fale! Resolveremos juntos, com a ajuda de Deus!...

- Quando você viajou, um amigo nosso me procurou e confiou à minha guarda duas joias de incalculável valor. São extra-ordinariamen te preciosas! Nunca vi nada igual! O problema é esse: ele vem buscá-las e não estou com disposição para devolvê-las.

- Que é isso, mulher! Estou estranhando seu comporta mento! Você nunca cultivou vaidades!...

- E que jamais vira joias assim. São divinas, maravilhosas!...

- Mas não lhe pertencem...

- Não consigo aceitar a perspectiva de perdê-las!...

- Ninguém perde o que não possui. Retê-las equivalerá a roubo!

- Ajude-me!...

- Claro que o farei. Iremos juntos entregá-las ao legítimo dono, hoje mesmo!

Pois bem, meu querido, seja feita sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade, isso já foi feito. As joias eram nossos filhos. Deus, que os concedeu por empréstimo, à nossa guarda, veio buscá-los!...

O rabi compreendeu a mensagem e, embora experimentando a angústia que aquela separação lhe impunha, superou reações mais fortes, passíveis de prejudicá-lo.

Marido e mulher se abraçaram emocionados, misturando lágrimas que se derramavam por suas faces mansamente, sem burburinhos de revolta ou desespero, e pronunciaram, em uníssono, as santas palavras de Jó:

Deus deu, Deus tirou! Bendito seja o Seu santo nome!

Livro nº 7 — 1987 Quem Tem Medo da Morte?

Noções sobre a morte e a vida espiritual Editora: CEAC-Bauru

MOBILIZAÇÃO

Há pessoas que, por culpa sua, caem na miséria. Nenhuma responsabilidade caberá disso à sociedade?

Mas, certamente. Já dissemos que a sociedade é muitas vezes a principal culpada de semelhante coisa. Demais, não tem ela que velar pela educação moral de seus membros? Quase sempre, é a má educação que lhes falseia o critério, ao invés de sufocar-lhes as tendências perniciosas.

Questão 813, de O Livro dos Espíritos

«

A ideia do determinismo, o *maktub* (estava escrito), da filosofia oriental, está profundamente arraigada no espírito religioso. Não são poucos os profíctos a conceberem que Deus sabe o que faz, e se há miséria, infelicidade e sofrimento no Mundo, é porque deve ser assim.

Os espíritas nem sempre fazem melhor. O princípio da re-encarnação inspira em muitos a impressão de que, se estamos todos resgatando dívidas cármicas e se cada indivíduo se movimenta em faixa evolutiva própria, com suas tendências e necessidades, não será lícito pretender grandes mudanças, o que, hipoteticamente, somente ocorrerá

quando a Terra for promovida na sociedade universal, deixando de ser um Mundo de Expição e Provas.

Equivale a dizer que os males do Mundo são obra de Deus, lamentável equivoco. Eles são produzidos pelo Homem, que, com suas ambições, sua incúria, seus preconceitos, gera os desníveis sociais, as crises econômicas, as guerras destruidoras, a crônica infelicidade.

Quando Jesus proclama que não cai uma folha da árvore sem que seja pela vontade de Deus, isto não significa que Deus derrube as folhas. O Criador sustenta a Vida, que se perpetua no transformismo incessante da Natureza, segundo as leis por Ele instituídas.

Da mesma forma, Deus não gera os males humanos, mas permite que aconteçam para que o Homem aprenda, com a força de suas experiências, o que é melhor para ele, no incessante transformismo da moral em evolução, igualmente orientada por leis divinas.

Imperioso, portanto, superar a atitude contemplativa ou de indiferença que marca o comportamento humano. E preciso mobilizar os homens pela palavra e pelo exemplo, demonstrando ser indispensável estabelecer elos de solidariedade entre os componentes da sociedade, a fim de que possamos, efetivamente, superar as misérias da Terra.

Não se trata apenas de beneficiar o semelhante, mas, essencialmente, a nós mesmos com esse empenho. Se morarmos no campo e observarmos o mato crescendo em torno de nossa casa, invadindo a lavoura, poderemos dizer que ele cresce pela vontade de Deus?

*Se nos acomodarmos, embalados por essa convicção, o mato continuará a crescer, sufocará a plantação, favorecerá o aparecimento de **repris** e **insetos nocivos**. Viveremos miseravelmente, com ameaças à própria integridade física. Diremos depois que foi a vontade de Deus?*

Os bolsões de miséria crescem em toda parte, como mato insidioso, gerado pela desorganização social. Dali saem os crimes, os roubos, os assassinatos, as prostituições, as viciações, males que assolam a sociedade. Imperioso derrubar esse matagal, ajudando de forma efetiva aqueles que enfrentam problemas dessa natureza, a fim de que não sejam tentados pelo propósito de resolvê-los na marginalidade criminosa.

Fala-se muito em mudanças de estruturas sociais. Há revoluções, sucedem-se os regimes e sistemas — comunismo, socialismo, parlamentarismo, fascismo, presidencialismo, mo-narquismo, totalitarismo, capitalismo — enquanto se perpetuam a miséria e o infortúnio. No entanto, qualquer *ismo* funcionaria bem, resolveria os problemas sociais, se conseguíssemos eliminar um *ismo* presente em todos eles: o egoísmo, culto à própria personalidade.

A vida em sociedade implica responsabilidades, a começar pela mais elementar: trabalhar pelo bem comum, ideal inatingível enquanto considerável parcela da sociedade estiver marginalizada pela enfermidade, pela penúria, por problemas de comportamento.

Há dois mil anos o Cristo deixou na Terra os fundamentos do *Reino de Deus*. Outros tantos milênios poderão passar sem que seja edificado, se não desenvolvermos o espírito de serviço no campo da fraternidade, ensaiando desprendimento e boa vontade.

Em todas as cidades há grupos de variadas denominações religiosas despertos para semelhante realidade, cujos membros estão tentando viver a mensagem de Jesus. Participam de **organizações de assistência e promoção humanas, motivados por sagrado**

idealismo.

Se esses poucos abnegados produzem tanto, imaginemos que prodígios seriam feitos, se houvesse uma ampla mobilização de todos os segmentos da população em condições de participar!

Um dia todos compreenderemos que a Vida vem de Deus, mas a qualidade de vida vem do Homem.

O Cristo mostra-nos o caminho, porém não pode caminhar por nós. Oferecendo-nos orientação e exemplo, deixou bem claro que o serviço da redenção humana, de erradicação do mal, da miséria, do infortúnio, é responsabilidade nossa.

Livro nº 8 - 1988 A Constituição Divina Comentários sobre as Leis Morais, em O Livro dos Espíritos Editora: CEAC-Bauru

DESVIOS DE ROTA

Em férias numa cidade litorânea, o turista observava um morador da localidade que, diariamente, vinha à beira-mar, pescava dois peixes 1 se retirava. Finalmente, não se conteve. Aproximou-se e perguntou:

- Por que o senhor não pesca um pouco mais?
- Para quê?
- Venderá parte do pescado.
- Para quê?
- Com o dinheiro arrecadado comprará apetrechos de pesca.
- Para quê?
- Pescará mais peixes. Terá mais dinheiro.
- Para quê?
- Equipará um barco, contratará funcionários.
- Para quê?
- Ganhará muito dinheiro!
- Para quê?

- Ora, ficando rico não terá preocupações materiais e poderá dedicar-se ao que gosta de fazer...

— Bem — concluiu o pescador—então não é preciso nada disso, porque meu maior prazer é pescar dois peixes diariamente.

• • •

O bom senso nos diz que existe uma finalidade para a jornada humana. Deus não nos colocou no Mundo por mero diletantismo, como quem procura diversão.

O grande segredo do equilíbrio e da felicidade é justa-mente definir o que nos compete fazer. Poucos sabem, não porque seja difícil, mas por desinteresse.

Daí ocorrer, frequentemente, o que poderíamos definir como desvio de rota, algo semelhante a alguém que efetua uma viagem e se perde no caminho.

A história do pescador ilustra com propriedade duas situações características desse desvio:

Na primeira, o indivíduo ambicioso, que multiplica afazeres visando consolidar uma situação financeira que lhe garanta a liberdade de fazer o que deseja. E o pescador que se envolve tanto com os peixes que, julgando-se proprietário, situa-se como mero escravo dos bens que acumula.

Na segunda, o indivíduo acomodado na rotina, preso ao imediatismo, sem

cogitações mais nobres, além do peixe de cada dia. Perde tempo e não raro se compromete com vícios e desregramentos que vicejam em tediosa inércia, como miasmas em água parada.

Entre essas duas situações extremadas transitam os homens, em graus menores ou maiores de comprometimento com a ambição ou o acomodamento, favo recendo a manifestação

frequente de desajustes e perturbações que os afligem. E quando surgem as cobranças cármicas, representadas por dissabores variados, desabam no desespero, na revolta, na inconformação, que lhes complicam a existência.

• •

A Doutrina Espírita nos oferece um roteiro precioso para que não nos percamos em desvios indesejáveis, explicando-nos:

1 — Somos Espíritos imortais, filhos de Deus, que imprimiu em nós algo de suas potencialidades. Dentre elas destacáramos o poder criador, que exercitamos pelo pensamento contínuo, com o qual sustentamos nosso universo interior e desenvolvemos nossas próprias iniciativas.

2º — Fomos criados para o Bem, que se realiza no esforço da Verdade, do Amor, da Caridade, da Justiça. Podemos constatar isso observando que ao negarmos esses valores fatalmente nos tornamos infelizes, tão desajustados quanto uma laranjeira que pretendesse produzir melancias. Quando nos comprazemos no erro, no vício, na inconsequência, é como se agredíssemos a nós mesmos, exercitando o mal, porquanto intrinsecamente, de acordo com a nossa filiação divina, estamos destinados ao Bem.

3º — A Terra é um educandário onde nos vemos na contingência de usar, no instituto da reencarnação, um admirável instrumento evolutivo: o corpo físico. É ele que nos familiariza com o trabalho, ante a necessidade

de garantir-lhe a subsistência, sob inspiração do instinto de conservação, próprio dos seres vivos, ajudando-nos a superar a indolência; é ele o agente precioso para choques evolutivos como o nascimento e a morte, que agitam os refolhos de nossa consciência, acelerando o despertar para a responsabilidade.

4º — Os sofrimentos humanos, tanto físicos como espirituais, desbastam nossas imperfeições mais grosseiras, ajudando-nos a compreender que, assim como as laranjeiras foram feitas para produzir laranjas, o homem foi criado para realizar o Bem. É por isso que nossos impulsos mais generosos, no exercício da solidariedade, manifestam-se quando enfrentamos a adversidade. E difícil não nos sensibilizarmos com a dor alheia quando a experimentamos em nós mesmos.

5º — Seremos felizes à medida que orientarmos nossas iniciativas no esforço por cumprir os desígnios divinos, admiravelmente sintetizados nas lições de Jesus, mestre por excelência.

Inegavelmente, nenhum roteiro, por mais precioso, objetivo e claro, fará algo em nosso benefício, se não nos dispusermos a conhecê-lo devidamente, pelo estudo, e a seguir-lhe as orientações, caminhando na direção indicada. A perseverança nesse propósito é, sem dúvida, uma questão de maturidade. Consideremos, entretanto, a vantagem de acelerar esse amadurecimento.

Não se trata de *forçar a natureza*, mas de favorecer-lhe os objetivos. Quem se empenha mais, caminha mais depressa.

E importante cogitarmos dessa possibilidade, já que a meta a ser atingida é a nossa realização plena como filhos de Deus, habilitando-nos à felicidade em plenitude.

Livro nº 9 — 1989 *Uma Razão para Viver* Iniciação espírita Editora: CEAC-Bauru

O ROSTO E DOS OUTROS

Há pessoas cuja vida se escoa em perfeita calma; que, nada precisando fazer por si mesmas, se conservam isentas de cuidados. Provará essa existência ditosa que elas nada têm que expiar de existência anterior?

Conheces muitas dessas pessoas? Enganas-te, se pensas que as há em grande número. Não raro, a calma é apenas aparente. Talvez elas tenham escolhido tal existência, mas, quando a deixam, percebem que não lhes serviu para progredirem. Então, como o preguiçoso, lamentam o tempo perdido...

Questão nº 988, de *O Livro dos Espíritos*

Lição básica, em Espiritismo: num planeta de expiação e provas como a Terra, escola das primeiras letras no aprendizado das Leis Divinas, a grande alavanca evolutiva, que nos desloca do imobilismo egoístico para a dinâmica da fraternidade, é o sofrimento.

Assim, somente por exceção encontraremos alguém cuja existência flui tranquila, alheio às dores do Mundo, algo tão inusitado, tão estranho, que é como se não estivesse vivo, conforme exprime admiravelmente Francisco Otaviano:

Passou pela vida, não viveu.

O que nos leva a supor que há pessoas sem problemas, cuja existência semelha-se a um mar de rosas, é o fato de carregarem o fardo de suas dores sem lamentações nem desânimo, demonstrando muito valor e determinação. '

Ensina a sabedoria popular que o coração é nosso, mas o rosto é dos outros. Imperioso conservar o bom ânimo, a disposição de sorrir, a expressão suavizada por irrestrita confiança em Deus, porquanto ninguém se edifica nem se anima diante de um cenho carregado, como *outdoor* de mau gosto a fazer propaganda da infelicidade. Segundo a expressão bem-humorada de uma freira, a pessoa amargurada é uma obra prima do demônio: ninguém se sente feliz a seu lado.

Curiosa pesquisa demonstrou que a expressão facial, que geralmente reflete nossas emoções, pode deixar de ser efeito para transformar-se em causa. Voluntários que, a título de experiência, conservaram expressão sombria, em pouco tempo sentiram tristeza e mau humor.

Há quem alegue dificuldade em manter o sorriso, reclamando que seus males excedem o razoável. Evidentemente, sempre nos parecerá mais fácil enfrentar a adversidade sendo rico com saúde a ser pobre e tuberculoso...

Consideremos, entretanto, que as dores do Mundo não **são** distribuídas aleatoriamente, como uma loteria de desgta-

ças, *prêmios* maiores ou menores. O montante dos problemas cármicos que enfrentamos diz respeito não apenas às nossas necessidades evolutivas, mas, também, à nossa capacidade de solucioná-los. Inconcebível que Deus nos imponha situações insuportáveis, uma cruz que não possamos carregar.

Ótimo recurso para desanuviar a mente e suavizar o rosto, até mesmo para evitar rugas precoces e perturbadoras tristezas, é a conversa com o espelho. Parecer-nos-á risível a carantonha amargurada, se nos dispusermos a um questionamento franco e severo com a imagem refletida, como quem passa um pito em si mesmo:

- Coitadinho! Tão infeliz! Estão judiando do filhinho da mamãe! Qual o quê! Você

devia ter vergonha na cara! Há milhões de pessoas em situação pior e nem por isso estão *brigadas com a Humanidade*. Tome jeito, rapaz! Pare com isso! Não contamine o ambiente com suas indébitas amarguras! Experimente sorrir!

Um homem de ânimo forte, desses que enfrentam as situações mais difíceis fazendo blague, teve grave problema circulatório que culminou com a amputação de uma perna. Algum tempo depois se manifestou o mesmo mal na outra perna, que foi também amputada. Após a segunda cirurgia, tão logo despertou da anestesia, o médico perguntou-lhe:

- Então, como se sente?

- Bem, doutor, mas há um probleminha que será difícil solucionar.

— *Fale. Farei o que for possível.*

— *Creio que nem o senhor poderá me ajudar. E que sem as pernas não sei mais em que pé está a situação...*

Quem consegue rir dos próprios males jamais será infeliz. Neste aspecto, o grande campeão foi Jerônimo Mendonça, o valoroso tarefeiro espírita de Ituiutaba. Quadriplégico e cego, impossibilitado de mexer um único dedo, preso ao Jeito adaptado, misto de poltrona, de onde nunca saía, jamais esteve inativo.

Ditando livros, pregando a Doutrina Espírita, cantando as bênçãos do Evangelho, dirigindo obras assistenciais, viajando por inúmeros Estados, a exaltar sempre os valores da alegria e do bom ânimo, transformou-se em exemplo marcante das inesgotáveis potencialidades do Espírito Humano, decidido a enfrentar a adversidade sem render-se à tristeza e ao desalento.

Perguntaram-lhe, numa entrevista, o que era a felicidade.

— Bem, para mim que estou deitado de costas há anos, preso ao leito, sem me mexer, a felicidade seria deitar de bruços.

Após comparecer a uma apresentação de Roberto Carlos, comentou com o cantor, de quem era amigo:

— *Você foi aplaudido em pé, mas eu fiz mais sucesso: saí carregado!*

No livro *A Cura Pelo Poder do Riso*, o Doutor Raymond Mood Junior explica que o cultivo da alegria é um excelente recurso terapêutico. Segundo ele, experiências demonstram que a apresentação de humoristas em hospitais produz resultados surpreendentes em favor da recuperação dos pacientes.

Isso não é novidade. A sabedoria popular ensina que uma boa gargalhada desopila o fígado. O bom humor é um elixir maravilhoso que ameniza as agruras da existência e favorece a saúde.

• •

Um homem cheio de problemas se refugiou na sombria fumaça da alienação mental. Incapaz de enfrentar os percalços existenciais assumiu, em sua fantasia, a ideia de que era Deus. Um deus agressivo e autoritário que acabou internado em clínica para doentes mentais.

O psicanalista, na primeira entrevista, perguntou-lhe:

— Vamos tentar definir a origem de seus problemas. Diga-me como tudo começou:

O paciente, sem pestanejar, respondeu:

— Bem, no princípio criei o Céu e a Terra...

Pacientes assim, que perderam a capacidade de enxergar a realidade, não têm condições para achar graça em coisa alguma. Tornam-se eles próprios uma anedota.

Antes que atinjamos semelhante estágio, em face de contrariedades e dissabores,

podemos perfeitamente preservar a própria sanidade, aliviando tensões desajustantes e emoções perturbadoras, com pitadas de bom humor e exercícios de otimismo e serenidade.

O ideal seria o cultivo de uma atitude filosófica, o empenho por encararmos a realidade sob a ótica da reflexão.

Xantipa, esposa de Sócrates, era uma mulher de gênio terrível, dessas que fazem qualquer mortal arrepender-se do casamento. Há quem diga que ele tinha duas opções: tornar-se filósofo ou matar a mulher. Felizmente optou pela primeira e a Humanidade ganhou um de seus grandes filósofos.

Quando foi preso e condenado à morte, sob a alegação de que corrompia os jovens, apenas porque os ensinava a pensar, Xantipa não se conformava:

— Não aceito isso, Sócrates. Os juizes não podiam condená-lo!

O filósofo respondeu:

— Não te preocupes. Eles também estão condenados. Morrerão um dia...

— Mas és inocente!

E ele, tranquilo:

— Preferirias que eu fosse culpado?

Se o olhar vai além das humanas limitações, buscando o Infinito, o coração jamais se perturba.

Livro nº 10 — 1990 *Um Jeito de Ser Feliz* Comentários em torno de *Esperanças e Consolações* 4a. pane de *O Livro dos Espíritos* Editora: CEAC-Bauru

0 ENIGMA DO BERÇO

Graziela, eficiente enfermeira encarregada do berçário em grande hospital, procurou o chefe da pediatria.

— Doutor Plácido, trago-lhe uma charada. Venho notando que os bebês que ficam no último berço, no canto, choram menos, dormem melhor...

— Cantinho mágico?

— Pode parecer tolice, mas outras enfermeiras constataram o mesmo.

— Não há nada que justifique tal diferença. Certamente se trata de mera coincidência.

— O cúmulo da coincidência, pois muitos bebês já estiveram naquele berço e, invariavelmente, eram mais calmos.

— Então há uma fada protetora que fica ali.

— Ora, doutor, falo sério!

— Eu também. Talvez seja um berço milagroso, fabricado com madeira especial.

— Continua brincando, mas, por favor, pense no assunto.

— Está bem, vou contratar um detetive!

Embora aparentando não levá-la a sério, Plácido passou a observar o berço e constatou que Graziela tinha razão. Os bebês que ali ficavam eram sempre mais acomodados.

Certamente existia uma causa. A fada bem poderia ser uma incidência luminosa adequada, um posicionamento favorável, ventilação melhor, colchão mais confortável, menos ruídos... Checou tudo. As condições eram absolutamente iguais em todos os berços.

Pensou na alimentação. Negativo. Os bebês eram alimentados dentro de critérios e horários rigorosamente observados.

E se houvesse diferença de tratamento? Alguma enfermeira mais eficiente, encarregada daquele berço?

Também não. Todas se revezavam no atendimento. Intrigado, o médico passou a visitar o berçário em diferentes horários e foi no período noturno que, finalmente, encontrou a desejada solução.

Eram perto de vinte e duas horas. A enfermeira de plantão se postava no corredor, enquanto a serviçal da limpeza passava o pano molhado no chão. Observou-a, discreto, sem que ela percebesse sua presença.

Tratava-se de senhora idosa, de fartas gorduras. Certamente a tarefa impunha-lhe *penosos sacrifícios*, porquanto, chegando ao canto do berçário, postou-se diante do berço *privilegiado e*, enquanto descansava, dando tréguas ao corpo *sofrido*, conversava *com seu ocupante*:

- Vida dura, meu anjinho! Minhas costas *doem como se tivessem recebido pauladas!* Feliz é você que fica af, tranquilo como um príncipe, sem precisar trabalhar! E só *sombra e água fresca*, né? Gracinha!

Durante vários minutos ela felou com o bebê. Depois, suspirando, tornou ao serviço.

Plácido sorria, entre perplexo e feliz. Finalmente resolvera o *enigma. Encontrara a fada.*

No dia seguinte, as enfermeiras receberam importante orientação: deveriam conversar com os bebês enquanto cuidavam deles.

E o *milagre* daquele berço estendeu-se por todo o berçário.

Torturadores astutos sabem que o insulamento completo, sem nenhum contato humano, é a melhor forma de desequilibrar suas vítimas, predispondo-as ao colapso nervoso. Assim, torna-se fácil arrancar-lhes as informações desejadas.

Nesse particular, o bebê não difere do adulto. Ele também precisa de contato com as pessoas. 1 fundamental que se fale com ele, em inflexão de carinho e solicitude.

Recusar-lhe semelhante benefício, por omissão ou indiferença, será submetê-lo à desajustante tortura do silêncio.

Livro nº 11 - 1991 *Encontros e Desencontros* Histórias Editora: CEAC-Bauru

ALMA GÊMEA OU ALGEMA?

As almas que devam unir-se estão, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, sua metade, a que fatalmente um dia se reunirá?

Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.

Questão 298, de *O Livro dos Espíritos*

Num de seus célebres diálogos, *O Banquete*, Platão narra curiosa alegoria referente ao amor.

Nos primórdios do Mundo, aqui viviam insólitos seres andróginos, de duas faces e dois pares de braços e pernas. Por terem desabado os deuses, foram divididos ao meio. Desde então, estas duas metades, uma feminina, outra masculina, buscam, ansiosas, a unidade perdida.

Do ponto de vista emocional e psicológico, diríamos que o homem e a mulher, com suas características próprias, eminentemente másculas ou feminis, são, realmente, duas partes que se completam:

O cérebro e o coração.

A razão e o sentimento.

A força e a sensibilidade.

A energia e a doçura.

Este encaixe idealizado lembra a teoria das almas gêmeas, destinadas à união eterna.

Daí, talvez, a expressão *cara-metade*, usada no relacionamento conjugal. Ou *metade-cara*, quando o marido refere-se jocosamente aos gastos excessivos da esposa.

• • •

Principalmente os jovens, iniciantes na arte de **amar**, sonham encontrar essa **metade**, alimentando ternos anseios de uma convivência perfeita, de um afeto sem fim, marcados por imensa ternura e imorredoura ventura.

Quase todos encontram seu par. Raros concretizam **seus** sonhos, porquanto a Terra é um planeta de expiação e provas, onde a maioria dos casamentos representa o cumprimento de compromissos de reajuste assumidos perante a Espiritualidade.

Por isso, passadas as primeiras emoções, quando os cônjuges enfrentam as realidades do dia a dia, os problemas relacionados com a educação dos filhos, as dificuldades financeiras e, sobretudo, o confronto de duas personalidades distintas, com suas limitações, ansiedades, viciações, angústias e *desajustes*, não tardam em desconfiar que a suposta **alma gêmea seja apenas uma algema**, cerceados que se sentem em sua liberdade, frustrados em suas aspirações.

Muitos se casam arrebatados de amor, que logo se esvai no *sorvedouro dos* atritos e dificuldades do matrimônio. Julgando

que erraram na escolha, alimentam secreto desejo de um novo encontro, na eterna procura da alma afim.

Não raro, rompem os compromissos conjugais e partem, decididos, reiniciando a procura. E encontram novas algemas, perenizando suas angústias e gerando problemas que se sucedem, a envolver principalmente os filhos, vítimas indefesas dessas uniões efêmeras.

O sucesso no casamento implica compreender que não há metades eternas que se buscam para completar-se, como na alegoria platônica.

Há, isto sim, Espíritos que sustentam uma convivência fraterna, com o empenho por ajustarem-se às Leis Divinas, superando seus desajustes íntimos, suas deficiências e fragilidades.

Um coração amargurado, um caráter agressivo, uma vocação para o ressentimento, um comportamento impertinente - tudo isso azeda o casamento.

Existe um engano de perspectiva, um equívoco generalizado. As pessoas estão esperando que o casamento dê certo para que sejam felizes, quando é imperioso serem felizes para que o casamento dê certo.

A felicidade, por sua vez, não repousa em alguém, no que possa nos oferecer ou fazer, mas, essencialmente, nos valores que conseguimos desenvolver em nós mesmos, em nosso universo interior.

Somente assim poderemos contribuir de forma decisiva para um casamento bem sucedido.

Fundamental, nesse particular, que nos detenhamos na definição do amor, o

principal agente das uniões conjugais.

O amor legítimo não é uma flecha de Cupido que nos atinge.

Não é uma fonte que brota borbulhante.

Não é mera chama arrebatadora, como destaca a bela, mas equivocada, imagem poética de Vinícius de Moraes:

Que não seja imortal, posto que é chama,

Mas que seja infinito enquanto dure.

Muito mais que chama de atração efêmera, o amor pede os valores da convivência para que se desenvolva e consolide.

Cônjuges que se querem bem, que se amam de verdade, são aqueles que atravessaram juntos as tempestades da existência, relevando um ao outro as *falhas*, cultivando compreensão, *respeito e boa vontade*.

Assim, a algema de hoje poderá ser a alma gêmea de amanhã, mesmo porque o objetivo maior do casamento é a harmonização dos *Espíritos* que se unem para experiências na Terra.

Hoje atritados, talvez até adversários de outras existências. Amanhã amigos, amantes de verdade!

...

É lamentável quando os casais se separam, *adiando a própria edificação*. O mesmo podemos dizer quando alguém proclama *que suporta o cônjuge por fidelidade à religião ou aos filhos*.

Na *avaliação de nossas experiências terrestres*, quando *regressarmos ao Plano Espiritual*, uma das medidas ponderáveis, ver se aproveitamos a experiência humana, diz respeito à convivência com as pessoas, principalmente no lar.

Retornamos ao Além levando rancores, ódios, mágoas, ressentimentos? Deixamos inimigos e inimizades?

Perdemos tempo, complicando o futuro.

Harmonizamos-nos com os familiares? Edificamos a fraternidade legítima? Construimos as bases de um entendimento cristão com o semelhante?

Otimo. Teremos realmente valorizado a jornada terrestre, habilitando-nos a estágios em regiões felizes, habitadas por almas afins, gêmeas na virtude, na sabedoria, no empenho por cumprir as Leis de Deus.

Livro nº 12 — 1992 *Quem Tem Medo dos Espíritos?* Comentários em torno de *Do Mundo Espírita e dos Espíritos*, segunda parte de *O Livro dos Espíritos* Editora: CEAC-Bauru

0 ESPÍRITA E A POLÍTICA

1 - Deve o espírita entrar nas lides políticas?

Entendo que como espíritas podemos entrar em qualquer lugar. O importante é como sairemos, sem comprometimentos com o mal, compromissados com o Bem.

2 — Por que muitos espíritas consideram um pecado envolver-se com essa atividade?

O termo *política* está desgastado. Vemo-lo associado a corrupção, desonestidade, mentira, tráfico de influência, suborno. Daí a resistência.

3 — Mas não é isso mesmo?

Semelhante ideia exprime um equívoco. A ação política que trata da

organização e do governo do Estado é fundamental | estabilidade social. Não pode ser rotulada negativamente em virtude da existência de maus políticos, da mesma forma que não podemos denegrir a Medicina porque há maus médicos. Veneráveis vultos espíritas, como Bezerra de Menezes e Cairbar Schutel, exerceram cargos políticos.

4—O homem público está sujeito a muitas pressões e, geralmente, para conseguir seus objetivos, até mesmo quando justos, é obrigado a fazer concessões que não são compatíveis com a ética. Será razoável entrar nesse covil de lobos?

Na questão 932, de *O Livro dos Espíritos*, pergunta Kardec: *Por que, no Mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?* Responde o mentor: *Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, prepondera-rão. Sábia colocação que se aplica a qualquer atividade humana. Justo, portanto, que o espírita se disponha ao desafio de moralizar a atividade política de que venha a participar.*

5 — Vários movimentos religiosos têm representantes nas câmaras municipais, estaduais e federal. Raramente vemos espíritas ali. Por quê?

Por desorganização dos espíritas. Não fomos capazes sequer de eleger o jornalista Freitas Nobre para a Assembléia Nacional Constituinte de 1987. Poderíamos ter não apenas ele, mas pelo menos um deputado para cada Estado, contribuindo para que as idéias espíritas no campo social

6-0 empenho por eleger determinado candidato não desvirtuará o Centro Espírita?

Não devemos transformar a tribuna espírita em veículo de propaganda eleitoral, nem a casa espírita em reduto partidário. Mas, no círculo de nossas relações, junto a companheiros vinculados ao movimento espírita, podemos trocar idéias sobre o assunto, dispondo-nos a apoiar candidatos espíritas que julgemos dignos de nosso voto e de nosso empenho.

7 — Não poderá ocorrer que venhamos a eleger um espírita que, não obstante merecer nossa confiança sob o ponto de vista moral revele-se incompetente no exercício de suas funções?

Corremos esse risco em relação a qualquer candidato. Nosso dever é minimizá-lo com o exercício do bom senso e do discernimento.

Livro nº 13 — 1993 *A Força das idéias* Perguntas e respostas sobre temas de atualidade Editora: O Clarim-Matão

0 GUARDA-CHUVA

Leonrino não estava conseguindo...

Espírito desencarnado, assediava José Onofre, com o propósito de vingar-se de passadas ofensas.

Localizara-o em nova jornada na carne e pretendia infer-nizar-lhe a existência, envolvendo-o na obsessão.

No entanto, o antigo desafeto resistia às suas investidas, conservando-se perfeitamente ajustado.

Resolveu apelar para um companheiro mais tarimbado. Procurou Quirino, especialista em atazanar pessoas, hábil em suas investidas, alguém que a tradição religiosa definiria como um ser demoníaco.

Nada disso! Era apenas um transviado filho de Deus que não se dera ainda ao

trabalho de avaliar a semeadura de espinhos que vinha efetuando, os quais fàtalmente colheria um dia, em penosos reajustes.

• •

O experiente obsessor ouviu-lhe as frustrações e indagou:

Identificou-lhe as fraquezas?

- Sim.

- E quais são?

- **Certa tendência à tristeza, caráter introvertido; alguma preocupação com a saúde; eventuais crises de *afetividade* no lar; gosta de aperitivos e não | insensível aos encantos femininos.**

- ***Então, não conseguiu puxar esses fios para enovelá-lo.***

- **Bem que tentei, mas sem resultado. Não tem tempo para render-se às próprias mazelas. Vinculado a um Centro Espírita, ocupa rodas as suas horas livres em serviços diversos: visita doentes, atende necessitados, cuida de crianças, fãz plantão no albergue, aplica passes magnéticos, participa de reuniões mediúnicas. O homem não para! Simplesmente não sobra espaço em sua mente para infiltração de idéias obsessivas.**

Quirino franziu o cenho.

- **Quando nossas presas encasquetam a ideia de que devem ocupar o tempo ajudando o semelhante fica difícil. Buscou o ataque por vias indiretas?**

- ***Sim, sim, segui Reimente nossos programas. Explorei as tendências neuróticas da esposa, criando-lhe embaraços no lar; provoqueei problemas financeiros, complicando seus negócios; envolvi o Rlho com drogas; semeei desentendimentos no Centro Espírita; acentuei seus males físicos, mas o homem é uma rocha. Situa-se inabalável, confiando-se á proteção divina.***

Leontino suspirou, completando:

- **Simplesmente, José Onofre se recusa a uma reação negativa que me dê ensejo para atingi-lo. O que você me aconselha?**

-- ***Desista.***

- ***Ora essa! E tudo que tem a dizer?***

- ***Estou apenas sendo realista. O problema é que seu desafeto abriu o guarda-chuva protetor. Você pode fazer desabar sobre ele tempestades existenciais violentas. Não logrará atingi-lo.***

- E o que vem a ser essa proteção?

- A prática do Bem aliada à confiança em Deus. E preciso esperar torcendo para que ele se decida a fechar o guarda-chuva.

• •

Quem é José Onofre?

Missionário? Espírito superior? Santo?

Nada disso.

E um homem comum, com suas fraquezas e imperfeições.

O que o distingue é o empenho em cumprir a orientação contida na questão n.º 469, de *O Livro dos Espíritos*, quando Allan Kardec pergunta:

Como podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

E vem ! orientação incisiva:

Praticando o bem e pondo em Deus a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós.

Simples, não é mesmo, leitor amigo?

Vamos abrir o nosso guarda-chuva?
Livro nº 14 — 1993 *Quem tem medo da Obsessão?* Estudo sobre influências espirituais Editora: CEAC-Bauru

COM ALMOFADA FICA MELHOR

Há predestinação na união da alma com tal ou tal corpo, ou só a última hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

O Espírito S sempre, de antemão, designado. Tendo escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal Espírito se uniria a tal corpo.

Questão 334, de *O Livro dos Espíritos*

O retorno do Espírito à carne não é simples aventura. Um dos cuidados fundamentais dos mentores espirituais diz respeito à família.

Ela é constituída, normalmente, de Espíritos que tiveram alguma ligação do passado, boa ou má, de afetividade ou desentendimento. Além de objetivos outros, determinando a formação do agrupamento doméstico, há dois básicos:

Consolidação de afeições e desintegração de aversões. Filhos rebeldes e agressivos, revoltados contra os genitores, talvez porque deles foram inimigos ou, mais acertada-mente, porque são deseducados, proclamam nos momentos de desentendimento:

— Não pedi para nascer! Vocês me puseram no Mundo! **Conformem-se**, portanto, com minha maneira de ser! **Infelizes e injustas** afirmativas!

Espíritos conscientes de suas limitações procuram **por pessoas** dispostas a acolhê-los, com a **avidez de** quem se **agarrar a uma** tábua de salvação. Mais que **pedir, imploram-lhes o ensejo** abençoado **do recomeço**.

Se nossa família não nos parece a ideal; se pais, filhos, cônjuge, irmãos, não se enquadram em nossas fantasias afetivas, estejamos certos **de** que atendem **às nossas necessidades** L evolutivas. **Não estaríamos juntos** sem justas razões.

Particularmente em relação aos pais, podemos apontar inúmeros defeitos neles que nos desagradam, mas uma **só virtude é suficiente para nos calar: Eles abriram as portas da reencarnação para nós**.

000

A posição social é outro fator de planejamento reencar-natório.

Podemos dividir a sociedade em cinco classes:

Rica, média **alta, média, pobre e miserável**.

Qual a melhor para se viver? **Qualquer pesquisa apontaria uma quase unanimidade: a primeira.**

Se devemos sofrer na Terra, que seja num **paldcio, jamais numa choupana.**

O dinheiro não traz a felicidade. Manda buscá-la.

Afirmativas dessa natureza revelam um equívoco na apreciação das contingências humanas.

A riqueza é uma das experiências mais difíceis, porquanto facilita o cultivo dos vícios, estimula as ambições, desperta a volúpia pelo poder.

Recusando-se a considerar sua posição de mordomo divino, a administrar bens que pertencem a Deus, dificilmente o homem rico se disporá a utilizá-los em favor do progresso e do bem-estar de seus subordinados. Estes serão, na ótica empresarial, nomes descartáveis,

ao sabor de suas conveniências.

- Demitam funcionários de *a ag*— determina o capitão de indústria a discutir com seus executivos medidas de contenção de despesas numa de suas empresas.

Nenhuma preocupação com o tempo de serviço, eficiência, encargos familiares, quantidade de filhos... Apenas a praticidade de uma providência sumária.

Pobre Antônio, carregado de filhos e compromissos! Se sua mãe, devota do santo de Pádua, houvesse homenageado São Paulo, seu emprego estaria garantido.

- Melhor a pobreza. A ausência de facilidades freia as tendências inferiores do pobre, impondo-lhe severas disciplinas. E também estimulado à fraternidade, à medida que sofre na própria pele males que afligem o semelhante. Campanhas de arrecadação de mantimentos em favor de obras assistenciais sempre obtêm melhores resultados em bairros humildes.

Semelhantes ponderações são acertadas, mas é preciso lembrar que a pobreza também apresenta inconvenientes, comprometendo, não raro, a iniciativa da população carente em face da subnutrição.

Além disso, as dificuldades materiais podem ser más conselheiras, induzindo Espíritos imaturos à tentativa de resolver seus problemas apelando para a criminalidade, que costuma **crescer** proporcionalmente à recessão **econômica**.

O ideal será considerar sempre que em qualquer posição **social** temos oportuno **estágio oferecido pela Bondade** Divina. Nele, **facilidades** e dificuldades aparecem como **desafios em** que somos **chamados a** mobilizar nossas **potencialidades criadoras para um pleno aproveitamento das oportunidades de** edificação da **jornada humana**.

000

A profissão é outro item de relevância no projeto reencarnatório. Sempre que possível há o cuidado de ajustar o **corpo ao tipo de atividade que o Espírito irá desenvolver**.

As leis da genética são invioláveis. A cor dos olhos e da pele, a estrutura óssea, a compleição física e outros detalhes obedecem a um somatório de caracteres transmissíveis pelos pais.

Mas, em determinados detalhes há a interferência dos técnicos espirituais, **favorecendo o planejamento feito**.

Se o indivíduo preparou-se para ser cantor lírico, terá toda uma adequação das cordas vocais, laringe, pulmões, caixa torácica...

Se vinculado a atividade intelectual, terá ativados os centros cerebrais que lhe favoreçam o raciocínio.

Certa feita, numa excursão da seleção brasileira de futebol à Europa, o jogador Edson Arantes do Nascimento, o nosso Pelé, esteve em famosa clínica médica. A título de estudo, foi examinado por fisiologistas e fisioterapeutas. Concluíram, admirados, que sua estrutura física era perfeita para o esporte, particularmente o futebol.

Por tudo o que fez como jogador, pela sua genialidade, eleito pela crítica internacional como o atleta do século XX, e pelo povo como o rei do futebol, podemos dizer que se trata de um Espírito que veio com a tarefa de combater os preconceitos raciais. Ele tem demonstrado que o valor do indivíduo não está na cor de sua pele, mas no que ele consegue realizar como ser humano, no setor de atividade em que está inserido.

• •

Por outro lado, determinadas deficiências físicas são, não raro, solicitadas pelo próprio reencarnante. Quanto mais consciente estiver de suas fraquezas e necessidades,

maior o seu cuidado em planejar limitações que inibam suas tendências inferiores e o ajudem a transcender o imediatismo humano.

Uma úlcera gástrica, uma insuficiência cardíaca, um problema motor, uma limitação orgânica são, geralmente, os mais eficientes argumentos, o convite mais convincente para que o indivíduo procure os valores espirituais.

Sofrimentos e dores do Mundo despertam o anseio de Deus.

• •

A Doutrina Espirita deixa bem claro que a posição social, a família, a atividade profissional, a estrutura física em que nos situamos na Terra, representam oportunidades de evolução e o nosso teste, não nos sendo lícito, portanto, clamar aos céus quando não correspondam às nossas expectativas.

Há, a propósito, a história daquele homem que não se conformava com sua cruz.

— E muito pesada, meu Deus! Não estou suportando o peso das dificuldades e problemas que venho enfrentando!...

E tanto reclamou que, certo dia, invisível mão retirou-lhe a cruz e foi levado a um lugar onde havia milhares delas empilhadas.

Desconhecida voz explicou que lhe fora dado escolher outra, que melhor se ajustasse às suas forças e disposição.

Animado, examinou atentamente as cruzes. Finalmente, depois de demorada avaliação, pegou aquela que lhe pareceu a ideal.

Quando a colocou sobre os ombros, verificou, espantado, que era aquela de cujo peso reclamara tanto.

A Vida nos situa exatamente onde devemos estar, em favor de nosso aprendizado, competindo-nos fazer o melhor, em favor de nossa felicidade.

Uma única providência é lícita e recomendável: Colocar uma almofada entre a cruz e os ombros. Ela é feita das virtudes cristãs.

Quando nos dispomos a servir, amar, perdoar, compreender, amparar, confraternizar, tão leve fica nossa cruz que até nos esquecemos de que estamos a carregá-la.

Livro nº 15 — 1994 *Viver em Plenitude* Comentários em torno de *Do Mundo Espirita e dos Espíritos*, segunda parte de *O Livro dos Espíritos* Editora: CEAC-Bauru

A MELHORA DA MORTE

Diante do agonizante, o sentimento mais forte nos familiares é o de perda pessoal.

— Meu marido não pode morrer! E o meu apoio, minha segurança!

— Minha esposa querida! Não me deixe! Não poderei viver sem você!

— Meu filho, meu filho! Não se vá! Você é muito jovem! Que será de minha velhice sem sua proteção?

Curiosamente, ninguém pensa no moribundo. Mesmo os que aceitam a vida além-túmulo multiplicam-se em vigílias e orações, recusando admitir a separação.

Esse comportamento ultrapassa os limites da afetividade, desembocando no velho egoísmo humano, algo parecido com o presidiário que se recusa a aceitar a ideia de que seu companheiro de cela vai ser libertado.

O exacerbatamento da mágoa, em gestos de inconformação e desespero, gera fios fluídicos que tecem uma espécie de teia de retenção, a promover a sustentação artificial da vida física. Semelhantes vibrações não evitarão a morte. Apenas a retardarão, submetendo o

desencarnante a uma carga *maior* de sofrimentos, prolongando a agonia.

E natural que, diante de sério problema *físico* a *abater-se* sobre alguém muito caro ao nosso coração, *experimentemos* apreensão e angústia. Imperioso, porém, que não *resvalem* para a inconformação, que sempre complica os *problemas*, principalmente os relacionados *com a morte*.

Quando os familiares não aceitam a perspectiva da separação | formando a indesejável teia vibratória, os técnicos da Espiritualidade promovem, com recursos magnéticos, uma recuperação artificial do paciente que, mais pra Lá do que pra cá, surpreendentemente começa a melhorar, recobrando a lucidez e ensaiando algumas palavras.

Geralmente, tal providência é desenvolvida na madrugada. Exaustos, mas aliviados, os retentores vão repousar, proclamando:

— Graças a Deus! O Senhor ouviu nossas preces!

Aproveitando a trégua na vigília de retenção, os benfeitores espirituais aceleram o processo desencarnatório e iniciam o desligamento. A morte vem colher mais um passageiro para o Além.

Raros os que consideram a necessidade de ajudar o desencarnante na traumatizante transição. Por isso, é frequente a utilização desse recurso da Espiritualidade, afastando aqueles que, além de não ajudar, atrapalham.

Existe até um ditado popular a respeito do assunto:

Foi a melhora da morte! Melhorou para morrer!

Melhorou para afastar familiares inconformados que atrapalhavam a desencarnação.

Livro nº 16 — 1994 *Vencendo a morte e a obsessão* Composto a partir dos textos de *Quem Tem Medo da Morte?* e *Quem Tem Medo da Obsessão?* Editora: Pensamento-São Paulo

A SÍNDROME DE CAROLINA

— Não provei e não gostei!

Essa a tácita informação de minha filha Carolina, que já aos três anos revelava a espantosa autodeterminação das crianças de nosso tempo, recusando-se terminantemente a ingerir certos alimentos, ainda que dotados de um visual dos mais convidativos.

Eventualmente, após muita insistência, dignava-se a oferecer uma *colher de chá* aos *coroas*.

Então, adorava, empanturrando-se.

...

Penso nessa tendência infantil quando alguém sugere uma atividade nova no Centro Espírita Amor e Caridade, do qual participo.

Não raro, a ideia sofre séria ameaça de rejeição no nascedouro, simplesmente na base do *não provei e não gostei*, que eu chamaria de *Síndrome de Carolina*.

Por que não oferecer um voto de confiança, com a disposição de implementá-la? Afinal, se não lograrmos sucesso, ficará **a experiência, igualmente valiosa em relação a empreendimentos futuros. E haverá o grande mérito de não sufocarmos a iniciativa e a criatividade dos companheiros.**

Mesmo as melhores ideias são, em princípio, plantinhas frágeis, facilmente esmagadas por objeções e dúvidas que, geralmente, nada mais exprimem senão desinteresse e má vontade.

• • •

Sofri a Síndrome de Carolina antes da instalação do Clube do Livro Espírita de Bauru.

No início dos anos 70, em contato com José Reis, de Marília, e Leopoldo Zanardi, que residia em Tupã, ouvi referências entusiasmadas quanto à eficiência do CLE, trabalho pioneiro naquelas cidades.

Diretor do Departamento do Livro, órgão da União Municipal Espírita de Bauru, UMEB, refiiguei por bom tempo a ideia de criar o CLE, sem sequer apresentar uma justificativa consistente. *Desaprovei*, antes de provar.

A insistência de ambos acabou por convencer-me. Em 1973 era fundado o CLE de Bauru, patrocinado pela UMEB.

O primeiro livro foi *Chico Xavier Pede Licença*, uma coletânea de mensagens psicografadas pelo querido médium, com comentários de Herculano Pires, edição GEEM, de São Bernardo do Campo.

Começamos com duzentos associados. Em breve eram mais de mil! Um espanto! Jamais se venderam tantos exemplares de um livro em Bauru. E isto vem ocorrendo todos os meses, desde aquele recuado janeiro de 1973.

O CLE tem aspectos marcantes:

Aumenta o movimento em bancas, feiras, livrarias, à medida que desperta interesse pela literatura espírita.

Com entregas em domicílio, o livro entra na casa de pessoas que nunca entraram em instituição espírita.

Amplia tiragens e edições de obras publicadas, reduzindo o preço.

E, sobretudo, vende muito. Venda certa, mensal, constante, a distribuir livros e mais livros à mão cheia, convidando o povo a *pensar* o Espiritismo, como diria Castro Alves.

• • •

Em 1976, em face do sucesso estrondoso do CLE de Bauru, dispparamos a campanha *O Ovo de Colombo*, patrocinada pela UMEB. Consistia na distribuição gratuita de um livreto com instruções para a instalação desse serviço em outras cidades.

O título passava a ideia de que a divulgação do livro espírita, empreendimento que muitos consideram complicado e dispendioso, pode ser facilmente *colocada em pé*, lembrando a experiência de Cristóvão Colombo que fez o mesmo com um ovo, algo aparentemente impossível, simplesmente quebrando com ligeiro toque a extremidade que serviria de base.

Um pequeno esforço para **quebrar a Síndrome de Carolina**, e eis o CLE a confirmar seu incomparável potencial em favor do livro espírita.

Com a colaboração de *Merhy Se* ba, ligado à área de publicidade, foram preparados anúncios distribuídos a vários jornais e revistas espíritas, com sugestivos **slogans**:

Você ainda não instalou o CLE em sua cidade? Não sabe o que está perdendo!

Sua cidade já colocou este ovo em pé?

A maior caridade que praticamos em relação à Doutrina Espírita é a sua própria divulgação.

Este último, **dotado de** extraordinária força de comunicação, **foi** extraído de uma mensagem **de** Emmanuel, conforme era **citado no anúncio**. Desde então, **é usado pela** imprensa espírita sempre **que se destaca a importância do livro espírita**.

A **campanha** obteve **ampla repercussão**.

Foram distribuídos mil e duzentos livretos, e tivemos notícias da instalação de

cento e quinze clubes em todo o **Brasil**, particularmente no Estado **de São** Paulo.

Acalento um sonho:

Ver **chegar o dia em que, vencida a Stndromede Carolina, todas as cidades brasileiras tenham o** seu **CLE, como apoio e referencia de um movimento** espírita atuante e empreendedor.

Depende de você, leitor amigo.

Pense nisso!

Você pode ser a diferença entre o sonho quimérico e a gloriosa realização.

Livro nº 17 — 1995 *Tempo de Despertar* Dissertações e histórias sobre temas de atualidade Editora: FEESP-São Paulo

UMA JOVEM DESILUDIDA

1 — *Eu estava noiva, casamento marcado. Meu noivo envolveu-se com outra mulher e desmanchou o compromisso. Estou desiludida e infeliz. Como enfrentar o problema?* Considere que a desilusão tem um aspecto altamente positivo. Significa que você estava iludida quanto aos sentimentos de seu noivo. Melhor acontecer agora. Depois, com o casamento, filhos, vida em comum, seria bem pior.

2 — *Mas sinto que ele é o homem de minha vida...*

Esteja certa de que o *homem de sua vida* não a deixaria por outra. Afinal, com seu gesto ele deixou evidente que você não é a mulher da vida dele.

3 — *Como explicar o extremado amor que lhe devoto?* Amor extremado é paixão, péssima conselheira que sustenta rancores e mágoas que infernizam nossa existência.

4 — *Não consigo imaginá-lo com outra. Tenho ganas de matá-lo.*

Isso demonstra que efetivamente não o ama. Amar é querer o bem de alguém. Se o amasse de verdade respeitaria sua decisão, seu direito de decidir o próprio destino.

5 — *Os criminosos não devem ser punidos?*

A justiça ! da competência de Deus. O que você pretende ! vingança, algo fora de moda para aqueles que compreendem, com Jesus, que o perdão | o bálsamo divino para todas as mágoas.

6 — *Melhor seria morrer...*

Realmente, a vida espiritual é mais agradável, segundo nos informam os Espíritos, mas apenas para aqueles que partem convocados por Deus, após uma existência em plenitude de trabalho e dedicação ao Bem. Você esrá apenas começando a jornada humana.

/ — *Por três vezes tentei o suicídio. Não tive competência nem para me matar...*

Agradeça a Deus não ter consumado o **suicídio**. Trata-se **de** frustrante gesto **de fuga**. O suicida logo **descobre** que a morte não **existe e colhe sofrimentos** incomparavelmente maiores **do** que aqueles dos quais pretendeu fugir.

1 - *A/ízi pesa-me a desilusão. Como conviver com ela?*

Não conviva. A **desilusão é o cadáver da ilusão**. Logo **cheira mal, odor de** perturbação e **desequilíbrio**. Sepul-te-o. Renove suas motivações existenciais, envolvendo profissão, estudo, amigos, religião... **Experimente ajudar pessoas**. Conhecendo as misérias humanas saberá que seu problema **é** bem menor **do que supõe**.

Livro nº 18—1995 *Não Pise na Bola* Bate-papo com os jovens Editora: O Clarim-Matão

0 QUE E 0 QUEM

Que é Deus?

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as Questão nº 1, de 0 *Livro dos Espíritos*

Pitágoras, que viveu no século VI a.C., foi um dos mais lúcidos Espíritos da antiga Grécia.

Chamado sábio pelos discípulos, respondia que era apenas um *philosophos*.

Em grego, *philos*, amigo; *sophoi*, sabedoria.

O filósofo é um amigo do saber.

Para Platão, outro grande sábio grego, a filosofia deve ser exercitada não por mero prazer especulativo, mas como uma necessidade básica do ser humano, em busca da Verdade. Quem sabe de onde veio situa-se melhor.

Quem sabe por onde anda não se perde nos caminhos. Quem sabe para onde vai não experimenta perplexidade e desalento.

Ele valorizava extremam ente esse empenho. Destacava que a direção das coletividades deve pertencer aos filósofos.

Afirmava:

A não ser que os filósofos se tomem governantes ou que os governantes se tomem filósofos, não haverá solução para as aflições humanas.

O grande problema é que raramente essas orientações têm sido observadas.

Os filósofos procuram o saber não por amor à sabedoria, como Pitágoras, nem por amor à Verdade, como Platão. Apaixonados por si mesmos, pretendem decifrar os enigmas do Universo a partir de uma exaltação da própria vaidade.

Quase sempre cometem um erro fundamental:

Ignoram a presença de Deus no Universo, pretendendo explicar a criação sem um Criador.

Diz Jesus: (Mateus, 11:25):

Graças te dou, ó Pai do Céu e da Terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.

A chave da percepção, que nos coloca em contato com as realidades universais, é a humildade, o reconhecimento da própria pequenez diante do Senhor Supremo, em cujo seio existimos e nos movemos, conforme observa o apóstolo Paulo (Atos, 17:28).

• •

Não menos importante é exercitarmos a razão para apreciar a Regência Divina.

Sem esse empenho incorreremos no milenar engano: conceber um deus antropomórfico, feito à nossa imagem e semelhança, governando a vida universal sob inspiração de paixões típicas da inferioridade humana.

Jeová, o todo poderoso senhor bíblico, vingava-se até a quarta geração daqueles que o ofendiam e determinava que os judeus passassem a fio de espada, em terra inimiga, tudo o que tivesse fôlego'. Mais exatamente, todos os viventes, fossem homens, mulheres, velhos, crianças, aves, peixes, animais...

O deus cristão não tem feito melhor. Basta lembrar que em seu nome sustentaram-se as cruzadas, as fogueiras inquisitoriais, o comércio das indulgências, a monarquia religiosa, a caça às bruxas...

Se falta religiosidade aos pensadores, carecem de racionalidade os religiosos.

Homem culto e sensível, professor por profissão, filósofo por vocação, Allan Kardec sempre se preocupou com os problemas humanos, buscando, sobretudo, um sentido para a vida.

Ao entrar em contato com os Espíritos, nas primeiras reuniões a que compareceu em Paris, no ano de 1855, teve a necessária humildade para enxergar o que enfatuados acadêmicos recusavam ver: a presença de homens desencarnados ou as almas dos mortos, dando notícias do continente espiritual, o que abria um promissor campo de pesquisas.

Mas em momento algum renunciou à lógica e ao bom senso, como enfatiza em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

Fé inabalável só é a que pode encarar a razão, em todas as épocas da Humanidade.

Em *Obras Póstumas*, destaca, referindo-se à sua iniciação:

Compreendí, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender, percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

Outro grande mérito de Kardec foi começar seu trabalho de codificação da Doutrina Espírita a partir da ideia fundamental - Deus, não indo além do que lhe seria dado compreender, com o que evitou especulações fantasiosas.

A primeira pergunta que formulou, ao reconhecer que estava em contato com elevadas Entidades que se propunham a transcender as revelações, evidencia sua sobriedade e discernimento:

Que é Deus?

Normalmente se perguntaria: Quem é Deus?

Soa melhor.

No entanto, qualquer estudante secundário sabe que há uma diferença fundamental entre os pronomes *que* e *quem*.

Quem é Jesus?

Um judeu nascido em Belém, filho do carpinteiro José e sua esposa Maria. Viveu em Nazaré. Morreu crucificado em Jerusalém.

Que é Jesus?

O autor dos ensinamentos que deram origem ao Cristianismo, um movimento religioso que, em vários segmentos, constitui hoje a crença predominante no Ocidente.

O pronome *quem* implica identificação.

O pronome *que* define atividade, condição, qualificação.

Por isso Kardec, sabiamente, não pergunta quem é Deus. Como identificá-lo? Onde nasceu? Qual sua origem, idade, natureza íntima?

Não estamos diante de mistérios no sentido teológico - assuntos proibidos. São apenas informações que escapam ao nosso entendimento no atual estágio evolutivo.

Seria o mesmo que ensinar álgebra a um recém-nascido.

Assim, limitou-se a perguntar quanto à qualificação de Deus e não quanto à identificação.

Ao responder que *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*, os mentores espirituais esgotaram o assunto, nos limites do entendimento humano.

A partir dessa questão fundamental, Kardec desenvolveria as 1.019 questões que compõem *O Livro dos Espíritos*.

Nele temos um roteiro indispensável em favor de nossa felicidade e bem-estar,

inspirando-nos amor ao conhecimento, como exaltava Pitágoras, mas, sobretudo, levando-nos ao conhecimento do Amor, síntese das Leis Divinas, como ensinava Jesus.

Livro nº 19- 1995 *A Presença de Deus* Comentários em torno de *As Causas Primárias*, primeira parte de (9 *Livro dos Espíritos* Editora: CEAC-Bauru

ENQUANTO E TEMPO

Pensei muito antes de escrever este capítulo.

Não quero que você veja este livro como bobagem de gente *xarope*, que vive pondo minhoca na cabeça. Gente que deixa de fazer as coisas boas da vida e chateia os outros com suas idéias.

Escrevi tendo em vista alguns *considerandos*'.

Considere que você tem todo o direito de jogar este livro no lixo, a qualquer momento, sem nenhuma obrigação de colocar em prática o que lê.

Considere que não sou dono da verdade nem pretendo impor nada.

Considere que minha intenção é oferecer-lhe alguns momentos de reflexão (pensar um pouco nas coisas).

E o seguinte, meu chapa:

Se você fuma, se você consome drogas, está danado, sob o ponto de vista espiritual, porquanto candidata-se também a morrer antes do tempo.

Está na *cara de um cego num quarto escuro*, isto é, qualquer pessoa, por mínimo entendimento que possua, sabe que fumo, drogas, álcool, causam problemas físicos e abreviam a vida.

As pesquisas demonstram isso com muita clareza. Assim, todo viciado também é um suicida.

Vai morrer antes do tempo.

E como suicida vai ter problemas no Plano Espiritual.

Os problemas do viciado começam na Terra.

Não conheço nenhum fumante que não tenha dificuldades respiratórias, pigarro, tosse, mau hálito...

Os alcoólatras acabam *cozinhando o fígado*, morrendo de cirrose hepática...

Os amigos das drogas sofrem depressão, desequilíbrio nervoso e incontrolável ansiedade...

Dirá você que não experimenta nenhum desses males, embora **cultive vícios**.

Talvez não os **tenha no presente**, mas **fatalmente vai tê-los, mais cedo ou mais tarde**.

Melhor parar!

...

Qual o método ideal para vencer o vício?

Há muitos, meu **amigo**, mas **nenhum funciona se não houver o** essencial, o mais importante:

Cair na real!

Sentir, no mais fundo de sua Alma, que deve parar.

Se estiver certo do que quer, simplesmente diga para si

— Não beberei, ou não fumarei, ou não consumirei drogas!

Seja senhor de sua vida!

Se você deixar um rato sem água e lhe der um pouco de pinga, ele vai acabar

matando a sede com a bebida.

Repetindo as doses, em breve ele estará na dependência do álcool.

Passará a consumir álcool, mesmo que lhe ofereça também água.

E se você continuar a dar-lhe pinga ele vai continuar bebendo, até morrer.

Isso acontece com o irracional, incapaz de livrar-se dos condicionamentos que lhe impomos.

Você não é um rato!

E um homem! Um ser pensante que pode vencer qualquer condicionamento, se realmente o desejar, usando a inteligência que Deus lhe deu.

• •

Vencer o vício envolve também a fé.

Fé em Deus!

Fé nos Espíritos protetores!

Fé em você mesmo, em sua capacidade de reagir!

Pare enquanto é tempo!

Depois, se não parar, será tempo de prestar contas a Deus e você vai lamentar.

Lembre-se:

Confiando em Deus e em si mesmo você conseguirá!

Livro nº 20 — 1996 *Fugindo da Prisão* Roteiro para liberdade interior a partir de orientações singelas aos sentenciados que estagiam em penitenciárias Editora: CEAC-Bauru

JANEIRO

O sol cumpria com disciplinada fidelidade a tarefa de acender o dia, iluminando a megalópole paulista.

Pouca gente atendia ao convite do despertador sideral em São Paulo, naquele domingo de Ano Novo.

Luísa Manfrini dirigia o automóvel por ruas quase desertas.

Vinha do pronto-socorro, após o atendimento de seu filho Eduardo, que se excedera na bebida.

O jovem seguia no banco traseiro, convenientemente medicado.

Ao lado Marli, a filha adolescente.

O início de mil, novecentos e noventa e cinco sem o marido, após a separação meses antes, inspirava amargas reflexões.

Será o amor mero ardil da Natureza para a perpetuação da espécie? - argumentava com seus botões a respeitável mãe de família, expressão angustiada que ensombrecia seu belo rosto, ainda não maculado por rugas, não obstante mais de meio século de existência.

Afinal, eu e Carlos formávamos um casal muito bem ajustado. .. Trinta e sete anos de vida conjugal, relacionamento feliz, de incontáveis alegrias e raros desentendimentos... No entanto ele me deixou, empolgado por mulher jovem e insinuante. Foi-se o companheiro, enredado em arroubos passionais, lembrando ingênuo adolescente.

Estacionou o carro junto ao sobrado de linhas sóbrias, enfeitado por sorridente jardim.

Coração apertado, sentia bem *fone a presença* do marido, amigo **das** rosas, que costumava *oferecer-lhe* perfumados **botões anunciando declarações de** amor.

Falem melhor as rosas Do que este frágil verso,

Meu amor por você É maior que o Universo.

As rosas haviam murchado.

Os versos dormiam esquecidos em perdido baú.

Impossível, porém, eliminar as lembranças.

O cérebro dizia que era **preciso, mas** o coração recusava-se a obedecer...

- Então, **filho, como se sente?** - *perguntou, procurando **anular a impertinente nostalgia.***

— *Tudo bem, mãe. Já passou...*

O efeito do álcool, sim.

A mágoa que inspirara a **bebedeira, não.**

Como sua mãe, Eduardo vivia um drama de amor.

Após dois anos de tumultuado namoro, rompera em definitivo com Vanessa.

Rompimento não era a palavra exata.

Fora muito mais uma capitulação.

Há meses debatia-se com a frieza da namorada.

Ela vivia distante... Já não o acariciava, nem entoava o celeste *te amo*. Não cogitava mais do futuro em comum, dos sonhos de uma união consagrada pelo casamento.

Ultimamente parecia entediada.

Era decididamente outra pessoa, como se a jovem que amava loucamente houvesse cedido lugar a uma estátua de gelo.

Mas... e eu? — perguntava-se — *Por que não deveria meu amor esgotar-se também? Por que insiste em permanecer forte, mesmo com as esperanças transformadas em desolação? Gostaria de morrer... Haverá solução melhor para a desilusão?*

Pensara em matar-se.

Só não consumava seu desejo porque tinha medo.

E se a vida não se encerrar no túmulo? De que me valerá aniquilar o corpo para transformar-me em alma penada, como ensinam as religiões?

E havia sua mãe.

Afinal, **ela própria enfrentava, resoluto, problema bem** mais grave.

Tratava-se **do companheiro de uma existência inteira que a abandonara, empolgado por outra.**

Pobre mamãe! Faz-se forte, mas bem sei o que tem sofrido. Não lhe darei esse desgosto.

Abraçou-a, carinhoso, a desculpar-se pelo transtorno *que lhe causara.*

• •

Por volta das dez, Lu/sa conversava com Benê, a serviçal *doméstica*, quando soou a campainha.

Abrindo a porta deparou com simpático visitante, sorriso luminoso, rosto jovial emoldurado por farta cabeleira nevada, entre setenta e oitenta anos que não lhe pesavam no corpo esguio.

— Bom dia, Lu/sa. Feliz Ano Novo!

— Para o senhor também...

O visitante lhe parecia familiar.

Esforçava-se por definir de onde o conhecia.

— Não se dê ao trabalho de *reconhecer-me*. Nunca nos vimos. Moro em Belo Horizonte. Sou velho amigo de seu tio Isaltino. Trago uma carta para você.

Lu/sa abriu e leu:

Querida sobrinha. Feliz Ano Novo para todos. Envio-lhe um presente: meu amigo Osório. Falo sério. E um presente “mesmo”, muito especial! Você verá. Ele permanecerá algum tempo em São Paulo, cuidando de assuntos particulares. Não tem família nem recursos para a estada em hotel. Peço-lhe acolhê-la. Abraços. Isaltino.

Não pôde conter o sorriso:

Ah! O tio Isaltino! Só ele para dar-me um encargo como presente!...

— Entre, senhor Osório. Temos prazer em recebê-lo.

— O senhor ficará do lado de fora. Quanto a mim, espero não lhe causar transtornos...

— Fique tranquilo. A casa é grande. Estará bem acomodado num apartamento destinado aos hóspedes.

Livro nº 21 — 1996 *O Vaso de Porcelana* Romance — problemas existenciais, envolvendo família, namoro, casamento, obsessão, paixões...

Editora CEAC-Bauru

A VISAO DE DEUS

— Procuro por Deus. Será que O encontrarei neste Centro Espírita?

— Deus está em toda parte.

— Ledo engano. Frequentei muitas igrejas, percorri muitos caminhos e só vi mentira e hipocrisia. Se você quiser esconder-se de Deus, vá aos templos religiosos! Espero que aqui seja diferente.

— Temo que não. Aqui também há a fragilidade humana.

— Gente fazendo propaganda contra Deus?

— Gente fazendo força para encontrar Deus.

— Talvez Deus seja uma abstração, uma fantasia. Os próprios religiosos não o encontram...

— Qualquer pessoa de bom senso sabe que se Deus não existisse seria preciso inventá-Lo. Somente assim podemos justificar a origem do Universo e a nossa própria existência.

— Então, por que não o vemos?

— Você já experimentou caminhar com óculos embaçados?

— Só se fosse tolo!

— É esse o problema. Muita gente se perde na procura de Deus por falta de transparência nos visores da alma.

1 Como torná-los transparentes?

- Renove-se, combatendo mazelas e imperfeições.

■ Quando estarei pronto?

Quando houver eliminado todo o mal de seu coração.

Bem aventurados os que têm limpo o coração, porque verão a Deus.

Mateus, 5:8

Livro nº 22 — 1997 *O Céu ao nosso alcance* Diálogos sobre O Sermão da Montanha Editora: CEAC-Bauru

VISITA DE MARIA A ISABEL

Relata o evangelista Lucas (Capítulo I) que Maria, logo após o encontro com Gabriel, ao saber que Isabel estava grávida, decidiu visitá-la.

Eram parentes, não se sabe em que grau; primas, talvez, segundo a tradição.

Viagem longa de Nazaré a Ain-Karim, perto de 150 quilômetros, o que demandava uns seis dias de caminhada. Pouca gente utilizava carruagens ou montarias. Viajava-se no pé dois mesmo.

Quando as duas se encontraram ocorreu o inesperado:

Isabel, segundo o relato evangélico, *ficou cheia de um Espírito santo*, e proclamou altissonante:

Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre.

Que fiz para merecer a visita da mãe de meu Senhor?

Em seguida, mais tranquila, como se despertasse de um transe, Isabel explicou a Maria, que certamente surpreendera-se com aquela inusitada acolhida.

Mal me chegaram aos ouvidos as palavras com que me cumprimentaste, a criança saltou de alegria dentro de mim.

Observe amigo **leitor**:

Isabel exprimiu em **altos brados a satisfação** pela presença da prima.

Estranho, não é mesmo?

Imagine um **familiar a recebê-lo com essa** ruidosa euforia. Fundiu a cuca! — seria **a conclusão** óbvia.

Maria pensaria o mesmo se **Isabel não explicasse** que se tratava **de uma manifestação da criança que** asilava em seu seio. Agiu, **portanto, como porta-voz, digamos** médium, **do Espírito** que reencarnava por seu **intermédio**.

Segundo a Doutrina Espírita, tão logo se estreitam os laços que o **prendem ao novo organismo, no processo reen-carnatório, após a fecundação do óvulo pelo espermatozóide, o Espírito tende a perder a consciência**.

Assim deverá ficar até completar sete anos, após o nascimento, quando começará a despertar, assumindo lentamente o controle de suas ações, no exercício do livre-arbítrio.

Isso ocorre porque o **corpo humano não é simples** rou-i pagem.

Estabelece-se estreita ligação, molécula a molécula, tão íntima, tão completa, que o reencarnante passa a subordinar-se, até para exercitar a consciência de si mesmo, às estruturas **orgânicas**. Assim, nos primeiros anos, ele se situa como um **sonâmbulo, às voltas com precário** ve/cuio **de** comunicação que não **consegue dominar**.

Há exceções.

Espíritos evoluídos conservam a lucidez nos primeiros meses de gestação. Movimentam-se na Espiritualidade. Percebem o que acontece ao seu redor.

Assim ocorreu com o filho de Isabel.

Identificando a presença de Maria, rejubilou-se, originando a agitação da criança no ventre materno.

Naquele momento Isabel foi médium do próprio filho.

Por seu intermédio ele abençoou com efusão a jovem visitante, revelando-se honrado com a presença daquela que seria a mãe do mensageiro divino.

• • •

O reencarnante permanece em sintonia mental com a gestante, influenciando seus estados de ânimo.

Isso é tão marcante que podemos até identificar algo da personalidade e das tendências do filho pelas reações de sua mãe.

Gestação tranquila, feliz, sem complicações - Espírito em paz.

Gestação difícil, extremo nervosismo, muito sofrimento — Espírito atribulado.

Mas... cuidado, caro leitor!

Não estamos diante de uma fórmula infalível.

E preciso considerar, também, as condições físicas e psíquicas da gestante e os problemas gerados por suas próprias limitações e desajustes.

...

A influência do reencarnante envolve, geralmente, experiências do pretérito.

Dizia uma senhora:

— Durante minha gestação, há quinze anos, experimentei inexpressável animosidade por meu marido. Mas suportava sua presença. Após o parto passou tudo. Quem briga com ele hoje ! nosso filho.

Outra senhora:

— Nunca amei tanto meu marido como na gestação de minha filha. Experimentava imensa ternura por ele. Continuo amando, mas nada que se compare àqueles tempos. Ela, agora uma adolescente, é vidrada no pai.

Temos nestes dois casos perfeitamente caracterizada a ligação do reencarnante com o pai.

No primeiro, um **desafeto** recalcitrante nos propósitos **de** reconciliação.

No segundo, um amigo querido a **estreitar** laços de afetividade.

Semelhantes experiências envolvem outros membros da família, particularmente irmãos. **Alguns se** amam; outros se detestam, instintivamente. Sem admitir que já se conhecessem antes fica **difícil explicar**.

A gestante, mais **que** ninguém, experimenta essas emoções.

Terá grande carinho **pelo** amigo que aconchega ou **inexplicável rejeição se é** alguém que **lhe causou** sofrimentos no passado.

Ainda aqui é preciso prudência nessas avaliações, porquanto há que se **considerar como ela recebe a** maternidade.

Se vibra **com a perspectiva de ser** mãe, experimenta **ri imensa ternura pelo filho, ainda** que se trate de um **desafeto**.

Se **a** encara como um transtorno, poderá refugar até mesmo **alguém** muito querido.

...

Vale destacar que o filho também é sensível às vibrações que recebe, particularmente dos pais.

Imaginemos que se sintam insatisfeitos.

Não queriam, não estavam preparados, não era hora..

Essa reação geralmente ocorre de jovens que simplesmente jrcam, em ligações efêmeras sem compromisso, nestes tempos de libertinagem sexual, confundida com liberdade.

Isso poderá causar graves traumas no reencarnante, a repercutirem negativamente em sua personalidade. E, talvez, o que de pior pode acontecer, nesse período em que ele se situa frágil e dependente.

Por outro lado, pais que conversam com o nenê ainda no ventre materno, que o envolvem com vibrações de amor, de carinho, demonstrando o quanto o desejam e amam, oferecem inestimável apoio.

Geralmente o Espírito reencarna relutante, cheio de dúvidas.

Não é fácil o mergulho na carne, com a perda da consciência e a subordinação a um veículo de matéria densa que reduz suas percepções, apaga sua memória e limita seus

movimentos.

E bem mais complicado nascer do que morrer.

Se os pais o recebem com carinho e solicitude, demonstrando amor, fica mais fácil e tranquilo, ajudando-o a superar seus temores.

• •

Como vemos, a Psicologia do futuro terá um grande campo a pesquisar, quando fizer a descoberta fundamental — o Espírito imortal.

Teremos, então, a solução de problemas da gestação que deixam perplexos os próprios médicos.

Todavia, assim como no transe mediúnico comum, a influência do reencarnante é perfeitamente controlável, desde que a gestante mantenha serenidade e confiança, em clima de oração e vigilância.

Assim poderá anular as influências perturbadoras ou acentuar as impressões felizes colhidas do filho.

Em qualquer problema de influência espiritual convém não esquecer jamais a força invencível de um coração sintonizado com o Evangelho.

As lições de Jesus devem ser cultivadas particularmente em ravor de viajores da Eternidade que a mulher recebe em seu seio, fazendo-se ponte abençoada para que realizem estágio depurador no educandário terrestre.

Livro nº 23 — 1997 Paz na Terra Vida de Jesus — Do nascimento ao início do apostoJado Editora: CEAC-Ba uru

A PROTEÇÃO DO CÉU

A prece torna melhor o homem.

Aquele que ora com fervor e confiança se fãz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.

E este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.

O plantonista do *atendimento fraterno*, no Centro Espírita, conversava com o assistido.

- Então, meu amigo, como tem passado? Melhorou o ânimo, superou as tensões?

O interpelado esboçou um sorriso.

- Bem, com os passes magnéticos semanais e a leitura diária do Evangelho, sinto-me mais animado. Mas os problemas permanecem do mesmo tamanho. Minha esposa, neurótica como sempre, atazana minha vida; os filhos, indisciplinados, conturbam o lar; os subordinados, na atividade profissional, são uns incompetentes, obrigando-me a redobrada vigilância. Tudo isso me aborrece muito... Precitaria receber pelo menos três passes diários para compensar os desgastes...

— **Fardo** pesado?...

— Nem me **fale! Como dizia o filósofo, o inferno são os outros!...**

— Tem orado?

— Sim, conforme sua recomendação, todas as noites, após a leitura **do** Evangelho.

— E como faz?

— **Dirijo-me** a Jesus...

— Sim, mas o **que pede?**

— Que dê um jeito na minha vida, tornando minha mulher menos impertinente, meus filhos mais obedientes, minha saúde menos **oscilante**, **meus** subordinados mais

aplicados...

— Bem, **sugiro** uma mudança. Peça as bênçãos divinas para sua **família**, seus **negócios**, **sua vida**, *sem* detalhamentos.

E **centralize a** oração num ponto fundamental: peça a Deus que **lhe dê o dom da compreensão**.

- **Só isso?**

— Sim.

- Será **bem** curta...

— Não é a extensão que faz a oração funcionar. Deus sabe de **nossas** necessidades.

Deixe falar o coração...

Após algumas semanas, o assistido retornou, expressão alegre, **feliz...**

— Então, como está?

- Ótimo! A oração que me ensinou 1 joia! A **esposa está** numa fase boa, os filhos mais obedientes, os funcionários da **empresa** mais aplicados, a saúde melhor. Parece mágica! *Mudou tudo!*

O plantonista sorriu:

- Não há nenhuma magia, meu amigo. O que mudou foi a sua visão, a partir do momento em que deixou de pedir a Deus que desse um jeito naqueles que o cercam e pediu um jeito de enxergá-los melhor. Cultivando a compreensão, aprendemos a respeitar a maneira de ser das pessoas, sem a pretensão de moldá-las às nossas conveniências.

— Curioso g que elas melhoram...

- Apenas respondem aos nossos estímulos, quando nos propomos a identificar seus valores positivos e relevar suas falhas. E como cuidar de plantas. Se nutrimos espinhos, teremos o espinheiro. Se irrigarmos flores, formaremos um jardim. A compreensão o fez melhor, e o Mundo melhorou com você.

• • •

Deus trabalha incessantemente em favor do aprimoramento de nossos sentimentos, da sensibilização de nossa alma para os valores do Bem.

Por isso não há oração mais prontamente atendida do que aquela em que, cultivando a reflexão e reconhecendo nossas limitações, pedimos ao Senhor, com todas as forças de nossa alma, ajude-nos a superá-las. Afinal, é para isso que estamos na Terra.

Exemplo típico de como a oração sincera nos ajuda a vencer nossas fraquezas está no combate ao vício.

Geralmente os fumantes, os alcoólatras, os toxicômanos alegam imensa dificuldade em reagir.

Ê verdade.

A dependência química é terrível!

E há, também, a influência espiritual.

A experiência demonstra que o vício gera condicionamentos perispirituais. O desencarnado continua dominado pelo vício. Por isso passa a assediar pessoas com as mesmas tendências, a fim de que, estabelecendo uma associação psíquica, possa satisfazer-se junto com o reencarnado quando este se satisfaz.

Então, enfrentando seus próprios condicionamentos, o dependente ainda é pressionado pelos desencarnados, igualmente ansiosos.

Fica difícil...

Mas ele não está inerte, nem entregue à própria sorte.

Em seu benefício há tratamentos de desintoxicação, medicamentos de contenção,

orientação psicológica, ajuda espiritual, e bá, sobretudo, a oração.

Se, a cada momento em que sentir a compulsão indesejável, o dependente implorar, do mais recôndito de sua consciência, com todas as forças de sua alma, a ajuda divina, haverá de resistir.

Tenho ouvido ex-viciados dizerem exatamente isso.

- A oração me salvou!

...

Os efeitos da oração são maravilhosos quando há fé, a plena convicção de que Deus nos ajudará.

Um homem perdeu-se no deserto. Viveu um pesadelo. Durante uma semana esteve à míngua de víveres, água escassa, sol escaldante durante o dia, frio intenso | noite.

Ao ser finalmente localizado, admiraram-se os médicos de encontrá-lo vivo.

Incrível não ter morrido naquela situação terrível! Perguntaram-lhe a que atribuíra seu salvamento.

E ele:

- À oração! Orava o tempo todo, pedindo o socorro divino e que Deus guiasse alguém até onde eu estava.

• • •

O avião está perdido na tempestade, combustível no fim, situação dramática!

O piloto aciona o radiotransmissor e entra em contato com um aeroporto que passa a orientá-lo, guiando-o com segurança até a pista mais próxima.

Nos temporais da vida, nas grandes dificuldades ou perigos, a oração é o instrumento que nos põe em contato com benfeitores espirituais, a mobilizarem variados recursos em nosso benefício.

Valem-se até mesmo de insólitos intermediários. Ilustrativa, neste aspecto, a história que envolve um fazendeiro rico, ateu impénitente.

Certa feita, cavalgando nas imediações de sua propriedade, passou por modesto sítio.

Não *conhecia* os moradores. Não *se lembrava de tê-los visco*. Naquele dia, *sem que soubesse* dizer por que, martelou sua cabeça o impulso *de* conhecer os vizinhos.

Entrou na propriedade, sempre *montado*. Não viu ninguém. Contornou pequena casa. Nos fundos, uma *janela* aberta. Aproximou-se.

Viu uma menina *ajoelhada, mãos postas*.

— Que faz você aí, minha filha?

— Estou *orando, pedindo ajuda*. Meu pai morreu, minha mãe está muito doente, meus irmãos *passam fome*...

— *Bobagem! Deus é uma mentira. Não perca tempo!*

Não obstante a *irreverência, o fazendeiro tinha coração*

sensível. Condoído da penúria daquela gente, entregou algum dinheiro | garota.

— Isso dará para *comprar mantimentos. A tarde virei com um médico. E cuide da vida! Não perca tempo com oração!*

Sem mais palavras, puxou as rédeas do cavalo e partiu.

Perto da *estrada* encasquetou de voltar.

Surpreso, viu que a garota continuava ajoelhada.

- Que ! isso menina! Já não *lhe disse* que a oração não vale nada! Que *é perda de tempo* pedir ajuda ao Céu!

Eia fitou o *fazendeiro e explicou humilde:*

— Estava apenas agradecendo, moço. *Pedi ajuda e Deus* enviou o senhor.

• • •

Deus é tão misericordioso que atende mesmo aos que duvidam de sua existência.

Foi o que aconteceu com aquele experiente farmacêutico, homem caridoso, cumpridor de seus deveres, mas materialista impénitente, refratário | ideia de vida após a morte e da existência de um Ser Soberano que tudo vê e provê.

Certa tarde apareceu uma menina com receita médica. Era um medicamento de manipulação. Hora ruim, de fechamento da farmácia, e ele tinha um compromisso.

— Ficaré para amanhã. Estou encerrando o expediente.

A garota insistiu. O médico recomendara que a doente, sua mãe, comesse a tomar o remédio imediatamente.

Como era de seu feitio, o velho boticário condeu-se. Apanhou a receita e foi rápido ao laboratório.

Pouco depois, em tempo recorde, entregava o medicamento. A menina pagou e partiu apressada.

O farmacêutico voltou ao laboratório para guardar o material usado. Constatou, horrorizado, que na pressa confundira-se e usara potente veneno em lugar de uma das substâncias indicadas.

Correu para a rua. Olhou em todas as direções.

A menina desaparecera. Certamente ia longe.

Telefonou ao médico. Não conseguiu localizá-lo.

Em desespero, sem ter a quem recorrer, caiu de joelhos, ergueu o olhar e gemeu:

— Tu, que dizem estar aí em cima! Se existes realmente, por piedade, compadece-te de mim! Salva a pobre mulher! Não permitas que eu me transforme num assassino!

E derramava-se em lágrimas...

Assim esteve por alguns momentos, implorando o socorro divino, até que alguém bateu em seu ombro. Voltou-se.

Abençoada surpresa:

Era a menina!

Em prantos, ela suplicou:

— Senhor farmacêutico, aconteceu um desastre! Tropecei, o vidro caiu-me das mãos e se quebrou! Não tenho dinheiro, mas, por misericórdia, em nome de Deus, ajude-me! Minha mãe precisa do remédio!

O farmacêutico ergueu-se, limpou as lágrimas e, sorrindo aliviado, falou:

- Não se preocupe, minha filha. Aviarei outra receita. *Você* não precisará pagar. Será em nome de Deus... Em nome de *Deus*!

O segredo de nossa estabilidade íntima está em lembrar de Deus — *todos os dias, sempre!*

Não há *necessidade de* muitas palavras.

E deixar falar o coração, como fazia aquele velho escravo *africano* que *todas as manhãs*, na gleba de terra sob seus cuidados, antes de iniciar o dia, tirava o chapéu, elevava o olhar para o céu e dizia simplesmente:

— Sinhô! Preto veio tá qui...

Apenas isso.

Analfabeto, não sabia muitas palavras. Mas *era* mestre em fazer *falar* o coração.

— Sinhô! Preto veio tá qui...

Era o filho que não queria começar o dia sem pedir a *bênção de seu pai*.

E Deus o abençoava, dando-lhe condições para viver em paz, mesmo sendo escravo.

Também nossa vida será tranquila e feliz, quando aprendermos a fazer falar o coração, todas as manhãs:

— Abençoa, Pai, o meu dia! Ensina-me a viver como filho teu!

Livro nº 24 — 1998 *Espiritismo, uma Nova Era* Iniciação Espirita Editora: FEB-Rio

O SÁBIO E O PÁSSARO

Conta-se que certa feita um jovem maldoso e inconsequente resolveu pregar uma peça em idoso e experiente mestre, famoso por sua sabedoria.

— Quero ver se esse velho é realmente sábio, como dizem. Vou esconder um passarinho em minhas mãos. Depois, em presença de seus discípulos, vou perguntar-lhe se está vivo ou morto. Se responder que está vivo, eu o esmagarei e o apresentarei morto. Se afirmar que está morto, abrirei a mão e o pássaro voará.

Realmente, uma armadilha infalível.

Aos olhos de quem presenciasse o encontro, qualquer que fosse sua resposta, o sábio ficaria desmoralizado.

E lá se foi o jovem mal intencionado, com sua artimanha perfeita.

Diante do ancião acompanhado dos aprendizes, fez a pergunta fatal:

— Mestre, este passarinho que tenho preso em minhas mãos, está vivo ou morto?

O sábio olhou bem fundo em seus olhos, como se perscrutasse os recônditos de sua alma, e respondeu:

— Meu filho, o destino desse pássaro está em suas mãos.

• • •

Esta história pode ser sugestivo exemplo da perversidade que não vacila em esmagar inocentes para conseguir seus objetivos.

Será, também, uma demonstração das excelências da sabedoria, a sobrepor-se aos ardis da desonestidade.

E, sobretudo, uma ilustração perfeita sobre os mistérios do destino.

Consideram muitos que tudo acontece pela vontade de Deus, mesmo a doença, a miséria, a ignorância, o infortúnio...

Trata-se da mais flagrante injustiça que cometemos contra o Criador, o pai de infinito amor e bondade revelado por Jesus.

A Vida é dádiva divina, mas a qualidade de vida será sempre fruto das ações humanas.

Segundo os textos bíblicos, fomos criados à imagem e semelhança de Deus.

Filhos do Senhor Supremo, o que caracteriza nossa condição é o poder criador, que exercitamos usando prodigioso instrumento — a *vontade*, a moldar nosso destino e interferir no *destino* alheio.

• • •

Há os que não vacilam em esmagar a Vida para alcançar seus objetivos, envolvendo-se com a ambição e a usura, a agressividade e a violência, a mentira e a desonestidade, o vício e o *crime*...

E há os que libertam a Vida, estimulando-a a ganhar as *alturas*, *mãos abertas*

para a solidariedade.

Entre essas duas minorias, que se situam nos extremos, temos a maioria que não é má, mas não assume compromisso com o Bem.

Por isso, o mal no Mundo está muito mais relacionado com a omissão silenciosa dos que se acreditam bons, mas não desenvolvem nenhum esforço para evitar que os maus façam barulho.

Isso está bem claro na questão 931, de *O Livro dos Espíritos*:

Por que, no Mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?

Observe, leitor amigo, o alcance da resposta, uma das mais contundentes da Codificação:

Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.

Poderíamos acrescentar que a omissão dos bons favorece ainda que as pessoas se envolvam com o mal, porque ninguém as ajuda, nem ampara, nem orienta, nem as atende em suas carências e necessidades.

• •

Algum progresso tem sido alcançado.

Fala-se muito, na atualidade, sobre cidadania.

Ser cidadão 1 estarmos conscientes de nossos direitos.

£ lutarmos por *eles*, a partir dos elementares direitos a saúde, à educação, à habitação e, sobretudo, o inalienável direito à vida.

É um passo importante.

Podemos melhorar as condições de vida de uma sociedade, trabalhando pelos direitos humanos.

Mas há outro passo, bem mais importante: assumir deveres.

Destaque-se o dever básico: exercitar a solidariedade.

Jesus deixa isso bem claro ao recomendar que nos amemos uns aos outros e ao proclamar que devemos fazer pelo próximo o bem que desejaríamos receber dele, se sofrêssemos suas carências.

A mão que liberta o homem da doença, da miséria, da ignorância, do infortúnio, para que a Vida ganhe as alturas, deve ser a filosofia de trabalho de todas as pessoas que desejam contribuir em favor de um mundo melhor.

A Doutrina Espirita deixa bem claro que não podemos nos omitir diante das misérias humanas.

E preciso fazer algo pelo semelhante.

O destino de nossa sociedade é o somatório de nossas ações.

Não se faz uma sociedade boa se, a par do exercício de cidadania, não houver o cultivo da solidariedade.

E aqueles que participam, que se dedicam a esse mister, /ogo fazem descobertas maravilhosas.

No empenho de ajudar o próximo, libertam-se das angústias que afligem o homem comum, preso ao egoísmo.

Ajudando alguém a erguer-se de suas misérias, pairam acima das inquietações humanas.

Contribuindo para clarear sendas alheias, iluminam o próprio caminho.

Estimulando ao Bem seus irmãos, com a força do exemplo, percebem, deslumbrados, que encontraram sua gloriosa destinação.

Livro nº 25 - 1998 *O Destino em suas mãos* Histórias e dissertações sobre temas de atualidade Editora: CEAC-Bauru

SURPRESA NA CASA DE PEDRO

Mateus, 8:14-16 Marcos, 1:29-39 Lucas, 4:37-44

.. Simão Pedro levou Jesus e dois companheiros, Tiago e João, ao seu lar.

Ao entrarem, uma surpresa:

A sogra de Pedro, em estado febril...

Jesus tomou-lhe as mãos.

Em breves momentos a temperatura normalizou-se. Ergueu-se bem disposta e pôs-se a servir os visitantes.

Evidenciavam-se uma vez mais os poderes incomparáveis do Messias. Com simples toque curava os mais variados males.

Surpreendente, amigo leitor, não foi a presença da febre.

Primeira defesa do organismo em face de determinados males, todos a experimentamos eventualmente.

Nem | sogra morar com o genro.

O apóstolo tinha vocação para a santidade...

A surpresa foi ele ter sogra!

Pedro seria consagrado na Idade Média como o primeiro papa.

Um sumo pontífice casado!

Por que não?

Não há nos ensinamentos de Jesus qualquer referência a suposta incompatibilidade entre a vocação religiosa e o matrimônio.

Em nenhum momento Jesus impõe o celibato como algo indispensável para que o indivíduo se integre nas funções de orientador espiritual de uma comunidade, mesmo um papa.

..

Nos serviços de atendimento fraterno, no Centro Espírita, constata-se que as causas mais frequentes dos desajustes espirituais relacionam-se com os conflitos familiares, sustentados por dificuldades de relacionamento, incontinência verbal, problemas financeiros, educação dos filhos...

E complicado orientar os entrevistados com base apenas na teoria, sem vivência familiar, envolvendo cônjuges e filhos. O conhecimento é importante, mas a experiência é fundamental.

Imaginemos um cirurgião não familiarizado com o bisturi.

Um botânico que nunca lidou com plantas...

Um professor de dança que jamais ensaiou um passo...

Não havia imposição do celibato na primitiva comunidade *cristã*. Os *fiéis*, em qualquer posição da hierarquia religiosa, casavam-se, conscientes da perfeita compatibilidade entre seus compromissos espirituais e familiares.

Pedro é o exemplo maior.

A partir do século quarto, quando Constantino iniciou o processo que transformaria o Cristianismo em religião oficial do Império Romano, o movimento se institucionalizou e surgiu o profissionalismo religioso.

Houve, então, lamentáveis desvios.

Um deles foi a imposição do celibato, consagrado no concílio de Latráo, no ano de 1139.

Dentre os objetivos, três primordiais:

Preservar os bens da instituição. Sacerdotes casados tenderiam a privilegiar a formação de seus próprios patrimônios.

Preservar a castidade. O sexo, para os teólogos medievais, era algo pecaminoso. Como poderia o ministro de Deus, o orientador religioso, exercitá-lo? Seria um sacrilégio!

Preservar a dedicação plena. Compromissos e problemas familiares desviariam o sacerdote de seus deveres com a comunidade dos fiéis.

Em defesa do celibato sacerdotal evoca-se sempre Paulo de Tarso:

Na primeira epístola aos Coríntios (7:8), diz o apóstolo: *e aos solteiros e viúvos, digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também vivo.*

Se os cristãos levassem sua observação ao pé da letra, estariam contribuindo para a extinção da raça humana. Considera-

se, entretanto, que ele se referia aos que se dedicam às atividades religiosas. Melhor que não assumam compromissos conjugais para que tenham maior liberdade nos serviços da fé.

Mas Paulo não pretendia insinuar um dogma, tanto que acentua em seguida: *caso, porém, não se dominem, que se casem, porque é melhor casar do que abrasar.*

Se o impulso do acasalamento, instintivo na natureza humana, fala alto, é razoável que o religioso constitua família, sem abdicar de seu ideal.

• •

Muitos Espíritos reencarnam para sagradas tarefas no seio da religião.

Desde cedo sentem a convocação da espiritualidade.

Se católicos, entram para o seminário, preparando-se para o sacerdócio.

Podem, entretanto, não ter vocação para o celibato e a castidade.

Enfrentam dorida solidão. Experimentam o desejo sexual, ardem-se em fantasias e sonhos eróticos. Surpreendem-se com orgasmos em pleno sono.

Arormentam-se. Tem dramas de consciência...

- Sá o os demônios! — proclamam seus superiores.

- São os hormônios - esclarecem os médicos.

É a sexualidade a sinalizar o acasalamento.

As imagens oníricas dramatizam o que está acontecendo com o corpo, da mesma forma que a criança com incontinência urinária sonha que está fazendo xixi e molha a cama.

Muitos sucumbem aos apelos da Natureza. Abandonam seus compromissos ou se envolvem em ligações proibidas. Culpados?

Não!

Culpa de uma disciplina que contraria a lei natural.

• •

O homem e a mulher são duas partes que se completam.

Cérebro e coração.

Razão e sentimento.

Força e sensibilidade.

Permutam recursos magnéticos de equilíbrio e bem-estar, como valiosos estímulos para as realizações mais nobres.

Salvo, portanto, circunstâncias especiais, em que a própria Vida impõe a solidão afetiva, ou por voluntária opção, o casamento surge como um caminho natural para o Homem.

Isso não impede sua realização no campo religioso.

Grandes vultos da Humanidade, com atuação marcante em favor do progresso humano, foram casados e tiveram filhos.

Há um ditado famoso, de exaltação do sexo feminino: *Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher.*

No Espiritismo, onde o celibato é escolha pessoal, jamais uma imposição, temos representantes ilustres participando de respeitável *time dos casados*¹.

Bezerra de Menezes, grande médico da pobreza...

Peixotinho, extraordinário médium de efeitos físicos...

Cairbar Schutel, valoroso pioneiro do jornalismo espírita...

Herminio Miranda, notável escritor...

Hernani Guimarães Andrade, baluarte da pesquisa espírita.

O exemplo maior está no próprio Codificador.

Allan Kardec tinha em sua esposa, Amélie Boudet, inestimável colaboradora.

• • •

Há, porém, algo imperioso que devemos observar:

Se é um erro o homem negligenciar a família humana para cuidar da família universal, não menos equivocado está aquele que se dedica exclusivamente à família humana, esquecendo-se da família universal.

Concretizada a união de dois corações enamorados que se realizam nos cuidados e nas alegrias do lar, muitos casais tendem a ver no círculo familiar o *início* e o fim de suas iniciativas e *preocupações*.

Prendem-se ao conceito estreito de família como ligação consanguínea, um clube fechado pelas chaves do sangue.

Nesses lares são precárias a paz e a harmonia, porquanto suas raízes de estabilidade emocional e espiritual são frágeis e curtas - não ultrapassam o torrão doméstico.

Para pessoas assim, que compõem grande parcela da Humanidade, problemas e limitações, contrariedades e dissabores, normais na Terra, tornam-se dramas terríveis, sempre que atingem o agrupamento familiar.

Por isso, o amor que inspira o anseio de uma vida em comum, onde os filhos apresentam-se como frutos abençoados

de afetividade, somente se manterá em plenitude, sem enganos, sem temores, sem desequilíbrios, quando suas raízes se estenderem além das paredes estreitas do lar.

Não há nada mais edificante e belo que o exemplo de corações que se amam, unidos no mesmo propósito de exercitar a fraternidade, participando de obras sociais e serviços religiosos, em busca da suprema realização humana — a integração na família universal.

O acasalamento nos realiza como filhos do homem.

A solidariedade nos realiza como filhos de Deus.

E se amamos a família consanguínea e muito nos preocupamos com ela, multiplicando rogativas ao céu em seu benefício, recordemos que Jesus foi até a sogra de Pedro porque Pedro estava com Jesus.

Livro nº 26 — 1999 *Levanta-te!*

Vida de Jesus. Primeiro ano de apostolado Editora: CEAC-Bauru

O NECESSÁRIO À VIDA

Diógenes (400-325 a.C.), filósofo grego, era famoso por seu comportamento excêntrico e comentários mordazes.

Dizia-se que tinha grande desprezo pela Humanidade.

Caminhava pelas ruas de Atenas com uma lanterna, a proclamar:

— Procuro um homem honesto.

Era algo para ele tão difícil quanto iluminar um palheiro em busca de agulha perdida.

Observação bem atual, ante a desavergonhada corrupção que se institucionaliza na sociedade humana.

• •

Diógenes não era nenhum misantropo ranheta 1 excêntrico.

Havia em suas atitudes um humor irônico, que popularmente chamaríamos hoje de *gozação*, com o qual procurava instigar as pessoas à apreciação de suas idéias.

Ensinava que o supremo recurso de felicidade é o total desprezo pelas convenções humanas, em obediência plena às leis da Natureza.

O caminho para essa realização está na simplificação da existência, superando a superficialidade e os modismos. Andava descalço...

Vestia uma única túnica...

Dormia num tonel...

Certa feita viu um menino a usar o côncavo das mãos para tomar água.

Admirou-se:

-Acabo de aprender que ainda tenho objetos supérfluos. Jogou fora a caneca que usava e passou a imitar o menino.

• •

Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), quis conhecê-lo e testar seu proverbial desprendimento dos bens materiais.

Foi encontrar o filósofo, em fria manhã de inverno, aquecendo-se ao sol.

*Após serem apresentados e conversarem, Alexandre disse-lhe **estar disposto a atender qualquer pedido seu. O capricho mais sofisticado, o objeto mais precioso...***

Diógenes sorriu e respondeu:

- Quero apenas que não me tires o que não me podes dar. Estás diante do Sol que me aquece. Afasta-te, pois...

• • •

Cerramente seria complicado tomar Diógenes ao pé da letra.

Acabaríamos internados num hospício.

Os tempos são outros.

Além do mais, estamos longe do desprendimento total. Não obstante, seria interessante observar a tônica de suas idéias: *simplicidade*.

É preciso que nos libertemos de condicionamentos e modismos, do supérfluo e do artificial, contentando-nos com o necessário à vida.

Teremos, então, melhores chances de viver bem.

Jesus deixa isso bem claro no *Sermão da Montanha*, quando recomenda que não nos preocupemos demasiadamente com nossa vida, nem acerca do que devemos comer ou vestir..

E preciso centralizar nossas ações em torno do Reino de Deus, que se realiza no empenho do Bem.

Tudo o mais, explica Jesus, virá por acréscimo.

A Doutrina Espírita oferece marcante contribuição em favor da simplificação de nossa existência, abrindo-nos as portas do mundo espiritual para nos mostrar algo que não devemos esquecer jamais: levaremos para o Além somente os valores incorporados à nossa alma, nos domínios da virtude e do conhecimento.

O resto ficará por aqui mesmo, imperioso, pois, simplificar sempre, como destaca Guilherme de Almeida (1890-1969):

Simplicidade... Simplicidade...

Ser como as rosas, o céu sem fim, a árvore, o rio... Por que não há de ser toda gente também assim?

Ser como as rosas: bocas vermelhas que não disseram nunca a ninguém que têm perfumes... mas as abelhas e os homens sabem o que elas têm!

Ser como o espaço, que é azul de longe, de perto é nada... Mas quem o vê — árvores, aves, olhos de monge... — busca-o sem mesmo saber por que.

Ser como o rio cheio de graça, que move o moinho, dá vida ao lar, fecunda as terras... E, rindo passa, despretenso, sempre a cantar.

Ou ser como a árvore: aos lavradores dá lenha e fruto, dá sombra e pais; dá ninho às aves, ao inseto, flores...

Mas nada sabe do bem que faz.

Felicidade — sonho sombrio!

Feliz é o simples que sabe ser como o ar, as rosas, a árvore, o rio: simples, mas simples sem o saber!

Livro nº 27 - 1999 J., j Luzes no Caminho

stórias da História, à luz do Espiritismo

Editora: CEAC-Bauru

A PRESENÇA FEMININA

Lucas, 8:1-3

Dando sequência à divulgação da Boa Nova, Jesus viajava bastante. Desdobrava suas atividades pelas cidades da Galileia.

Estagiava cada vez menos em Cafarnaum.

Além dos apóstolos, outros aprendizes o acompanhavam.

Havia, ainda, importante grupo que, em face das próprias tradições judaicas, não aparece com destaque nos Evangelhos:

As mulheres.

A participação feminina contrariava os costumes da época. Anonimato e a subalternidade lhes eram impostos.

Algumas dessas colaboradoras, segundo Lucas, *havam sido curadas de Espíritos malignos e de enfermidades*.

Possuíam, sem dúvida, faculdades mediúnicas.

Não sabendo lidar com a própria sensibilidade, eram influenciadas por entidades perturbadas e perturbadoras.

Jesus não só as libertara como lhes ensinara o recurso maior para que se conservassem saudáveis, física e psiquicamente: servir à causa evangélica.

Quem o faz com dedicação e perseverança sustenta padrão vibratório elevado, inacessível às sombras.

Lucas cita três mulheres, participantes do grupo: Maria de Magdala (Madalena).

Magdala é o nome de pequena cidade de onde viera, usado como cognome para distingui-la das outras Marias que aparecem na narrativa evangélica.

Sofrera a influência de Espíritos impuros, afastados por Jesus.

Diz Lucas, textualmente, que:.. saíam sete demônios. Segundo crenças antigas, demônios eram entidades que presidiam os destinos humanos, individual e coletivamente.

Para os judeus eram almas dos mortos, quando se comprometiam com o mal.

Na idade Média adotou-se a ideia de que são anjos rebelados contra Deus, que pretendem impor seu domínio sobre os homens.

Há um equívoco na informação de que os demônios saíram dela.

Se ria, sem dúvida, problemático, imaginar tantos Espíritos instalados no corpo de alguém, como invasores de uma residência.

Mesmo na chamada subjugação, em que há domínio completo, os obsessores não substituem o obsidiado na máquina física, nem coabitam com ele. Apenas impõem sua vontade, induzindo-o a fazer o que não deseja.

Tantos Espíritos juntos passam impressão de uma equipe organizada para atormentá-la, provavelmente exercitando vingança.

A jovem de Magdala tem sido apresentada como símbolo da meretriz arrependida, que se encantou com os ensinamentos de Jesus e modificou os rumos de sua vida, tornando-se ardorosa discípula.

Será? Não há nenhuma referência ao seu suposto envolvimento com a prostituição.

Essa interpretação equivocada inspira-se no fato de Lucas a apresentar logo após o episódio da pecadora que ungiu os pés de Jesus.

Analisando o texto evangélico, temos uma única certeza:

Maria de Magdala foi curada de uma obsessão.

Situá-la como mundana convertida é exercício de imaginação.

Joana. Esposa de Cuza, procurador de Herodes.

Segundo Humberto de Campos, no livro *Boa Nova*, psicografia de Chico Xavier, foi ardorosa discípula de Jesus, de quem recebeu sábios conselhos para lidar com seu marido, homem rico, envolvido com tricas da política e vida desregrada.

Após sua morte, Joana dedicou-se aos labores evangélicos e teria sido martirizada no circo romano, em glorioso testemunho de suas convicções.

Suzana.

Nada sabemos dela.

Lucas limita-se a enunciar seu nome.

O evangelista observa que havia mais mulheres, sem citá-las nominalmente. Apenas revela que eram muitas e que colaboravam financeiramente.

Destacam-se, ainda, nos Evangelhos:

Maria, esposa de Alfeu, mãe do apóstolo Tiago Menor. Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro, este o célebre ressuscitado.

Salomé, esposa de Zebedeu, mãe de Tiago Maior e João.

• •

Há várias passagens evangélicas em que Jesus liberta homens de Espíritos obsessores.

Não vemos os beneficiários dessas curas participando do movimento.
Entre as mulheres, havia inúmeras.
Esse fenômeno é comum. *Está* presente em todas as religiões.
No Centro Espírita é mais expressivo o contingente de mulheres que frequentam as reuniões e participam de suas *atividades*.
Um amigo, machista incorrigível, explica:
- Questão de necessidade. A mulher é mais carente, mais *frágil, espiritualmente*.
Opinião distanciada da realidade.
A alma feminina é mais sensível aos valores espirituais, mais disposta aos testemunhos da fé.
O homem tende ao materialismo, 1 preocupação com os negócios...
Envolve-se tanto que não encontra tempo nem disposição para cogitações que transcendam aos interesses imediatistas. Detalhe significativo:
Várias mulheres acompanharam a *via crucis* de Jesus.
Os homens, com exceção de João, estavam longe. Temiam represálias.
...
Tanto quanto Simões, há várias Marias no Evangelho. No monte Calvário, acompanhando Jesus, estavam três: sua mãe, a jovem de Magdala, a mãe de Tiago Menor.
Maria, que significa *senhora*, é o nome mais comum nos países cristãos, homenagem às homônimas que aparecem na vida de Jesus, particularmente sua genitora.
Tem doce musicalidade...
Está impregnado de suave magnetismo...
Vibra doce e terno, como uma carícia em nossos ouvidos...
Inspira composições poéticas...
E repositório de consolação para os sofredores... Significativamente, principia no *eme* que todos temos na palma da mão...
E a perene homenagem dos Céus a Maria de Nazaré consagrada, mérito riamente, mãe espiritual da Humanidade
Livro nº 28 - 2000 *Tua Fé te Salvou* Vida de Jesus. Segundo ano de apostolado
Editora: CEAC-Bauru

RESPOSTAS A AFIRMAÇÕES IMPERTINENTES

1 —A melhor prova contra a reencamação é o crescimento da população mundial. Somos, hoje, seis bilhões de habitantes. Nunca houve tanta gente na terra. Obviamente não são os mesmos Espíritos que estão retornando.

A população global da Terra, envolvendo encarnados e desencarnados, é perto de vinte e cinco bilhões. Por outro lado, temos as chamadas emigrações planetárias, Espíritos que vêm de outros mundos para viver na Terra. **Sempre** haverá Espíritos para reencarnar.

2—A reencamação destrói os laços de família. Cada Espírito tenderá a seguir seus próprios caminhos, em novas existências, modificando seus relacionamentos.

A unicidade de existência, com a transferência compulsória para o céu ou o inferno, é que os destrói. Como ficaria uma mãe, cujo filho fosse para o inferno? As ligações afetivas consolidam-se nas vidas sucessivas, formando famílias espirituais que reencarnam para experiências em comum.

3 — *Corremos sério risco de não mais encontrarmos nossos familiares ao desencarnarmos. Provavelmente terão reen-camado.*

E uma possibilidade remota, porquanto os Espíritos tendem a estagiar largo tempo na vida espiritual. Ainda que, eventualmente, um familiar tenha reencarnado, se há laços de legítima afetividade entre nós, não o perderemos de vista e nos reencontraremos, fatalmente, mais cedo ou mais tarde.

4 — *E inconcebível imaginar que tive outro sexo, pertencí a outra raça, tive outra cor, vivi em outro lugar, numa existência anterior. Eu sou eu mesmo, não outra pessoa, com todas as características físicas, intelectuais e mentais que me são próprias.*

É preciso distinguir a individualidade, o ser perene, da personalidade, o ser transitório. Imagine um ator desempenhando papéis, em múltiplas encenações teatrais. Poderá ser uma mulher, um jovem, um velho, branco ou negro, oriental ou ocidental, rico ou pobre, mas, intimamente, será sempre o mesmo indivíduo, a incorporar experiências. Assim acontece com o Espírito, no desdobrar das reencarnações. Assume inumeráveis papéis, compondo personalidades que se sucedem, mas é sempre ele mesmo, um Espírito imortal em trânsito para a perfeição.

5 — *Dizendo que tudo é consequência de nosso passado, a reencamação nos induz à passividade.*

A reencarnação favorece a impassibilidade, isto é, a serenidade diante dos sofrimentos e dores decorrentes do que fizemos no passado; mas deixa bem claro que o futuro depende de nossas iniciativas, estimulando-nos ao esforço do Bem e ao empenho de autorrenovação.

6 — *Na carta aos Efésios, o apóstolo Paulo afirma que ao homem é dado viver apenas uma vez e depois será julgado.*

E a opinião de Paulo. Jesus, seu e nosso mestre, ensinava que é preciso nascer de novo para merecer o Reino de Deus. Certamente não se referia ao batismo, ou estaria fechando a porta a bilhões de pessoas que sequer sabem do que se trata.

7 — *Se a reencamação é um processo educativo, em que resgatamos débitos e corrigimos nossas más tendências, fica impossível justificar o sofrimento de pessoas virtuosas e boas. Vemos o que a pessoa é hoje; não sabemos o que ela foi ontem. Todos temos débitos a resgatar. Quanto mais evolui o Espírito, mais fundo penetra em seu passado e melhor percebe a necessidade de submeter-se a determinadas provações, redimindo-se perante a própria consciência.*

8 — *O fato do movimento cristão, envolvendo católicos e protestantes, não aceitar a reencamação, é evidente demonstração de que se trata de um equívoco.*

Boa parte dos cristãos, inclusive os espíritas (somos cristãos também), a aceita. Por isso, a recíproca é verdadeira: o fato de bilhões de pessoas, entre cristãos e adeptos de outras religiões, aceitarem a reencamação, é uma demonstração evidente de que se trata de uma realidade.

MOCINHOS E BANDIDOS

Lucas, 9:51-56

Após os marcantes episódios no monte Tabor, Jesus resolveu ir a Jerusalém com os discípulos.

Atravessou a Samaria, como já o fizera anteriormente, não obstante a hostilidade da população. Comentamos as origens do problema no livro *Levanta-te!*

Durante a jornada, já em território samaritano, alguns companheiros adiantaram-se para pedir pousada numa aldeia.

Ninguém quis hospedá-los, mesmo porque se dirigiam a Jerusalém, cidade que sustentava as divergências maiores com os habitantes da região. Estes não a aceitavam como sede do judaísmo.

Jesus recebeu serenamente a notícia, mas os irmãos Tiago I João, filhos de Zebedeu, não se conformaram.

Afinal, era da tradição que se acolhesse o viajor.

Além do mais, tratava-se do Messias!

Indignados, imaginaram inusitada represália:

— *Senhor, queres que mandemos desça fogo do céu e os consuma, assim como fez Elias?*

— *Vós mesmos não sabeis de que espírito sois, pois o filho do Homem não veio para destruir os homens, mas para salvá-los.*

Tiago e João ficariam conhecidos como os irmãos Boaner-ges, *filhos do trovão*, em virtude de sua impetuosidade, sempre prontos às soluções drásticas para os problemas do grupo.

Explica-se: conviveram com João Batista, que também guardava essa índole. Tiago foi seu discípulo antes de ligar-se a Jesus. Aparentemente, ambos ainda estavam identificados com ele. Inspiraram-se num episódio ocorrido com o próprio João Batista, oito séculos antes, quando pontificara como o austero profeta Elias (2 Reis, 1:9-16):

Acazias, rei da Samaria, enviou um capitão comandando cinquenta soldados para prendê-lo. Foram encontrá-lo no topo de um monte.

— Homem de Deus, desce — disse o capitão.

E Elias:

— Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e consuma a ti e aos teus cinquenta.

Baixou *fogo do céu* e os incinerou a todos.

O rei enviou outro capitão, com mais cinquenta. A mesma história:

- Homem de Deus, desce.

- Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e consuma a ti | aos teus cinquenta.

Foram todos reduzidos a cinzas.

O rei insistiu. Novo destacamento, com a mesma quantidade de soldados.

O capitão, prudentemente, pôs-se de joelhos e implorou ao profeta que não os matasse.

Certamente ele teria ignorado o pedido, não fosse a interferência de um anjo, que lhe recomendou seguisse com os soldados.

• •

Para Elias, os homens eram *mocinhos* ou *bandidos*.

Que ardessem no fogo os bandidos, aqueles que contrariavam a *vontade de Jeová*, que costumava confundir com a sua própria.

Exatamente o que pretendiam Tiago e João, em relação aos samaritanos.

Obviamente, ainda não haviam assimilado a mensagem cristã, e também dividiam os homens em *mocinhos* e *bandidos*.

Essa tendência sustenta o absolutismo religioso, a pretensão de que Deus tenha

representantes exclusivos na Terra, intérpretes infalíveis de Seus desígnios - os *mocinhos*.

Contrapondo-se, aqueles que pensam diferente — os *bandidos*.

Tal equívoco, a par das tendências humanas à agressividade e à intolerância, fazem correr rios de sangue na História.

Vemos, com frequência, estes *prepostos divinos* empunhando a espada para combater os *infiéis*.

Os judeus foram dignos representantes do absolutismo, concebendo que todo inovador deve ser recebido com pedradas.

Atravessaram séculos de sua história passando a fio de espada os *bandidos*.

O Cristianismo foi *mocinho* e, também, *bandido*.

Os cristãos foram cruelmente perseguidos pelos pagãos, ao longo dos séculos, nos primórdios do movimento.

Mocinhos, sacrificados por *bandidos*.

Depois mudaram de lado.

A partir do século IV, quando Constantino iniciou o movimento que o transformaria em religião oficial do Império Romano, o Cristianismo passou a impor seus princípios pela força, guerreando sem tréguas os adeptos de outras crenças.

Rios de sangue correram durante as funestas Cruzadas, quando os cristãos da Europa pretenderam libertar o solo sagrado da Palestina do jugo árabe, substituindo a cruz pela espada.

A inquisição, responsável pela morte de dezenas de milhares de pessoas, é um triste exemplo dessa intolerância.

A mesma pergunta de Jesus serve para todos:

De quem era essa gente?

De que espírito?

Certamente, não eram de Deus!

Na atualidade temos no oriente médio um caldeirão em ebulição, envolvendo problemas geográficos, políticos e religiosos, entre árabes e judeus.

Julgam-se todos *mocinhos*.

Comportam-se como *bandidos*.

Os judeus não titubeiam, a qualquer ameaça, em bombardear populações indefesas.

Fundamentalistas árabes partem para o terrorismo. A ignorância e o fanatismo são tão grandes, que alguns assumem postura camicase. O terrorista amarra explosivos em seu corpo. Faz-se bomba viva, que explode em locais movimentados, matando inocentes.

Comete essa atrocidade convicto de que ganhará o paraíso, por sua bravura. Terá a servi-lo setenta e duas virgens. Um prêmio que deve balançar a cabeça de muita gente.

Um harém no Além!

De quem são esses Espíritos?

Certamente, não são de Deus.

Não agem por inspiração divina.

São Espíritos da intolerância, do atraso, da loucura humana.

• • •

Tudo seria bem diferente se atentássemos à advertência de Jesus aos irmãos Boanerges:

— *Vós mesmos não sabeis de que espírito sois.*

Antes de nos considerarmos *mocinhos*, é preciso definir se realmente representamos a vontade celeste.

Se nos inspiramos em Deus, inconcebível agredir, ainda que com palavras, adeptos de outras religiões, já que também são seus filhos — nossos irmãos!

Obviamente, o mais elementar dever de fraternidade impõe que admitamos sua liberdade de consciência e o direito

de adotarem princípios compatíveis com suas necessidades, sua cultura, seu entendimento...

• •

Para Deus não importa se somos católicos, espíritas, protestantes, budistas, muçulmanos...

Não importa nem mesmo se temos uma religião!

O que o Criador espera é que nos comportemos como seus filhos.

Se não frequentamos a mesma igreja, sejamos bons vizinhos.

Se não temos as mesmas convicções, respeitemos as alheias.

Se não caminhamos juntos, sigamos na mesma direção, exercitando a fraternidade.

Quando nos comportarmos assim, não haverá mais *mocinhos e bandidos*.

Estando todos no lado certo — ao lado de Deus!

Livro nº 30 — 2001 *Não Peques Mais!* Vida de Jesus. Terceiro ano de apostolado
Editora: CEAC-Bauru

ANTES OU DEPOIS?

Um amigo, reservadamente, expôs-me insólita questão:

— Quando me recolho ao leito com minha esposa, dúvida atroz me perturba: devo orar antes ou depois de fazer amor? Se exercito a oração, o sexo parece-me sacrílego. Se começo pelo amor, sinto-me culpado, inibido como um menino que não consegue encarar o pai, porque fez travessura.

Temos aqui dois equívocos:

Primeiro:

Imaginar que sexo é sinônimo de pecado.

Trata-se de lamentável atavismo psicológico que remonta à Idade Média, quando os teólogos o situavam como algo proibido, sujo, indecente, animalidade pura!

Sexo, ensinavam, somente para a procriação. Breve, burocrático, sem fantasias, sem corpos nus, sem carícias, sem sensualidade.

E advertiam:

— Cuidado com o prazer! Quanto mais intenso, maior o pecado!

Marido de mulher bela e atraente que se cuidasse. Corria o risco de arder no inferno!

E como não podiam proibir o sexo, sob pena de extinguir a espécie humana, tratavam de reduzi-lo ao mínimo.

Era proibido aos domingos, nos últimos meses de gestação, na amamentação, na menstruação...

As festas religiosas impunham prolongada abstinência: vinte dias antes do Natal, quarenta antes da Páscoa...

E sempre surgiam novidades restritivas, o que deixava pouco espaço para a comunhão carnal.

Quanto menos prazer, mais preservados os cônjuges. Havia penalidades terríveis e

assustadoras.

Limitações físicas e mentais, bem como doenças graves como a lepra e a tuberculose, eram atribuídas à inobservância das regras.

Certa feita, uma mulher mostrou a São Gregório de Tours seu filho cego e aleijado.

Confessou, em lágrimas, atormentada pelo arrependimento, que o concebera num domingo, dia consagrado ao Senhor. Ah! Esses teólogos!...

• •

Sexo, amigo leitor, é maravilhosa obra divina!

Não fosse *por ele*, não *estaríamos* aqui, mergulhados na carne, em experiências compatíveis com nossas necessidades evolutivas.

Não há por que nos sentirmos culpados, ao exercitá-lo.

A não ser que...

Aqui, caímos no segundo equívoco:

Confundir amor com sexo.

É algo comum nestes tempos de liberdade sexual mal conduzida, transformada em libertinagem.

Quando alguém fala em *fazer amor* está restringindo o relacionamento amoroso aos órgãos genitais.

Como o amor é uma necessidade primária do ser humano, as pessoas empolgam-se com a atividade sexual, imaginando atender às suas aspirações afetivas.

E exercitam inventividade, quanto à forma, aos parceiros, aos estímulos — tudo para evitar a rotina, que esfria a relação.

Muitos acabam na promiscuidade e no adultério, na perversão e no desajuste, com funestas consequências.

Há uma lição elementar, que tardamos em assimilar:

Sexo é apenas parte do amor.

Por isso não deve vir antes dele, como quem coloca a carroça à frente dos bois.

Quando o casal inicia um relacionamento pelo sexo, tende a envolver-se em impulsos passionais que inibem a razão e inspiram ardente anseio de uma vida a dois, sustentado por devaneios eróticos.

Mas a paixão arrefece, passa breve e desaba o encanto, gerando frustrações, se não está presente o amor.

• •

Amar é querer o bem de alguém, diferente do impulso passional que busca o próprio bem, a se expressar no prazer, sem cogitações mais nobres, sem perspectivas além da hora presente.

Por isso, a essência do amor está em trabalhar pela felicidade do ser amado.

É aquele *olhar juntos na mesma direção*, como explica Saint-Exupéry (1900-1944), quando ambos estão interessados em dar o melhor de si mesmos, cultivando atenção, respeito, renúncia, dedicação, valores que sustentam a estabilidade da parceria e o bem-estar dos parceiros.

Quando os cônjuges adotam essa postura, o sexo reduz-se | sua dimensão exata — valioso complemento da felicidade conjugal, aquele momento de intimidade em que se funde a comunhão espiritual com a conjunção física, em ternas emoções que transcendem o efêmero prazer carnal.

Casais assim podem orar *antes* ou *depois*, sem problema.

O sexo permanecerá santificado, no santuário do amor.

Livro nº 31 — 2001 *Para Rir e Refletir* Histórias bem-humoradas, analisadas à luz da Doutrina Espírita Editora: CEAC-Bauru

OS QUE NÃO PODEM MAIS MORRER

Mateus, 22:23-33 Marcos, 12:18-27 Lucas, 20:27-40

Os saduceus constituíam uma casta de intelectuais com idéias singulares sobre religião.

Admitiam apenas a Lei Mosaica, formada pelos cinco primeiros livros do Velho Testamento - Gênesis, Êxodo, Le-vítico, Números e Deuteronômio.

Poderíamos defini-los como *teístas materialistas*.

Acreditavam em Deus, mas não aceitavam a imortalidade da alma. Para eles tudo terminava na sepultura.

Assim como os fariseus, implicavam com Jesus. Não perdiam oportunidade de criar-lhe embaraços.

Com a deliberada ideia de confundi-lo, um deles fez uma pergunta sarcástica, que hoje definiríamos como gozação, sobre a vida além-túmulo, tola fantasia para eles.

— *Se um homem morrer, sem deixar filhos, seu irmão casará com a viúva e dará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós*

sete irmãos: o primeiro, depois de casado, morreu, e não havendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão. Do mesmo modo o segundo, o terceiro, até o sétimo. Depois de todos eles, morreu a mulher. De qual dos sete será ela a mulher, na vida espiritual, pois todos se casaram com ela?

Para entender a questão proposta é preciso lembrar uma disciplina judaica: o levirato.

Se um homem morresse, sem deixar filhos, seu irmão deveria casar-se com a viúva, a fim de gerar descendência.

Tal orientação poderia ser indesejável.

Imaginemos que a cunhada fosse *mais* velha, de poucas virtudes e *fartos defeitos*...

Mas, ai *dele se não* aceitasse!

Seria levado a explicar-se diante *dos anciãos*.

Se insistisse na negativa, a viúva seria orientada a drástica medida: tiraria as sandálias de seus pés e lhe cuspiria no rosto.

Desde então, do descalçado seria a sua casa.

Diríamos desgraçado. Caíra em desgraça.

Questão de perspectiva.

A seus olhos, a desgraça poderia estar naquele casamento indesejável.

O levirato tinha sua razão *de ser*. Importante *favorecer a prole*. A nação judaica precisava de guerreiros para defender-se *de seus* inimigos.

Inconcebível uma mulher sem filhos. Se viúva, que o *cunhado* resolvesse.

A mulher estéril ficava em situação difícil.

O marido poderia dispensá-la ou constrangê-la a coabitar com outra.

Hoje há outra mentalidade.

A não ser em culturas retrógradas, concebe-se que o casamento não deve atender aos interesses do Estado, mas às razões do coração.

Questão proposta, responde Jesus:

- *Os filhos deste mundo se casam e dão-se em casamento; mas aqueles que forem*

ulgados dignos de alcançar a eternidade não se casam nem se dão em casamento, pois não podem mais morrer, porquanto são iguais aos anjos do Céu.

Curiosa observação — *não podem mais morrer!*

Então, há os que morrem mais de uma vez?

Como é possível?

Simples, leitor amigo: na reencarnação!

Experimentamos incontáveis mortes no desdobrar das vidas sucessivas.

O Espírito reencarna: morre para o plano espiritual.

O Espírito desencarna: morre para o plano físico.

Nascemos e morremos, reencarnamos e desencarnamos, renascemos e *remorremos*, indefinidamente, até atingirmos um estágio que nos habilite a viver em altos planos do Infinito.

Consideremos um Espírito em tal patamar: Não se liga a alguém — o amor romântico. Nem a alguns — o amor família.

Liga-se a todos — o amor universal!

Seu lar — o Universo!

Seu romance — a Vida!

Sua família — os filhos de Deus!

Até chegarmos a esse estágio, teremos milênios pela frente, em permanente aprendizado nas lides humanas e, vezes sem conta, experimentaremos a morte.

Deixando de lado o levirato, que já não é observado, para alívio de cunhados ameaçados, poderíamos formular pergunta semelhante:

À luz da Doutrina Espírita, com quem ficará o indivíduo que *foi casado sete vezes*?

Bem, consideremos, em princípio, que dificilmente alguém se casaria tantas vezes *por viuvez*, a não ser o barba-azul, na história famosa *de Charles Perrault*, em *Contos da Carochinha*. Matou seis esposas e preparava-se para liquidar a sétima, quando foi morto pelos irmãos dela.

As pessoas costumam agir de forma mais civilizada.

O casamento pode converter-se num campo de batalha.

Marido e mulher talvez desejem, em determinados momentos, que o cônjuge vá *para o diabo que o carregue*.

Mas não chegam a consumir o *conjugecídio*.

Matam o casamento, o que é frequente nestes tempos de liberdade sexual confundida com libertinagem, de casamentos apressados e separações aprazadas.

Por isso há pessoas que se casam quatro, cinco, seis, sete vezes, consagrando o casamento descartável. Podemos até estabelecer uma sequência de motivações para essas uniões efêmeras:

O indivíduo casa-se pela primeira vez.

Triunfo do amor sobre a inconsequência.

E o atestado de confiança na legitimidade da ligação. Felizes para sempre! Juntos até que a morte os separe! Não dá certo!

Brigas, discussões, desentendimentos... Separam-se.

A culpa é do outro.

Segundo casamento:

Triunfo da esperança sobre a experiência.

Desta vez será diferente.

Felizes para sempre! Juntos até que a morte os separe! Não dá certo!

Brigas, discussões, desentendimentos... Separam-se.

A culpa é do outro.

Terceiro casamento:

Triunfo da obstinação sobre a incompetência. Finalmente, vamos acertar!

Felizes para sempre! Juntos até que a morte os separe!

Não dá certo!

Brigas, discussões, desentendimentos. Separam-se.

Já não pode culpar o cônjuge.

O problema está com ele, a exprimir-se em instabilidade emocional e despreparo para assumir responsabilidades conjugais.

Com quem ficará na vida espiritual?

Certamente, com ninguém!

Fará um estágio no umbral, o purgatório espírita, onde terá a oportunidade de refletir sobre sua frivolidade.

• • •

E dentro da normalidade, aquele que, em virtude do *falecimento* do cônjuge, casou-se mais de uma vez e deu-se muito bem? Com quem ficará na vida espiritual?

Ficará com aquele ao qual mais se afinar, desde que ambos se habilitem a viver no mesmo plano.

Na *Terra* temos uniões envolvendo Espíritos em estágios de evolução *diferentes, unidos*, em princípio, *pelo* mistério do amor, que opera o prodígio de misturar vinagre com azeite.

Na espiritualidade prevalece a lei do merecimento, situando cada Espírito em plano compatível com suas conquistas *espirituais*.

O ideal de estarem juntos em cidades como *Nosso Lar*, a *Shangrilá Espírita*, onde todos são felizes para sempre, só será *alcançado por casais* harmonizados, que olharam na mesma direção, que cultivaram os mesmos ideais de renovação e trabalho no campo do Bem, dispostos a alcançar os planos celestes, onde vivem os que não mais experimentam a morte.

Livro nº 32 - 2002 *Setenta Vezes Sete* Vida de Jesus. Últimos tempos de apostolado
Editora: CEAC-Bauru

MÉDIUM HOMEM E HOMEM MÉDIUM

1 — *O que é mediunidade?*

Em sua expressão mais simples, trata-se da sensibilidade à influência do mundo espiritual. E o *sexto sentido*, que nos coloca em contato com o mundo dos Espíritos, assim como o tato, o paladar, o olfato, a visão e a audição nos colocam em contato com o mundo dos homens.

2 — *Isso significa que todos somos médiuns?*

Todos temos sensibilidade que nos habilita a receber influências espirituais. Nem todos, entretanto, somos suficientemente sensíveis para produzir fenômenos mediúnicos.

3 — *O que determina essa diferença?*

Imaginemos alguém vestindo compacta armadura que o impeça de ver e ouvir o que se passa ao seu redor. E o que ocorre conosco, quando reencarnamos. Vestimos denso traje de carne que inibe nossas percepções espirituais. O médium é alguém com uma abertura nessa *blindagem*.

4 — *Essa abertura é de ordem física? Está no corpo?*

A mediunidade é uma faculdade espiritual, inerente a todos os Espíritos. Quando reencarnamos, fica sujeira às condições do corpo. Neste aspecto podemos dizer que é orgânica, porquanto subordinada a uma estrutura física que não iniba o contato mais amplo com o mundo espiritual.

5 — *Tem algo a ver com a hereditariedade?*

A mediunidade não se subordina à genética. O intermediário entre os dois planos é alguém que *foi* preparado para isso no Mundo Espiritual, submetendo-se a estudos e operações magnéticas, bem como a uma adequação do corpo *físico, de forma* a ter a sensibilidade necessária.

6 — *E quando os filhos de um médium experimentam fenômenos mediúnicos? Não há at um componente genético?*

Da mesma forma que temos *famílias de músicos e de médicos*, podemos ter *famílias de médiuns*, não por *hereditariedade*, mas por *afinidade*. São Espíritos afins. *Ligam-se pelos laços da consanguinidade para realizar determinadas tarefas.*

7 — *Como denominar esses dois tipos de sensibilidade maior e menor?*

Podemos definir *médium homem* como uma *condição inerente ao ser humano*. Todos sofremos a influência dos Espíritos. *Ehá o homem médium*, o indivíduo *dotado de uma sensibilidade maior*, que o habilita ao intercâmbio com o *Além*.

8 — *Não seria mais fácil usar termos diferentes para distinguir um do outro, o geral, do particular?*

Não, porque não são faculdades distintas em essência. Apenas particularidades. Há pessoas que têm o chamado *ouvido musical*; reproduzem qualquer música, sem estudo; e há as incapazes de dedilhar a mais singela canção. Em ambos os casos, são características de uma mesma faculdade — a audição. Algo semelhante acontece com a mediunidade. Todos temos *ouvidos* para o mundo espiritual; alguns *ouvem* melhor, habilitando-se à comunicação com os Espíritos.

Livro nº 33 - 2002 *Mediunidade, tudo o que você precisa saber* Perguntas e respostas sobre mediunidade Editora: CEAC-Bauru

QUANDO ENTRA O ANTAGONISTA

Mateus, 26:17-30 Marcos, 14:12-26 Lucas, 22:7-30 João, 13:1-35

Dentre as festividades da Páscoa, havia a ceia, cujo prato principal era um cordeiro, sacrificado em homenagem à fuga do Egito.

A tradição primeiro, depois a teologia, situariam Jesus como o Cordeiro de Deus, sacrificado para salvação dos homens.

A expressão *salvação* não se ajusta aos princípios espíritas. Ninguém está perdido, pois todos somos filhos de Deus e permanecemos sob seu olhar complacente.

Mesmo aqueles que se comprometeram na rebeldia e no desatino, no vício e no crime, não estão isolados na Criação. Por mais longe nos levem nossos desatinos, ainda assim permaneceremos nos domínios de Deus, regidos por leis soberanas que reajustam nossas emoções e renovam nossas idéias.

Jesus veio acelerar nossa jornada evolutiva. Alguém que nos mostrou que a reta do Bem é o caminho mais curto entre a animalidade que nos domina e a angelitude que devemos atingir.

É como se nos dissesse:

— Acompanhem meus passos, observem minhas lições. Seguirão mais rápido...

Portanto, não o imaginemos um *cordeiro*, a lavar nossos pecados com seu sangue.

Segundo o comentário de Allan Kardec, na questão 625, de *O Livro dos Espíritos*, Jesus foi abençoado modelo, o Espírito mais puro que já transitou pela Terra, a nos ensinar como cumprir as Leis Divinas, habilitando-nos a viver tranquilos e felizes.

• • •

O Mestre aproveitaria essa comemoração para transmitir as derradeiras instruções ao colégio apostólico.

Pediu aos discípulos procurassem um homem que lhes cederia sua residência, em Jerusalém. Não se sabe quem foi. Certamente algum simpatizante.

A tarde, compareceram rodos, ao que parece sem a presença dos donos da casa, *preservando* a intimidade do grupo.

Há um quadro *famoso de* Leonardo da Vinci, mostrando Jesus ao centro *de* uma mesa retangular, rodeado pelos discípulos. Segundo os exegetas, o mais provável é que a mesa tivesse uma forma de U, com Jesus ao centro. A ladeá-lo, Simão Pedro e João.

Os apóstolos viviam momentos de ansiosa expectativa. Sabiam que algo importante estava para acontecer, mas *não tinham a* mínima ideia das tormentas que viriam, embora

o Mestre deixasse bem claro que enfrentaria duros testemunhos, a culminarem com sua morte.

Após uma convivência de três anos, ainda não haviam assimilado ! ideia do Reino de Deus como uma realização interior.

Imaginavam tratar-se de conquista puramente material. No momento oportuno, Jesus convenceria os incrédulos, submeteria os poderosos à sua vontade soberana e instalaria a nova ordem.

Passaram, desde logo, a tratar de um assunto que lhes parecia prioritário:

Qual deles seria o mais importante, o principal preposto?

Podemos imaginar a melancolia do Mestre, observando os companheiros. Não haviam entendido absolutamente nada.

Em dado instante, ergueu-se, tomou de um vaso d'água e passou a lavar os pés dos discípulos.

A reação foi imediata. Absurdo aquele comportamento, próprio de escravos a serviço de seus senhores.

Simão Pedro perguntou:

— *Senhor, por que me lavas os pés?*

— *O que faço, tu não sabes agora, mas saberás depois disso.*

— *Não, Senhor, não me lavarás os pés!*

— *Se não te lavar, não terás parte comigo!*

— *Então, Senhor, não só os pés, mas também as mãos e a cabeça.*

Era bem o velho Simão, efusivo e exagerado. Jesus lavou os pés de todos.

Depois, erguendo-se, falou:

— *Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. E se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, assim deveis fazer uns aos outros...*

O ensinamento é magistral, reafirmando a mensagem mais importante:

Para Deus o maior será sempre aquele que mais disposto estiver a servir, o que mais se dedique ao Bem.

Quando chegar a nossa hora, quando retornarmos à espiritualidade, ninguém nos perguntará por nossos títulos,

| patrimônios, cultura, conhecimento. !. Se fomos o presidente
I da república, um capitão de indústria, um artista famoso, um desportista vencedor
ou mero trabalhador braçal.

As perguntas fundamentais serão:

Quanta dor aliviou?

Quanto consolo ofereceu?

Quanta fome mitigou?

Quanto amor disseminou?

Quanta compreensão exercitou?

• •

Em seguida, revelou:

— *Em verdade, em verdade vos digo: um de vós que come comigo há de me entregar. A mão do que me trai está comigo à mesa.*

Tinha plena consciência dos planos de Judas. Lia a alma das pessoas como num livro aberto.

Os discípulos ficaram indignados.

Perguntavam, ingenuamente:

— *Acaso sou eu, Senhor?*

Jesus reiterou:

— *Um dos doze, que põe a mão no mesmo prato comigo, esse me entregará. O Filho do Homem vai, conforme foi determinado e está escrito a seu respeito, mas aí do homem por quem o Filho do Homem for entregue! Seria melhor para esse homem se não houvesse nascido!*

Ao dizer que seria melhor não ter nascido, Jesus evidencia que a traição de Judas não constava do projeto messiânico.

Aconteceu, não por decisão divina, mas por desatino humano, na iniciativa de um discípulo iludido com as realizações materiais.

O mal nunca é programado. Situa-se por fruto de nossas ações, quando contrárias à vontade de Deus.

• •

Dirigindo-se a João, sentado ao seu lado, Jesus, informou que o traidor seria aquele a quem entregasse o pão molhado no vinho.

E o ofereceu a Judas, dizendo:

— *O que tens que fazer, faze-o depressa!*

Judas tomou o pedaço de pão e saiu imediatamente. Diz o texto evangélico que *depois do pão, entrou em Judas o antagonista*, simbolizando as influências nefastas que o norteavam.

Ninguém, com exceção, talvez, de João, compreendeu o que acontecera. Como era Judas quem guardava a bolsa do grupo, pensaram que saíra para comprar o necessário à festa e algo dar aos pobres.

Indagará o leitor:

Se a traição de Judas não estava no *script*, por que Jesus não procurou demovê-lo?

A resposta é simples:

Não adiantaria!

Judas firmara um propósito — promover uma reação popular com a prisão de Jesus, iniciando uma revolução.

Nada do que o Mestre lhe dissesse haveria de modificar sua intenção, mesmo

porque, a essa altura, sentia-se ele próprio um instrumento divino.

Se Judas não aprendera as lições de prudência e mansuetude, exemplificadas por Jesus, em três anos de convivência, não haveria de se sensibilizar com reiteradas advertências.

Há quem questione a ação dos mentores espirituais quando as pessoas envolvem-se com o mal.

Por que não interferem?

Equívocada dúvida!

Eles nunca deixam de nos advertir e orientar pelos condutos da intuição, além de mobilizarem variados recursos educativos, envolvendo a religião, o lar, a escola...

Quando a pessoa permite que, a par dessas benesses, entre *em* seu coração o antagonista, representando o envolvimento

com as tentações e enganos do mundo, acaba frustrando o empenho do mundo espiritual.

Resta deixar que a pessoa exercite o livre-arbítrio e *quebre a cara*, como se costuma dizer, aprendendo, pela didática severa da dor, que é preciso respeitar as leis divinas.

Livro nº 34 - 2003 *Antes que o Galo Cante* Vida de Jesus. O Drama do Calvário
Editora: CEAC-Bauru

DAS BARATAS

Não era um modelo de dona-de-casa, meio para a displicência.

Não obstante, esforçava-se por evitar restos de alimentos ao léu e acúmulo de pratos e panelas por lavar, mantendo relativa ordem na cozinha.

Isso porque, como é próprio da sensibilidade feminina, guardava instintivo horror às baratas. Elas costumavam fazer incursões quando seu lado desleixado aflorava.

Então, literalmente, sapateava espavorida, a gritar por socorro, como se ameaçada por monstros.

Depois, reclamava indignada:

— Só queria saber por que Deus criou esse bicho indecente!

Em meio a um desses chilikies, o filho de sete anos, na sua inocência, tentou uma explicação:

— Será, mamãe, que não foi para você botar ordem na cozinha?

• • •

Bem, caro leitor, certamente não foi para isso apenas, mesmo porque as baratas são fósseis vivos.

Povoam o planeta há milhões de anos, muito antes do aparecimento do Homem, ou que existissem donas de casa às voltas com elas.

Terá sido um cochilo divino, um erro de planejamento?

Considerando que o Criador 1 a *inteligência suprema do Universo, causa primária de todas as coisas*, como está na questão primeira de *O Livro dos Espíritos*, certamente não agiu como mero aprendiz de feitiçeiro ou um doutor Frankenstein a dar o sopro da vida a aberrações.

Obviamente, o Eterno tinha um objetivo ao colocar em nosso planeta esse famigerado ortóptero, da família dos blatídeos, vulgo *barata*.

Quando não benéfico estimulante da limpeza na cozinha, e outras funções menos conhecidas, temos nele um dos estágios pelos quais passa o princípio espiritual em

evolução, no desdobramento de experiências necessárias ao seu acrisolamento, a caminho da razão.

Não fique perplexo, leitor amigo. É isso mesmo!

Provavelmente já andamos por lá, no reino das baratas, em priscas eras, quando éramos apenas um projeto de Espírito, tanto quanto animamos multifários seres, no reino vegetal e animal, até que começássemos a exercitar o bestunto.

• •

Ainda que desconhecendo, talvez, tais meandros da evolução anímica, Franz Kafka (1883-1924), o genial escritor tcheco, descreve, no livro *Metamorfose*, a aterradora experiência de um homem que se transforma numa barata.

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregário Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos...

Horripilante fantasia, que inverte a ordem natural e evoca a metempsicose, doutrina milenar, presente nas tradições religiosas das mais antigas culturas. É uma ideia equivocada, a contrariar a realidade proposta pela Doutrina Espírita:

A evolução é via de mão única.

Para nossa felicidade, jamais retornaremos a estágios inferiores da Criação, embora muita gente bem o mereça.

Creio que você já ouviu, amigo leitor, em relação a certas pessoas, expressões assim: *barata tonta* (não sabe o que faz), *entregue às baratas* (sem rumo, abandonado, negligenciado), *sangue de barata* (não reage às provocações).

Pois é! Se existisse a involução, teríamos a ficção de Kafka transformada em realidade.

• •

Em sua infinita sabedoria, o Criador estabelece que, além de servir como degrau para o princípio espiritual em evolução, os seres inferiores tenham outras utilidades, favorecendo o equilíbrio ecológico, que sustenta a vida na Terra.

Às baratas reservou, também, a nobre missão de estimular disciplinas que nos ajudam a vencer a displicência que caracteriza o ser humano, no estágio de evolução em que nos encontramos, envolvendo, não raro, a higiene e a limpeza.

Abençoada barata!

Livro nº 35 — 2003 *Abaixo a Depressão* Profilaxia dos estados depressivos
Editora: CEAC-Bauru

ANTES QUE VENHA O ARRASTÃO

Mateus, 13:47-50

Ao tempo de Jesus era usado no Mar da Galileia o arrastão, uma forma de pescaria.

Os pescadores preparavam redes quadradas, bem grandes, que permaneciam numa posição vertical dentro da água, mediante a utilização de pesos e flutuadores. Eram levadas pelos barcos e deixadas em determinada localização. A partir dali eram puxadas para a praia, por cordas, colhendo todos os tipos de peixes, suficientemente grandes para ficarem

presos em suas malhas.

Havia proibições de consumo, pela lei judaica, como está na orientação mosaica, em *Levítico*, 11:12:

Tudo o que não tem barbatanas nem escamas, nas águas, será para vós abominável

Juntamente com os peixes não comestíveis e de mau sabor, eram jogados de volta ao oceano ou iam para o lixo.

• •

Jesus usa a imagem do arrastão para transmitir um de seus ensinamentos sobre o Reino dos Céus.

... é semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha toda espécie de peixes.

Quando está cheia, os pescadores a retiram e, sentados na praia, escolhem os bons para os cestos, e o que não presta deitam fofa.

Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes.

No aspecto individual o Reino é uma condição íntima. Instala-se num momento de iluminação em que nos integramos plenamente na Vida, cidadãos do Universo.

No aspecto coletivo exprime-se numa sociedade formada por Espíritos iluminados.

Com o crescimento espiritual da Humanidade amplia-se o contingente dos que realizaram o Reino em seus corações.

Hoje, uma minoria.

Amanhã, dentro de decênios, séculos ou milênios — depende de nós — a maioria.

Acontecerá, então, o arrastão.

Colhidos pelas malhas da Justiça, aqueles que não se enquadrarem na nova ordem serão jogados na *fornalha ardente*...

Naturalmente, trata-se de um simbolismo, uma imagem forte, que a teologia medieval levou ao pé da letra, concebendo a ideia do inferno de fogo, onde as almas comprometidas queimam sem se consumir, em perenes sofrimentos.

O Espiritismo oferece ideia diferente.

Não estarão irremissivelmente condenados.

Serão simplesmente degredados em planetas inferiores, onde enfrentarão dificuldades e dissabores sob orientação da mestra Dor, lá bem mais severa.

Isso, somado às saudades da Terra e dos afeiçoados que aqui ficarão, quebrará a rebeldia, favorecendo sua renovação.

Redimidos, ainda que isso exija o concurso dos milênios, retornarão ao nosso Mundo, porquanto compõem a grande família humana, sob os cuidados de Jesus.

• •

Segundo Emmanuel, no livro *A Caminho da Luz*, há dez mil anos havia no sistema de Capela, estrela da constelação de Cocheiro, um planeta habilitado à promoção.

Deixaria de ser um mundo de expiação e provas, como é a Terra, cujos habitantes são orientados pelo egoísmo, e passaria a mundo de regeneração, com uma população disposta a assumir a cidadania do Reino de Deus.

Ocorre que uma parcela da população não estava sintonizada com os novos rumos. Então, houve o arrastão, envolvendo milhões de récalcitrantes. A direção espiritual do planeta os transferiu para um mundo em evolução primária.

Você pode imaginar qual foi, amigo leitor?

Se pensou na Terra, acertou.

Os capelinos encarnaram no seio das raças humanas, promovendo desde logo

grandes transformações, já que mentalmente eram muito mais evoluídos, embora moralmente em estágio semelhante aos terrestres.

Os antropólogos espantam-se com a civilização neolítica. Em algumas centenas de anos, grandes conquistas foram obtidas — a domesticação dos animais, a descoberta da agricultura, a formação da escrita, a utilização de metais, a vida urbana. ! !

O Homem, que estava praticamente na idade da pedra, repentinamente viu-se em meio a significativas conquistas.

Foram iniciativas dos capelinos, que deram origem às grandes civilizações, como a egípcia, a chinesa, a hindu e a indo-europeia.

Detalhe importante. Não estão bem definidos para os antropólogos os fatores que determinaram sua extinção.

A luz do Espiritismo, é simples explicar.

A medida que os degredados, renovados e redimidos, retornaram ao planeta de origem, as civilizações que edificaram entraram em decadência.

Imaginemos uma família rica e abastada, que construa moderno palacete numa favela. Depois de alguns anos, o proprietário muda-se e deixa o imóvel para os favelados. Estes, sem condições para cuidar adequadamente dele, deixam que se deteriore, até transformar-se em ruínas.

Foi o que aconteceu com aquelas civilizações.

Morreram porque o homem terrestre não tinha competência para preservá-las.

• •

Algo semelhante ocorrerá conosco, no grande arrastão. Seitas pentecostais o anunciam para breve, ainda neste século.

Proclamam seus arautos:

— Arrependam-se! Está chegando a hora!

O Espiritismo confirma que isso acontecerá, não como uma condenação eterna, mas como um degredo transitório para aqueles que não aderirem, de coração, ao Reino.

Parece-me, amigo leitor, que não acontecerá em tempo breve. Fácil entender a razão.

No *Sermão da Montanha* Jesus nos dá uma pista de quem ficará, ao proclamar:

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.

Significa que ficarão aqueles que houverem conquistado mansuetude. Se acontecesse agora, certamente, nosso planeta seria transformado num deserto, porquanto raras pessoas efetuaram essa conquista.

Estamos tão longe da mansidão, em face do caráter agressivo que caracteriza o homem, orientado pelo egoísmo, que o termo manso guarda uma conotação pejorativa.

Chamar alguém de manso é xingá-lo, equivalente a dizer que corre sangue de barata em suas veias.

No entanto, 1 apenas alguém que venceu a agressividade; que não reage ao mal com o mal; que guarda as raízes de sua estabilidade no próprio íntimo.

Se bem observarmos, verificaremos que muitos males que conturbam as relações humanas, em todos os níveis, inspiram-se na agressividade, sempre com o propósito de favorecer o interesse pessoal.

• •

Podemos fazer um teste ligeiro, a verificar se estamos conquistando a mansidão, habilitando-nos ao Reino, ou se corremos perigo no arrastão.

- Submetidos a uma cirurgia, permanecemos acamados por alguns dias.
 - a) Cultivamos a oração e a serenidade, procurando não incomodar os familiares, nem aumentar sua preocupação.

- b) Perturbamos a todos com gemidos e reclamações, como se estivéssemos em leito de fâquir, colchão de pregos pontiagudos.

- Um conhecido passa por nós sem nos cumprimentar.

- a) Consideramos que não nos viu ou estava distraído.

- b) Ficamos possessos: — Pretensioso! Julga que tem um rei na barriga¹

- O cônjuge está quieto, fechado, poucas palavras...

- a) Imaginamos que esteja cansado, querendo um pouco de sossego.

- b) Estressamos e logo clamamos que intenciona nos levar | loucura com seu mutismo.

- | No trânsito, um motorista buzina atrás, assim que abre o sinal.

- a) Admitimos que deva estar com pressa. Engatamos a primeira e seguimos em frente.

- b) Castigamos o atrevido, demorando para avançar. Se torna a buzinar, fazemos um sinal malcriado, convidando-o a passar por cima.

- ! Cruzamos rua preferencial, inadvertidamente. Um motorista, cujo carro quase foi atingido, faz gesto pejorativo, sugerindo barbearagem.

- a) Admitimos que precisamos estar mais atentos.

- b) Gritamos a plenos pulmões, recomendando-lhe que vá procurar aquela senhora de profissão nada recomendável que o pôs no Mundo.

- O chefe nos adverte quanto a uma falha.

- a) Desculpamo-nos, com a disposição de melhorar nosso desempenho.

- b) Mal contemos o desejo de pular em seu pescoço e, intimamente, formulamos ardentes votos de que ele vá para o diabo que o carregue.

- ! O subordinado comete uma falha.

- a) Tratamos de orientá-lo para uma melhor condução do serviço.

- b) Lembramos-lhe de que, se não der um jeito na sua atuação profissional, há dezenas de desempregados que podem ocupar seu lugar, fazendo o dobro do que faz, ganhando metade de seu salário.

- Os vizinhos envolvem-se numa discussão, pondo-se a gritar uns com os outros.

- a) Consideramos que estão com algum problema e passamos a orar por eles.

- b) Chamamos a polícia para dar um jeito naqueles malucos.

- O filho vai mal na escola.

- a) Dispomo-nos a acompanhá-lo nas tarefas, ajudando-o.

- b) Damos-lhe uma surra, prometendo fazer pior se voltar a ter notas baixas.

- | Num grupo de trabalho, em atividade religiosa, não aceitam nossa sugestão.

- a) Ficamos tranquilos, considerando que muitas cabeças pensam melhor que uma só.

- b) Reclamamos que é uma cambada de pretensiosos, que não deixa espaço para ninguém, e nos afastamos.

Se nossas respostas envolvem em maioria a opção “a”, estamos bem em nosso aprendizado espiritual.

Se as respostas mais frequentes envolvem a opção “b”, há deficiências comprometedoras.

É preciso cuidado, torcendo para que não venha o arrastão antes de vencermos os

arrastamentos da agressividade.

Livro nº 36 — 2004 *Histórias que ifrazem felicidade* Parábolas evangélicas, à luz do Espiritismo Editora: CEAC-Bauru

NOVO ESPIRITUALISMO

1 — *Espiritismo e espiritualismo têm o mesmo significado?* Não. Espiritualismo é a crença na existência e sobrevivência do Espírito, o ser pensante. Por isso, católicos, evangélicos, budistas, maometanos, enfim, os religiosos de um modo geral, são todos espiritualistas.

2 — *E o espirital?*

Também, pelo mesmo motivo. A diferença é que o Espiritismo desenvolve um *novo espiritualismo*, uma maneira avançada de apreciar a sobrevivência da alma.

3 — *Qual seria a diferença entre as religiões espiritualistas e esse “novo espiritualismo”?*

Em se tratando da vida espiritual, elas são especulativas. À falta de informações precisas, os teólogos que formularam seus princípios imaginaram como seria o Além. A Doutrina Espírita faz diferente: alicerça seus princípios em informações colhidas no contato com a dimensão extrafísica. Começa exatamente onde terminam as religiões, desbravando o vasto continente espiritual.

5 — *A idéia seria separar a realidade da fantasia?* Exatamente. Se, tentando descobrir como vivem os franceses, partirmos para a imaginação, resvalaremos para a fantasia, desenvolvendo noções totalmente distanciadas da realidade. Mais prático entrevistar alguns franceses, de várias camadas sociais, a nos oferecerem uma visão perfeita de como é a vida na França.

6 — *Ainda que a ciência espírita garanta a autenticidade do intercâmbio com o Além, como podemos ter certeza de que as informações colhidas oferecem uma visão real desse mundo invisível?*

Pelo **critério** de universalidade. Se perguntarmos a um francês sobre a vida na França, e ele mentir, seremos confundidos. Mas, se perguntarmos a muitos franceses, **isoladamente, cotejando as** respostas, teremos a **verdade**. **O mesmo acontece no** intercâmbio com o Além. Muitos Espíritos entrevistados, **com o** concurso **de** muitos médiuns, nos **oferecem** uma visão **objetiva de como** vivem.

7 — *Exorcistas, nas religiões tradicionais, atribuem ao demônio essas manifestações...*

Trata-se de uma **fantasia teológica** que **seria perfeitamente** superada se os exorcistas se dessem ao trabalho de pesquisar, **usando a** metodologia **espírita**. **Constatariam**, tranquilamente, que são as **almas dos** morros que se manifestam.

8 — *Como podem os mortos entrar em contato com os vivos se estão dormindo, num sono que se prolongará até o chamado juízo final, quando retomarão seus corpos para o retorno à vida?*

Não é o que informam os *mortos*. O Espírito, o ser pensante, não necessita do corpo para existir e exercitar suas faculdades. A morte apenas o libera das limitações físicas, restituindo-lhe a liberdade que perdera ao reencarnar. E, porque não vive em compartimentos estanques, pode, perfeitamente, comunicar-se com os homens.

9 — *Se os princípios espíritas são tão claros e objetivos, com essa ampla visão das realidades espirituais, porque as pessoas têm dificuldade em aceitar?*

A única dificuldade está na falta de disposição para apreciá-los. Há variados preconceitos e condicionamentos negativos, relacionados ao assunto. Qualquer pessoa que escude o Espiritismo acabará por converter-se. A Doutrina é extremamente racional e, sobretudo, consoladora. Que o digam aqueles que chegam ao Centro Espírita motivados por situações aflitivas e dolorosas.

Livro nº 37 - 2004 *Espiritismo, tudo o que você precisa saber* Perguntas e respostas sobre a Doutrina Espírita Editora: CEAC-Bauru

ATENDER E FAZER

Mateus, 21:28-32

Conversando--com os fariseus, os impertinentes contes-tadores, Jesus contou pequena parábola:

Um homem, pai de dois filhos, disse ao primeiro:

— *Filho, vai trabalhar hoje na vinha.*

Respondeu » filho:

— *Não quero.* <

Arrependendo-se, acabou atendendo à convocação. Dirigindo-se ao segundo filho, o pai fez idêntica recomendação. Este concordou prontamente:

— *Eu irei, senhor.*

Disse *de boca*, porquanto não foi.

Perguntou Jesus:

— *Qual dos dois fez a vontade do pai?*

Responderam os fariseus:

— *O primeiro.*

Concluiu o Mestre:

— *Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos precederão no Reino de Deus.*

Porque João veio a vós, a fim de vos mostrar o caminho da justiça e não acreditastes nele, enquanto os publicanos e as meretrizes creram. Mesmo vendo isto não vos arrependestes depois para crerdes nele.

• •

Enunciado simples, significado profundo.

O senhor da parábola, como situa o Mestre, é Deus.

Fica evidente que nas relações entre o Criador e as criaturas, o Pai e os filhos, há um valor básico:

O livre-arbítrio.

A liberdade de ir e vir, de fazer de acordo com a própria iniciativa, sem pressões ou ameaças.

As pessoas imaginam que Deus deveria impor Sua justiça, castigando os maus, premiando os bons.

Profitentes religiosos exaltados desejam ardentemente que a *ira divina* se abata sobre árabes ou judeus, conflitados no Oriente Médio, conforme o *time* de sua preferência. De-

sejam muitos que os fanáticos de ambos os lados, belicosos e agressivos, sejam atingidos pelo *raio que os parta*, como diria o português.

Mas, se agisse assim, Deus teria o mesmo comportamento troglodita que caracteriza

esses extremistas, dispostos a resolver suas pendências *no braço*, como se fossem moleques de rua.

A responsabilidade é planta frágil.

Só viceja em clima de liberdade.

Imprescindível que a exercitemos, a fim de sermos responsabilizados por nossos atos, consoante a Lei de Causa e Efeito, tão bem definida pela Doutrina Espírita, e enunciada por Jesus, ao proclamar (Mateus, 16:27):

...a cada um segundo suas obras.

O pai que castiga severamente o mínimo deslize do filho, impondo-se pelo medo, sem diálogo, sem demonstrações de afeto, lamentará, mais tarde, os estragos produzidos em sua personalidade — inibição, insegurança, introversão, timidez...

Poderá ser pior — rebeldia, agressividade, revolta, vícios...

Não 1 assim que o Pai Celeste lida com Seus filhos.

Não impõe nada e sempre nos convida para a Vinha.

O convite se expressa de várias formas: nos princípios religiosos, nas vidas exemplares, nos impulsos do Bem, nas idéias de caráter edificante.

O filho que responde afirmativamente simboliza os que frequentam os templos, as igrejas, os centros espíritas, mas seu comportamento é uma negativa.

São meros religionários, sectários de uma religião.

Não vivenciam o aprendizado.

De nada vale bater no peito, proclamando que aderimos à Vinha do Senhor, se nossas atitudes revelam o contrário.

O filho que responde negativamente simboliza os que, embora não vinculados a movimentos religiosos, agem com religiosidade, cumprindo o que deles espera Deus.

A parábola lembra algumas expressões do *Canto de Os-sanha*, de Baden Powell e Vinícius de Moraes:

O homem que diz “dou” não dd, porque quem dá mesmo não diz.

Os servidores autênticos preferem o anonimato.

Quem exalta supostas virtudes, apenas faz propaganda de si mesmo.

O homem que diz “vou” não vai, porque quando foi já não quis.

Os caminheiros decididos não se enredam em meras palavras.

De afirmativas vás o inferno está cheio.

O homem que diz “sou” não é, porque quem é mesmo não diz.

Os sábios legítimos reconhecem suas próprias limitações.

Quem se julga dono da verdade carece de humildade, apanágio da sabedoria.

...

Instigante a observação de Jesus:

— *Os publicanos e as meretrizes vos precederão no Reino de Deus.*

Atente a esse fato, leitor amigo:

O Mestre não afirmou que os fariseus seriam barrados, mas que, por não serem sinceros, teriam seu ingresso retardado.

Diríamos que, segundo a expressão popular, deveriam *comer muita grama* para lá chegar, enfrentando atribulações e dores tendentes a modificar suas disposições.

Beleza de idéia!

Está bem de acordo com a justiça e a bondade de Deus.

Todos entraremos no Reino, sem exceção, tanto mais depressa quanto maior o nosso empenho em favor da própria renovação.

Não ficarão de fora nem mesmo os que se envolvem com o farisaísmo, a se comprometerem na falsa religiosidade.

Para nós podem ser detestáveis agentes do mal.

Para Deus, apenas filhos transviados, que encontrarão, um dia, o roteiro do Bem.

Se o fariseu passava a existência na base do *vou, mas não vai*, transferindo-se para o Plano Espiritual cheio de dívidas e compromissos não cumpridos, como entraria no Reino?

Bem, se os seus comprometimentos eram com a existência humana, seria de boa lógica que os resolvesse aqui.

Observe, prezado leitor, que, no célebre encontro com Nicodemos, Jesus proclama (João, 3:3):

Em verdade, em verdade, te digo que quem não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus.

Temos aí uma evidência da Reencarnação.

Através de múltiplas existências, retornando à carne, incessantemente, para experiências regeneradoras, os fariseus terminariam, finalmente, por aderir ao Reino, não por meras palavras, mas por ações.

Habitantes deste planeta de provas e expiações, habituados a eleger o egoísmo como orientação de vida, temos participado, milenarmente, do time dos que dizem:

Dou, mas não dão...

Vou, mas não vão...

Sou, mas não são...

Praza aos Céus tenhamos aprendido as lições e estejamos dispostos, desta feita, a atender aos apelos da própria consciência, exercitando de verdade o *dar, o ire o ser*, buscando as gloriosas realizações do Reino!

Livro nº 38 - 2005 *Mais Histórias que trazem Felicidade* Parábolas evangélicas, à luz do Espiritismo Editora: CEAC-Bauru

PULGA

Entusiasmada com a revelação que lhe fora feita por um médium, a senhora comentou:

— Chico, recebi uma notícia maravilhosa!

— O que foi, minha irmã?

— Minha identidade nos tempos apostólicos!

— Beleza!

— Fui mártir. Estive no Circo Romano. Morri devorada por um leão!

Ante a admiração do médium, perguntou:

— E você, Chico, já sabe quem foi?

— Ah! minha irmã, sei sim...

— E daí? Estou curiosa...

— Fui a pulga do leão.

O episódio, que nos fala da humildade e do bom humor de Chico, remete-nos a uma curiosa tendência, relativa às famosas *revelações*.

Geralmente, o *iluminado* foi rei, rainha, estadista, cientista, artista famoso...

Sempre alguém importante, que se destacou em determinado setor de atividade.

Não se ouve falar de lixeiro, operário, camponês, homem do povo...

Detalhe relevante, nesse assunto, amigo leitor:

Considerando que os que se destacam na política, nas artes, na religião, consomem minoria, certamente há algo de equivocado nessas *revelações* que privilegiam todos os consulentes.

A experiência demonstra que são produzidas por médiuns ou Espíritos espertos, interessados em incensar a vaidade das pessoas, a fim de conquistar sua confiança e admiração.

Raros não sentem inflar o ego ante a informação de que foram figuras destacadas, em pretéritas existências.

Daí sua disposição em oferecer créditos de cega confiabilidade em favor desses *reveladores*.

• •

Não é prudente, portanto, nem conveniente, estarmos devassando o passado, à procura de títulos e honrarias.

Destaque-se que a simples estima por notícias dessa natureza é um atestado negativo.

Os Espíritos esclarecidos, que realmente ofereceram contribuições marcantes, aqueles que deixaram a Terra melhor do que a encontraram, não se interessam por glórias do passado.

Importa-lhes as realizações do presente, dando o melhor de si mesmos em favor do progresso e do bem-estar da Humanidade.

• •

Mesmo sem procurar por *revelações*, podemos ter uma ideia do que fomos, analisando nossas tendências, nossa maneira de ser.

Mas, é preciso cuidado para não interpretar de forma equivocada os sinais.

Alguns exemplos:

Gostar de roupas elegantes e caras.

Suposição: dama da realeza.

Realidade: costureira de modista.

Apreciar finas iguarias.

Suposição: rico e refinado *gourmet*.

Realidade: cozinheiro.

Estimar a solidão.

Suposição: filósofo.

Realidade: longo e solitário estágio no Umbral.

Apreciar viagens.

Suposição: desbravador de terras novas.

Realidade: caixeiro-viajante.

Amor | primeira vista.

Suposição: reencontro com alma gêmea.

Realidade: paixão delirante.

Mais interessante deixar o terreno das suposições e encarar a realidade.

Se Chico dizia-se a pulga do leão, é bem provável que tenhamos sido um *Dipylidium caninum*, o verme da pulga.

Livro nº 39 - 2005 *Rindo e Refletindo com Chico Xavier* Reflexões em torno de frases e episódios bem-humorados do grande médium Editora: CEAC-Bauru

CONSEQUÊNCIAS IMEDIATAS

1 — *Qual a primeira consequência do suicídio?*

A terrível constatação: o suicida não alcançou o seu intento. Não morreu! Não foi *deletado* da Vida. Continua a existir, sentir e sofrer, em outra dimensão, experimentando tormentos mil vezes acentuados. E uma situação traumática e apavorante.

2 — *Seus sofrimentos são de ordem moral?*

Em parte. Há outro aspecto a ser considerado: os estragos no perispírito, o corpo espiritual. O apóstolo Paulo o denominava *corpo celeste*. Um corpo feito de matéria também, mas quintessenciada, numa outra faixa de vibração, como define Allan Kardec. É o veículo de manifestação do Espírito no plano em que atua, e intermediário entre ele e o corpo físico, na reencarnação.

3 — *Quando o médium vidente diz que está vendo determinado Espírito, é pelo corpo espiritual que o identifica?* Exatamente. O Espírito não tem morfologia definida, como acontece com a matéria. É uma luz que irradia. Diríamos, então, que o vidente vê determinado Espírito

em seu corpo espiritual, tanto quanto identificamos um ser humano pela forma física.

4 — *O que acontece com o perispírito no suicídio?*

Sendo um corpo sutil, que interage com nossos pensamentos e ações, é afetado de forma dramática. Se alguém me der um tiro e eu vier a desencarnar, poderei experimentar algum trauma, mas sem danos perispirituais mais graves. Porém, se eu for o autor do disparo, buscando a morte, o perispírito será afetado e retornarei ao Plano Espiritual com um ferimento compatível com a área atingida no corpo *físico*. É muito comum o médium vidente observar suicidas com graves lesões no corpo espiritual, produzidas por instrumento cortante, revólver ou outro meio violento por ele usado.

5 — *Qualquer tipo de suicídio sempre afetará uma área correspondente no perispírito?*

Sim, com tormentos que se estenderão por longo tempo. *Dizem os suicidas* que se sentem como se aquele momento *terrível* de autoaniquilamento houvesse sido registrado por uma câmera em sua intimidade, a reproduzir sempre a mesma cena trágica. Imaginemos alguém a *esfaquear-se*. A diferença é que, enquanto encarnado, essa autoagressão termina com a morte, enquanto que na vida *espiritual* ela se reproduz, insistentemente, em sua mente, sem que o *suicida* se aniquile.

— *Digamos que a pessoa dê um tiro na cabeça...*

Sentirá repercutir, indefinidamente, o som do tiro e o *impacto* do projétil furando a caixa craniana e dilacerando o cérebro. Um tormento indescritível, segundo o testemunho dos suicidas. Lembra a fantasia teológica das chamas do inferno, que queimam sem consumir.

7 — *Falando em chamas, e se a pessoa se matou pelo fogo, desintegrando o corpo?*

Vai sentir-se como alguém que sofreu queimaduras generalizadas. Experimentará dores acerbadas e insuportável inquietação. E uma situação desesperadora, infinitamente pior do que aquela da qual, impensadamente, pretendeu fugir.

8 — *Podemos situar os desajustes perispirituais como castigos divinos?*

Imaginemos um filho que, não obstante advertido pelo pai, não toma os devidos cuidados ao usar uma faca afiada e se fere, seccionando um nervo. As dores e transtornos que vai sentir não serão de iniciativa paterna para castigá-lo. Ele apenas colherá o resultado de sua imprudência. É o que acontece com o suicida. Seus tormentos relacionam-se com os

desajustes que provocou em si mesmo. Não constituem castigo celeste, mas mera consequência de desatino terrestre.

Livro nº 40 - 2006 *Suicídio, tudo o que você precisa saber* Noções da Doutrina Espírita sobre a problemática do suicídio Editora: CEAC-Bauru

QUEM NÃO GOSTA DE SAMBA...

Chico passava por uma crise de labirintite que muito o afligia.

Em oração, viu o doutor Bezerra de Menezes, o generoso benfeitor espiritual.

Logo apelou:

— Dr. Bezerra, rogo-lhe que me auxilie. Estou passando mal. Não lhe peço como gente, mas na condição de besta. Façamos de conta que eu estou fazendo parte de uma carroça de trabalho para mim preciosa, que é a mediunidade. Preciso voltar para a minha carroça, doutor. Tenha dó desta besta! Como pessoa eu não mereço, mas como besta, quero trabalhar!

E ele, sorrindo:

— Você, besta, Chico? E eu, quem sou?

— O senhor é o veterinário de Deus!

Chico contou este episódio num programa de televisão, quando lhe perguntaram se os Espíritos também apreciam momentos de humor.

Destacou que sim, porquanto o Dr. Bezerra recebeu com gostosa gargalhada sua observação.

• •

Considerando-se o humor como um estado de espírito, obviamente iremos encontrar, assim como no plano físico, gente bem ou mal-humorada *do outro lado*.

Diríamos mesmo que um dos detalhes a levar em consideração, quando se pretenda identificar entidades que se manifestam em reuniões mediúnicas, diz respeito ao seu humor.

Espíritos irritados, agressivos, impositivos, solenes, circuns-petos, lembram o refião do samba famoso, de Dorival Caymmi (1914-2008):

Quem não gosta de samba, bom sujeito não é.

E ruim da cabeça ou doente do pi.

Quem não curte o bom humor, Espírito bom não é.

Tem perturbação na cachola e coração sem fé.

• •

Missionários em trânsito pela Terra enfrentam os dissabores da existência, lutas e desafios, sem jamais pretenderem que carregam o peso do Mundo nas costas.

Chico era um admirador de Teresa D'Avila (1515-1582), notável servidora do Cristo, que se destacava pela coragem de enfrentar as atribulações sem entregar-se a sentimentos de tristeza e desânimo.

Jamais perdia o bom humor, nem deixava de procurar os sofredores de todos os matizes, levando-lhes a palavra amiga, a ajuda, o conforto.

Certa feita, numa dessas jornadas, atravessava um rio quando caiu um temporal violento, tornando caudalosas suas águas.

Foi salva por Jesus.

Emocionada, ouviu o Mestre dizer-lhe:

— Vês, Teresa? E submetendo-os a perigos e sofrimentos da jornada, que testo a fidelidade de meus amigos queridos.

E Teresa, bem-humorada:

— Ah! Senhor! Talvez seja por isso que tenhas tão poucos amigos.

• •

Revelação surpreendente: o próprio Allan Kardec - quem diria! —, que muitos imaginam sisudo, não era nada disso.

Essa ideia equivocada tem sua origem nas fotos que conhecemos do Codificador. Em todas aparece de fisionomia circunspeta, o que passa a falsa ideia de que era desprovido de bom humor.

É que nos primórdios da fotografia, no século XIX, aparecer sorrindo em retratos não pegava bem.

Por outro lado, os rudimentares *flashes* de magnésio para clarear o ambiente produziam uma explosão sempre assustadora para os fotografados, inibindo a descontração.

Diz Henri Sausse (1851-1928), contemporâneo e biógrafo de Kardec:

Erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser uma personagem jria e austera. Nada disso!

Era um homem expansivo, sempre disposto a distrair e alegrar os amigos que frequentemente convidava para refeições em sua residência.

Gostava de rir, um belo riso, franco e comunicativo, e possuía um talento todo particular em fazer os outros partilharem do seu bom humor.

• •

Espíritos que se destacam nos campo do Bem e da Verdade, bem a nossa frente no exercício de viver, demonstram claramente que *tristeza não paga dívidas*.

Os sofrimentos maiores que enfrentamos não decorrem das atribulações da existência, mas do fato de não sabermos encará-los com bom ânimo e, mais que isso, com bom humor.

Afinal, a vida é um espelho em que nos miramos.

Se sorrirmos para ela, não deixará de sorrir para nós.

Se lhe fizermos cara feia, certamente não vai gostar.

Livro nº 41 — 2006 *Rindo e Refletindo com Chico Xavier — II* Reflexões em torno de frases e episódios bem-humorados do grande médium Editora: CEAC-Bauru

PAZ

— Como encontrar a paz no coração?

— E preciso ter espiritualidade.

— Pode me dar um pouco?

— Não é passível de comércio ou doação.

— O que é então?

— Uma conquista.

— Do Mundo?

— De si mesmo.

— Como fazer?

— Vencer o mal.

Não há paz em seu coração!

Livro nº 42 - 2007 *Trinta Segundos* Temas de atualidade em minidiálogos Editora: CEAC-Bauru

O PODER DA NÃO VIOLÊNCIA

Futuras gerações dificilmente acreditarão que tenha passado sobre a face da terra, em carne e osso, um homem como ele.

Essa afirmação de Albert Einstein (1879-1955) diz respeito ao líder indiano Mohandas Gandhi (1869-1948).

Quando analisamos sua existência, a maneira absolutamente incrível como libertou seu país do jugo inglês, entendemos a admiração do grande físico.

A Índia era a joia mais preciosa da coroa britânica, destacando-se num império tão grande, em seu apogeu, que nele o sol nunca se deitava.

Os ingleses não estavam nada dispostos a atender os reclamos de liberdade do povo indiano, nem preocupados com aquele homem mirrado que encarnava os anseios populares.

Não contavam com sua espiritualidade, a capacidade de mobilização para o mais incrível de todos os movimentos em favor da liberdade — a desobediência civil.

Por orientação de Gandhi, deveria ser sustentada pelo princípio da não violência nos confrontos com os usurpadores do solo pátrio.

Havia quatro itens fundamentais.

Violência física: não agredi-los.

Violência verbal: não falar mal deles.

Violência mental: não pensar mal deles.

Violência emocional: não odiá-los.

Os homens liderados por Gandhi paralisavam trens, desobedeciam leis, infringiam regulamentos, sustentavam greves...

Pacificamente, deixavam-se prender e torturar sem alimentar ódios ou ressentimentos.

E porque não podiam, indefinidamente, atacar e encarcerar aquelas multidões que corajosamente infringiam suas leis e obstinadamente recusavam reagir às suas agressões, os ingleses acabaram se convencendo de que a única solução seria deixar a Índia.

• •

Diz Gandhi:

A não violência é a lei da espécie humana, assim como a violência é a lei do bruto. O Espírito jaz dormente no irracional, que não conhece outra lei senão a força. A dignidade do homem exige obediência a uma lei superior - ao poder do espírito.

O *mahatma* (grande alma) está nos convidando a assumir a condição humana, marcada pelo empenho de nos sobrepor aos instintos.

Foi assim que ele libertou um povo.

E assim que nos libertaremos do bruto ainda dominante no comportamento humano.

Mostrando-nos o vasto painel que se desdobra além-túmulo, a Doutrina Espírita enfatiza que é de fundamental importância limpar nosso coração de mágoas e rancores, pesos terríveis que nos prendem a faixas vibratórias inferiores, a sustentar males variados que nos oprimem.

• •

Sugiro, leitor amigo, façamos um teste para verificar nosso enquadramento nos princípios preconizados por Gandhi.

Imaginemos que alguém nos ofenda ou prejudique.

Consideremos o comportamento ideal:

Violência física.

Não cogitamos de dar-lhe um tiro ou uns bons sopapos.

Violência verbal

Não exprimimos indignação em termos fortes e altíssimo-nantes, nem *homenageamos* a senhora sua mãe, atribuindo-lhe aquela profissão pouco recomendável.

Violência mental

Não alimentamos o desejo de que seja atropelado por um trem ou *vá para o diabo que o carregue*.

Violência emocional

Não ficamos a verrumar o mal que nos causou, a vibrar de ódio por ele e pena de nós mesmos.

Se forem essas as nossas reações estaremos de parabéns.

Teremos deixado a caverna do bruto ancestral.

Melhor ainda quando formos capazes de agir como o próprio Gandhi.

Um repórter lhe perguntou se já havia perdoado seus inimigos.

— Nunca perdoei ninguém.

— Não entendo... o senhor, líder espiritual do povo indiano, contrário a qualquer sentimento de animosidade, não perdoa seus inimigos?!

— Não 1 preciso. Nunca me senti ofendido...

Livro nº 43 — 2007 *Rindo e Refletindo com a História* Reflexões em torno de figuras ilustres e acontecimentos históricos importantes Editora: CEAC-Bauru

O CLAMOR DAS ALMAS

Em seu primeiro dia de aula, no início do ano letivo, a professora Teresa postou-se diante dos alunos da quinta série, primeiro ciclo.

Disse-lhes que os recebia com alegria e que gostava de todos por igual, sem distinção.

Meras palavras, principalmente pelo fato de que na primeira fila estava sentado um garoto mal-encarado e sisudo.

Desde logo observou que Ricardo não se dava bem com os colegas e que, não raro, suas roupas estavam sujas e cheiravam mal.

Houve até ocasiões em que sentira prazer em dar-lhe notas vermelhas ao corrigir suas provas e trabalhos, com o que pretendia punir-lhe a displicência e afirmar sua autoridade.

...

Os professores eram orientados a ler a ficha escolar dos alunos, a fim de tomar conhecimento de seus progressos e de seu comportamento nos anos anteriores.

Teresa deixou a de Ricardo engavetada.

Semanas passaram-se até que se dispusesse a apreciar as anotações de seus colegas. E leu:

Primeiro ano:

Ricardo é um menino brilhante e simpático. Seus trabalhos estão em ordem e são bem feitos. Tem bons modos. É agradável estar perto dele. Fala com carinho de sua mãe.

Segundo ano:

Ricardo é aluno excelente e muito querido por seus colegas, mas anda preocupado com sua mãe, gravemente enferma. A vida em seu lar deve estar complicada.

Terceiro ano:

A morte da mãe foi um duro golpe para Ricardo. Ele procura fazer o melhor, mas

anda desarvorado, sem apoio do pai. Sua vida será prejudicada se ninguém tomar providências para ajudá-lo.

Quarto ano:

Ricardo anda distraído e não se empenha nos estudos. Tem poucos amigos e, geralmente, dorme na sala de aula, revelando total desinteresse.

Era notório que o menino vinha afundando na adversidade, sem que ninguém lhe estendesse misericordiosa tábua de salvação.

Teresa deu-se *conta* do problema.

Ficou terrivelmente envergonhada. Sentiu-se ainda pior *quando* recordou os presentes de Natal que os alunos lhe haviam oferecido, embrulhados em papel colorido. O de Ricardo destoava, em grosseiro saco marrom, de padaria.

Abrira sem entusiasmo, enquanto a garotada ria ao ver o conteúdo: uma pulseira de bijuteria, faltando algumas pedras, e um frasco de perfume pela metade.

Para quebrar o constrangimento, dissera-lhe, sem convicção, que o presente era maravilhoso. Pusera o enfeite no braço e um pouco da essência perfumada na mão.

Naquele dia Ricardo estivera mais atento e interessado do que de costume. Lembrou-se de que o menino, timidamente, dissera-lhe que com aquele perfume ela lhe lembrava sua mãe, que o usara.

Essas recordações vieram bem fortes em sua mente, como reclamos da própria consciência, enquanto lia a reveladora ficha escolar.

A sós, na sala de aula, chorou longamente, lágrimas silenciosas e doridas.

• • •

Depois disso, Teresa decidiu que mudaria sua maneira de ensinar. Passou a dar mais atenção aos alunos, especialmente Ricardo. Conversava com ele, confiava-lhe pequenas tarefas no preparo das aulas, elogiava seus acertos, corrigia, paciente, seus erros.

Então, algo surpreendente e maravilhoso aconteceu.

O garoto começou a desabrochar!

Melhorou no comportamento, na concentração, nas notas!...

E quanto mais atenção e amizade lhe oferecia, valorizando suas conquistas, mais ele se animava.

Ao terminar o ano letivo, Ricardo recebeu o certificado como o melhor aluno da classe! Exprimindo gratidão, escrevera-lhe dizendo que ela fora a melhor professora que tivera em sua vida.

Notícias vinham sempre, ressaltando seus progressos nos estudos. Anos depois, Ricardo informava, em correspondência carinhosa, que havia concluído o segundo grau. Tivera excelentes professores. Mas ela continuava sendo a melhor, alguém que lhe lembrava os cuidados de sua própria mãe.

Sucederam-se as cartas pelos anos afora, até que, certo dia, ela recebeu convite para uma solenidade na Faculdade de Medicina.

Era de Ricardo, que a convidava para a festa de sua formatura como médico.

Teresa compareceu, usando a pulseira que ganhara dele e também o perfume.

Quando se encontraram ele a abraçou forte, emocionado.

- Você continua lembrando minha mãe. Obrigado por acreditar em mim, dando-me confiança. Você me fez crescer. Devo-lhe o que sou hoje.

Mas, Teresa, olhos marejados, respondeu:

- Você está enganado, Ricardo. Foi você quem me ensinou que eu podia fazer a diferença. Eu não sabia ensinar, até que o conheci. Você me ajudou a compreender que

mais do que ensinar a ler, escrever, explicar matemática e outras matérias, é preciso ouvir o clamor das almas!

O que a professora Teresa aprendeu não é novidade.

Jesus, mestre por excelência, assim fez desde sua chegada ao planeta.

Podendo nascer rei todo-poderoso, preferiu o anonimato, filho de humildes galileus, na mais obscura província de Roma, a demonstrar que é na convivência com a multidão de aflitos e sofredores que nos capacitamos a ouvir o clamor das almas.

Seus primeiros contatos com os membros do colégio apostólico demonstram que o esperavam.

A Simão Pedro e seu irmão André, pescadores envolvidos com suas redes, bastou dizer (Mateus, 4:19):

— *Venham comigo e eu os transformarei em pescadores de homens.*

A Mateus, cobrador de impostos, disse apenas (Mateus, 9:9):

— *Segue-me.*

O mesmo aconteceu com os demais. Não houve dificuldade em localizá-los, nem a necessidade de muitas palavras.

Jesus ouvia o clamor daquelas almas que estavam na Terra para sagradas tarefas, na disseminação da Boa Nova.

Por isso, ao primeiro chamado, logo se engajavam.

• •

Às vezes, o clamor das almas compromissadas com o Evangelho se fazia sentir a partir da Dor, a mais antiga e eficiente mestra do Mundo.

Uma mulher tinha insuperável hemorragia uterina, como que em menstruação permanente. Isso a tornava impura, impedida de qualquer contato físico com as pessoas, como se fora uma hanseniana.

Ouvindo falar do profeta galileu que curava males do corpo e da alma, foi procurá-lo. Sem coragem de falar-lhe, em face de sua *impureza*, considerou, sob inspiração da fé ardente, que bastaria tocar suas vestes e seria beneficiada.

Jesus, que ouvia o clamor de sua alma sensível, deixou que o tocasse, com o que cessou, imediatamente, o fluxo de sangue. Depois a dispensou, dizendo-lhe (Mateus, 9:22):

— *Tem bom ânimo, filha; a tua fé te salvou!*

A partir daí tornou-se ardorosa discípula, que ficaria conhecida, segundo a tradição evangélica, como Verônica, a mulher que limpou o suor sanguinolento de suas faces, na *via crucis*. As feições do Mestre teriam ficado estampadas na toalha.

• •

Alguns desses valorosos missionários distraíram-se e enveredaram por caminhos escuros.

O clamor de suas almas foi mais forte, porque mesclava indefiníveis sentimentos de frustração pela missão postergada, e de angústia pelos erros cometidos.

Assim aconteceu com uma mulher obsidiada, a quem Jesus socorreu carinhosamente, afastando sete Espíritos que a perturbavam (Lucas, 8:2).

E surgiu ! inesquecível Maria Madalena.

Houve um *vaso escolhido*, alguém com a sagrada missão de divulgar a Boa Nova, que, esquecendo-se de seus compromissos, convertera-se em cruel perseguidor dos cristãos.

Mas Jesus, que ouvia os clamores de sua alma conturbada, veio em seu socorro.

Apresentou-se diante dele, às portas de Damasco, para corrigir-lhe o rumo, e reconduzi-lo aos roteiros do Bem (Atos, 9:1-16):

E Saulo de Tarso, o perseguidor implacável, transformou-se em Paulo de Tarso, o grande arauto da Nova Revelação.

Para a mentalidade judaica, pessoas assim eram de má vida, não mereciam consideração.

Jesus ensinava diferente (Lucas, 5:31):

Os sãos não precisam de médico.

Ouvindo o clamor das almas, Jesus estendia bênçãos e lições ao redor de seus passos, convidando as pessoas a relevar as faltas alheias, por uma razão muito simples, conforme ensina no eloquente episódio em que os fariseus jogaram aos seus pés uma mulher (João, 8:1-11).

Fora surpreendida em flagrante adultério e, segundo as prescrições da Lei, deveria morrer apedrejada.

Jesus, que lia, como num livro aberto, os clamores daquela alma torturada e a maldade de seus acusadores, proclamou, incisivo:

— *Quem estiver livre de pecados, atire a primeira pedra!*

Ante seu poderoso magnetismo, a lhes impor a visão de suas próprias mazelas, os acusadores afastaram-se, desnorteados.

Jesus perguntou à mulher;

— *Onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?*

— *Não, senhor.*

— *Então, vai e não peques mais!*

• •

Os **judeus** estavam habituados ao 0Z60 *por olho, dente por dente de* Moisés, que consagrava a vingança.

Almas inspiradas pela agressividade empolgavam-se pela ideia *infeliz de lavar a honra* derramando o sangue do ofensor, com o que apenas assumiam *dívidas que os infelicitariam por séculos, em dolorosos resgates.*

Jesus oferece o remédio salutar para os males do ódio, do rancor, do desejo de revide, recomendando o perdão incondicional, que acalma os clamores da alma e faz crescer espiritualmente aqueles que o exercitam, aproximando-os de Deus, o Pai Celeste que faz nascer O sol para bons e maus e descer a chuva sobre justos e injustos (Mateus, 5:45).

• •

Somos **prisioneiros da** inquietação.

Jesus nos oferece a chave mágica de nossa libertação, ensinando (Lucas, 6:31):

Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles.

Aplicando essa regra de ouro do Cristianismo, aprenderemos, como a professora Teresa, a ouvir o clamor das almas, distribuindo bênçãos de auxílio ao redor de nossos passos, servindo sempre, como autênticos seguidores de Jesus.

Seremos, então, premiados com a paz, o tempero da felicidade.

Livro nº 44 - 2007 *O Clamor das Almas* Histórias e dissertações doutrinárias
Editora: CEAC-Bauru

NAS SOMBRAS

Belizário imaginava viver um pesadelo.

Transitava por região de denso nevoeiro, lúgubre, vegetação rasteira, ouvindo gritos

e clamores de gente agoniada.

Vozes impiedosas vociferavam contra ele.

— Hipócrita! Mau-caráter! Bandido! Explorador dos fracos! Mentiroso contumaz!

Em que abismo insondável fora segregado?

De onde vinham aquelas acusações?!

Que inimigos desconhecidos estavam unidos no propósito de atormentá-lo?!

Que era feito de sua família, Suzana, a esposa, Júnior, Maurício e Carmem, os filhos amados?

Tinha sede e fome.

Fugia sempre, cambaleante, inquieto, apavorado, a derramar lágrimas ardentes, sentindo-se ameaçado por forças tenebrosas.

Filho de pais espíritas, desde cedo fizera sua iniciação.

Frequentara os cursos para a infância e juventude; estava ligado a um Centro Espírita.

Conhecia o bê-á-bá da Espiritualidade, revelado pela Doutrina, o que lhe permitiu identificar sem delongas onde estagiava compulsoriamente.

Certamente era o umbral!

Sim, o umbral! O terrível purgatório do qual tomara conhecimento lendo *Nosso Lar*, a monumental obra do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Quando lhe ocorreu essa ideia, desesperou-se.

— Meu Deus! Morri!

Mais ardentes se tornaram suas lágrimas.

Não era possível! Unha apenas cinquenta e cinco anos! Família a cuidar, a indústria, os negócios e compromissos!

Não! Deus não podia fazer isso com ele!

Orou como nunca o fizera, ajoelhado, mãos postas, implorando à Misericórdia Divina que tudo aquilo fosse apenas um pesadelo terrível!

Queria acordar, livrar-se daquela paisagem sinistra, superar os tormentos que assolavam sua alma, encontrar um lenitivo!

Que sortilégio o conduzira até ali?!

Sempre entendera que sua ligação com o Espiritismo seria um passaporte garantido para paragens mais amenas, em contato com benfeitores e o reencontro maravilhoso com amigos e familiares desencarnados.

Jamais imaginara que a morte lhe reservasse semelhante surpresa!

Nunca se dera ao trabalho de ponderar que muito será pedido a quem muito se ofereceu, segundo as sábias palavras de Jesus.

Embora inteligente e culto, nunca atentara à responsabilidade de ser espírita, nem percebera um ponto fundamental:

O conhecimento da verdade implica compromisso com ela!

A visão de realidade espiritual, proporcionada pela Doutrina Espírita, impõe retificações na conduta que jamais se dispusera a efetuar.

Ficara sempre em águas de superficialidade, sem realizar o mínimo esforço no sentido de ajustar-se aos valores do Evangelho, conforme sinalizam os princípios codificados por Allan Kardec.

Não saberia dizer por quanto tempo esteve assim, a chorar, suplicando ajuda à Misericórdia Divina.

Somente quando cessou o questionamento egoístico, favorecendo um toque de

humildade; quando caiu em si, conforme a *Parábola do Filho Pródigo* (Lucas, 15:11-32), reconhecendo sua própria pequenez diante de Deus, modificou-se o panorama de suas amarguras.

Pelo véu espesso das lágrimas, viu surgir alguém.

— Então, meu caro Belizário, está gostando deste *spa* da alma?

Nosso herói identificou de pronto o velho Ferreira, espírita sempre bem-humorado e dedicado às lides doutrinárias.

Desencarnara há alguns anos, após uma existência plena de realizações no campo do Bem.

Ergueu-se e o abraçou, a chorar copiosamente.

— Ah! Ferreira, meu caro Ferreira! Sua presença confirma minhas suspeitas de que retornei à Espiritualidade, mas, por favor, meu amigo, não brinque! Sinto-me nas profundezas de tenebroso inferno, sofrendo torturas intraduzíveis!

O socorrista, a sorrir, confirmou:

— Nada disso, meu caro. Aqui é, realmente, um *spa* para queima de *gorduras espirituais* adquiridas nos excessos da rotagem humana.

— Por que eu? Não fiii má pessoa...

— Pois saiba que está exatamente no iugar compatível com suas necessidades espirituais.

— Não entendo...

| — Nossas ações, nossa maneira de ser, nossas iniciativas, determinam o peso *específico* de nossa alma e a região para onde a morte nos transportará. Sua *densidade* espiritual o remeteu para estas paragens *inóspitas*, onde *estagiam* os que não cultuaram a dignidade da vida, nem respeitaram os desígnios do Senhor.

— Mas, Ferreira, não *fui* um criminoso, um irresponsável! Você *me conhece!* Sempre procurei agir *de acordo com* minha consciência!

— Como ocorre com todos os *homens* desligados dos valores *espirituais*, você *faz uma apreciação lisonjeira de si mesmo*, mas a realidade é diferente. Faltou-lhe encarar com *seriedade* as responsabilidades da *jornada* humana.

Sua existência sempre foi *orientada pelos interesses* pessoais, sob a inspiração do egoísmo, mesmo no círculo familiar, onde somos convidados a mudar a conjugação do verbo de *nossas ações*, da primeira pessoa do singular — eu, para a primeira do plural — nós. Natural que agora se veja onde está, um *purgatório compatível com o tipo* de vida que levou.

Belizário lamuriava-se.

- Não posso concordar! Sempre cuidei bem dos meus. Tinha muita gente sob minha responsabilidade em minha indústria. Nunca explorei os funcionários; jamais tive um título protestado, honrei os meus compromissos.

O amigo sorriu.

— Meu caro, as medidas da densidade espiritual são tão exatas quanto uma balança de alta precisão. O fato de você chumbar-se a estas paragens significa que o juízo que faz de si mesmo não é compatível com a realidade de suas ações, nem exprime uma vivência orientada pela ótica cristã.

— Então, minha vida foi uma farsa? Sempre me situei como um homem de bem!

Ferreira sorriu.

— Homem de bem, Belizário? O que significa essa expressão para você?

— Alguém que não se compromete com o vício, o crime, a desonestidade...

— E bem mais que isso, meu amigo. Lembra-se destas observações de Allan Kardec, na questão 918, de *O Livro dos Espíritos*?

Movimentando pequeno aparelho, Ferreira projetou numa tela o texto que Belizário lera tantas vezes:

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza.

Se interroga a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros tudo quanto queria que os outros lhe fizessem.

Imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa, e sacrifica seus interesses à justiça.

E bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, considera essas coisas como um depósito, de que deve usar para o bem. Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhe deu tudo isso, também o poderá retirar.

Se a ordem social colocou outros homens soba sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para esmagá-los com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: “Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.”

Não é vingativo; a exemplo de Jesus perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois sabe que será perdoado à medida que houver perdoado.

Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como gostaria que respeitassem os seus.

• •

Desligado o aparelho, Ferreira perguntou:

— Então, ainda acha que foi um homem de bem?

Belizário pôs-se na defensiva.

— Posso não ter sido tudo isso, mas também não fui um homem do mal. Parece-me que não estive tão longe desse padrão de comportamento.

— Bem, meu caro amigo, com autorização de nossos mentores, vamos dar uma olhadela no seu passado de *homem de bem*.

— Há registros?

— Sim, na sua cabeça.

— Na minha memória?

— Exatamente. Faremos uma regressão sob indução hipnótica. Você reviverá algo de seu pretérito. Seria pesada demais uma lembrança plena dos comprometimentos de toda sua existência. Vamos nos limitar à análise dos sete dias que antecederam sua transferência para estas paragens. Concorde?

— Uma semana apenas?

— Sim, será suficiente para uma avaliação existencial.

— Tudo bem. Confio em você.

Aplicando-lhe passes magnéticos, Ferreira induziu Belizário a transe profundo e, trabalhando seus centros mnemônicos, o induziu a recordar o passado próximo.

Como quem assiste a um filme projetado em velocidade vertiginosa, nosso herói reviveu, em breves instantes, as experiências e emoções da última semana.

Livro nº 45 - 2008 *Mudança de Rumo* Romance Editora: CEAC-Bauru

BELEZA

1 — *A cirurgia plástica está bastante desenvolvida na atualidade. Técnicas modernas tomaram os procedimentos mais simples e acessíveis. É lícito, sob o ponto de vista espiritual, buscar a beleza física dessa forma?*

Costuma-se dizer que para sermos felizes devemos gostar de nós mesmos. Isso envolve, também, a aparência. É razoável, portanto, que a pessoa não satisfeita com seu visual trate de melhorá-lo.

2 — *Isso não seria incensar a velha vaidade humana?* Considerando assim deveríamos renunciar aos cuidados com o vestuário, os cabelos, a higiene, retomando a postura do homem das cavernas. Todos apreciam uma pessoa elegantemente trajada, cabelos bem penteados, suave perfume... Igualmente apreciável uma boa postura, ar saudável, expressão jovial, harmonia nos traços, ausência de rugas...

3 — *Há gente que se preocupa demasiadamente com isso. Não é errado?*

Obviamente, todo excesso é condenável. Não obstante, há pessoas que, em face de sua profissão, devem observar cuidadosamente esses aspectos; modelos e artistas, por exemplo, cujo trabalho exige cuidados especiais com o visual.

4—*Ainda que haja essa justificativa, não estão contrariando a natureza? Rugas e calvície fazem parte do envelhecimento...*

Se pensarmos assim deveremos eliminar todos os recursos de preservação da saúde ou de combate à doença. Contrariamos a Natureza quando lutamos contra a morte.

5 — *Quando pretendemos corrigir, mediante cirurgia plástica, determinados problemas estéticos, como nariz adunco ou orelhas de abano, não estamos interferindo em nossa programação cármica?*

Herdamos de nossos pais as características físicas e não me parece que toda uma ancestralidade tenha *enfiado o nariz onde não devia* ou *não ouviu os avisos da vida*, justificando o nariz adunco ou as orelhas de abano, como pretendem aqueles que veem em tudo um carma.

6— *E se a pessoa tem um legítimo problema cármico, uma deformação física, uma perna mais curta, lábios leporinos?... Se renasço com problema dessa natureza, em virtude de comprometimentos do passado, não significa que não possa corrigi-lo, amenizando a jornada. Se assim não fosse, Deus não permitiria que Sabin, com sua maravilhosa vacina, erradicasse a poliomielite, que fazia milhões de deficientes físicos, supostamente comprometidos com ações pretéritas que justificariam a doença.*

7 — *Mas se experimento as dores de uma limitação física para pagar meus débitos e os corrijo com os recursos da Medicina, não estarei rejeitando o carma?*

A dor é apenas um estágio primário no processo de reajuste. A Medicina é manifestação da misericórdia divina, amenizando esse estágio. A conta maior está representada pela compensação que devo à minha vítima. Pretendendo causar prejuízos a alguém, chuto a vitrine de sua loja. No ato corto a perna e vou parar no hospital. Dependendo dos recursos que venha a mobilizar, inclusive cirurgia plástica, posso demorar mais ou menos na recuperação, ficar ou não com antiestética cicatriz. Mas o resgate de meu débito com o comerciante será o meu compromisso maior. Somente estarei liberado quando

ressarcir os prejuízos que lhe causei.

8 — *E se aquele a quem prejudiquei não necessitar de uma reparação?*

Ainda assim estarei comprometido. Sentir-me-ei em débito com minha própria consciência, obrigando-me a ações compensatórias em favor do bem comum.

Livro nº 46 — 2008 *Dúvidas e Impertinências* Perguntas e respostas Editora: CEAC-Bauru

CILÍCIO

O dicionário define *cilício* como sacrifício ou mortificação a que alguém se submete, voluntariamente, atendendo a um propósito qualquer.

A jovem grávida sacode o marido às duas da matina.

— Meu bem, acorde!

Ele, bocejando:

— Que houve? Está se sentindo mal?!

— Não. Só quero fazer uma pergunta.

— Fale.

— Você me ama?

— Claro! Sabe disso!

— Jura?

— Juro!

— Quero uma prova.

— Que prova?

— Um sacrifício...

| Está bem. Faço qualquer coisa por você.

— Estou com vontade de comer melancia.

— Em plena madrugada?!

■

— E desejo de grávida. Se eu não comer melancia, nosso filho poderá nascer com aquela mancha vermelha no rosto.

— Angioma.

— Vai comprar?

— Mas, querida, onde vou encontrar melancia a esta hora?

— O Ceasa já está funcionando.

— Sim, mas fica do outro lado da cidade...

— Prefere o angioma?

Há, não raro, um componente de ignorância e fantasia no cil/cio, sugerindo, por exemplo, que a não satisfação de súbito desejo, envolvendo alimento qualquer, possa marcar o filho que a gestante asila no ventre.

Pior acontecia na Idade Média, quando os cristãos, inspirados na ignorância, levavam a extremos a afirmativa de **Jesus, contida no Sermão da Montanha** (Mateus, 5:4):

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Entendendo esse consolo como uma compensação pelos sofrimentos, o ideal seria **sofrer** bastante na Terra para garantir recompensas maiores no Céu.

Tal concepção, amplamente difundida, gerou comportamentos absurdos, com destaque para as Cruzadas, guerras de conquista sustentadas **pelos** reis cristãos na Europa, sob a piedosa **alegação de** que estavam libertando o solo sagrado da **Palestina, em poder**

dos árabes.

— Deus o quer! - era o grito de guerra.

Envolveram-se milhares de fiéis ingênuos, dispostos ao tormentoso cilício dessa aventura, com a fantasia de que todo cruzado teria passaporte para o paraíso.

...

A ideia do cilício como autoflagelação sugeria um comportamento alienado.

Havia os que se internavam em lugares ermos, totalmente isolados, com o propósito de fugir dos males da sociedade.

Outros, buscando integração na Natureza, punham-se a pastar nos campos, como se fossem muares. Era comum açoitarem o próprio corpo para se livrarem do pecado.

Muitos se propunham ao mutismo absoluto, passando anos sem pronunciar uma palavra. Cilício para homens, certamente, porquanto, para gentis representantes do sexo feminino, ficar sem falar seria demais!

Há uma experiência emblemática a respeito do assunto.

Em meados do século VI, nas proximidades de Antioquia, na Síria, um piedoso cristão chamado Simeão instalou-se no alto de elevada coluna por ele construída.

Inteiramente entregue à devoção, era atendido em suas necessidades por amigos e discípulos que o visitavam, diariamente, muitos dos quais imitariam, mais tarde, seu exemplo.

No exíguo espaço, dezoito metros acima do solo, submetido às intempéries e ao desconforto, passou os restantes trinta anos de existência sem pisar o chão.

Algum tempo após sua morte foi canonizado, recebendo o título beatífico de São Simeão, o Estilita.

Se hoje alguém tentasse realizar a mesma proeza, certamente seria internado em manicômio; mas, na Idade Média, tais aberrações eram comuns, consideradas atos de extrema piedade.

...

Não obstante o progresso alcançado, subsiste a ideia do cilício, da mortificação, em favor da depuração, como passaporte para o Céu

Ainda hoje há quem se proponha a longos jejuns, a carregar uma cruz, a subir escadarias de igrejas de joelhos, por penitência, promessa, depuração...

As próprias rezas, com intermináveis 1 cansativas repetições, nos rituais religiosos, constituem um cilício.

— Falar mal da vida alheia é um pecado grave, dona Maria. Reze cento e cinquenta pais-nossos e cem ave-marias.

— Mas, padre, para que tanto? Não dá para fazer um abatimento?

— Prefere arder no inferno?

• • •

No item 26, capítulo V, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, diz a entidade que assina *Um anjo guardião*:

Se quereis um cilício, aplicai-o às vossas almas e não aos vossos corpos.

Fustigai o vosso orgulho, recebendo, sem murmurar, as ofensas.

Flagiciai o vosso amor-próprio, suportando com serenidade a injúria e a calúnia.

Aí tendes o verdadeiro cilício, a atestar a vossa coragem de enfrentar as provações humanas, submetendo-se aos desígnios divinos.

Fica bem claro que o verdadeiro cilício está no esforço ingente de nossa renovação, combatendo imperfeições e mazelas, renunciando às ambições, aos vícios, ao orgulho, à

vaidade, causas geradoras de nossos males.

• • •

Existem *cilícios cármicos*, problemas físicos e psíquicos, doenças e tensões, intranquilidade e insegurança, angústia e tristeza, fruto do que aprontamos em vidas anteriores.

Não se trata de iniciativa ingênua ou mal orientada.

E imposição da própria consciência, em face de comportamento comprometedor.

As ciências psicológicas têm avançado bastante nesse particular, demonstrando que, não raro, os males do paciente guardam origem em complexos de culpa.

Aproximam-se dos princípios espíritas. Falta apenas aos psicólogos avançar no tempo pretérito e descobrir que esses cilícios estão vinculados às nossas iniciativas infelizes em vidas anteriores.

Na legislação penal há hoje as penas alternativas para crimes leves e réus primários.

Alguém que exercita comportamento inconveniente em praça pública, que comete uma agressão ou outras infrações simples, não sofre 1 privação da liberdade. Assume o compromisso de realizar serviços comunitários por determinado período.

A justiça humana imita a justiça divina.

Sejam os nossos males determinados por algo comprometedor que estamos fazendo ou que fizemos no pretérito, *va*Je lembrar afirmativa importante do profeta Oseias, citada por Jesus (*Mateus, 9:13*):

Misericórdia quero, e não sacrifício.

A mesma ideia está contida no *Sermão da Montanha*, quando Jesus afirma (*Mateus, 5:7*):

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Deus não quer que mortifiquemos o corpo, que nos isolem da vida *social*, que carreguemos complexos de culpa, *consciente* ou *inconscientemente*, a nos infelicitarem.

O *Senhor* espera *apenas* que sejamos misericordiosos.

Seria a capacidade de nos compadecermos das misérias *alheias*, *fazendo algo por amenizá-las*.

O supremo *cilício* é lutar contra a tendência ao aco-mo-damento, à inércia, para uma participação efetiva em favor do *bem* comum.

Os que o fazem instalam o Bem no próprio coração, libertando-se de temores e dúvidas, fantasias e superstições.

Uma creche filantrópica deixou admirada a repórter que *preparava* matéria sobre instituições de atendimento a crianças *carentes da periferia*.

Tudo bem organizado, limpo, funcionários atenciosos e dedicados, trabalho impecável.

E comentava com a dirigente:

- Soube que a senhora é o cérebro e o coração desta entidade, dando-lhe essa feição acolhedora e eficiente. Falam de sua dedicação e desprendimento.

- Ah! É exagero inspirado na bondade dos que trabalham comigo. Sou apenas uma peça nesta engrenagem. E saiba que não tenho qualquer mérito. Estou aqui cumprindo pena alternativa.

A repórter espantou-se:

- Pena alternativa?! Não posso imaginar a senhora praticando delitos...

- Hoje, não minha filha. No passado, porém, fui uma criminosa. Falo como espírita. Na vida anterior pratiquei várias vezes o aborto delituoso, acumulando

desajustes que nesta vida se manifestaram desde a juventude, na forma de indefinível angústia, que resvalou para a depressão. Sofri muito. Conhecendo o Espiritismo, tive notícia de meu passado e a bondade divina concedeu-me, por abençoada pena alternativa, dirigir esta instituição. Estou resgatando meus débitos sem tristezas, exercitando amor pelas crianças.

Ah! Abençoada Misericórdia Divina!

• •

Em tempo, leitor amigo.

O marido, disposto ao cilício de comprar uma melancia na madrugada, não a encontrou.

A esposa passou vontade, mas, para decepção dos que defendem a tese, a criança nasceu de cara limpa, sem angioma.

Livro nº 47 - 2009 *Bem-aventurados os aflitos* Comentários sobre o capítulo V, de *O Evangelho segundo o Espiritismo* Editora: CEAC-Bauru

0 CARANGUEJO

O pregador anunciou:

— **Meus queridos companheiros de ideal, tenho três notícias. A primeira é ruim. Diz respeito a algo que todos já notaram: nosso templo está em péssimas condições. Precisa de uma reforma.**

-Oh!...

— **A segunda é boa: temos o dinheiro!**

-Ah!...

— **A terceira pode ser ruim ou boa. Depende de cada um. O dinheiro está no bolso de vocês!**

-Ui!...

Essa pitoresca história ajusta-se com perfeição às lides espíritas:

Há dinheiro para sustentar e dinamizar os Centros Espíritas, em reformas e ampliação de serviços.

Só há um probleminha:

Está no bolso dos espíritas.

Importante, a propósito, considerar a máxima de Kardec:

Fora da Caridade não há Salvação.

Os Centros bem orientados transformam-se em células atuantes e empreendedoras.

Além da atividade doutrinária, há a assistência e promoção de famílias carentes, em creches, berçários, hospitais, escolas, albergues, lares da infância e da velhice...

Está implícita nos textos doutrinários permanente convocação às atividades voluntárias em favor do bem comum.

É preciso estar muito distraído ou indiferente para não perceber isso.

• •

Infelizmente, partindo do princípio de que o Espiritismo é a doutrina da consciência livre, essas iniciativas ficam ao arbítrio das pessoas que, mesmo quando se conscientizam, tendem a estabelecer cotas mínimas de participação e contribuição.

Isso ocorre particularmente em relação ao dinheiro, o chamado vil metal, quando usado em interesses pessoais, mas que poderia ser transformado em metal nobre para atender às carências humanas.

Em muitos Centros esse assunto é tabu.

Alega-se que falar em dinheiro passaria a impressão de que estamos cobrando por benefícios prestados àqueles que buscam ajuda espiritual.

Cotizam-se alguns diretores para pagar despesas básicas — zelador, água, luz, telefone, limpeza...

Quando se cogita de qualquer novidade, envolvendo um serviço assistencial, a pintura inadiável, a ampliação necessária, a despesa inesperada, dão tratos ao bestunto, pensando em almoços, bazares, feiras, sorteios, campanhas de jornais, livros, vidro, garrafas, alumínio, plástico, e tudo o mais que possa render alguns trocados.

É louvável, mas seria muito mais prático e produtivo se todos se dispusessem a contribuir regularmente, considerando que integram uma sociedade espírita que, como ocorre com todas elas, deve exigir de seus participantes o cumprimento de determinados deveres estatutários, a começar pelo elementar -efetuar contribuição mensal.

• •

Outra questão espinhosa: o valor da contribuição.

Geralmente as pessoas oferecem sobras.

Justamente por isso muitos não contribuem.

E que, segundo seus programas, há sempre compromissos inadiáveis que absorvem as disponibilidades.

— Estou reformando minha casa...

— Viajarei de férias...

— Troquei de automóvel...

— Ampliei meus negócios...

— Fiz investimentos...

— Meu filho entrou na faculdade...

— Há gente doente em casa...

Oportuno lembrar a passagem evangélica da viúva pobre, em Lucas, 21:1-4:

Olhando, Jesus viu os ricos lançarem as suas ofertas no gazofilácio, onde eram depositadas as oferendas.

Viu também uma viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas.

E disse:

— Em verdade vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu todo o sustento que tinha.

A observação do Mestre é de clareza meridiana.

Enquanto nossas contribuições girarem em torno de sobras, pouco faremos, porquanto na contabilidade dos interesses particulares sempre falta o necessário.

Mesmo generosos saldos credores são registrados como reserva técnica para *atender a problemas eventuais*.

Resultado - nunca sobra nada.

A experiência demonstra que, quando superamos essa tendência e nos dispomos a contribuir generosamente, somos recompensados com bênçãos que o dinheiro não pode comprar.

Lembro-me de um amigo, comprometido com a usura.

Para desespero seu, gastava muito com problemas de saúde, pessoais e familiares.

Nunca tinha disponibilidades a oferecer, sempre temeroso de lhe faltarem recursos para atender aos males que se sucediam.

Um dia criou coragem, livrou-se do caranguejo (as pessoas muito apegadas parecem ter o crustáceo no bolso, guardando seu dinheiro).

Timidamente em princípio, começou a usar os seus haveres para atender às carências alheias.

Para sua surpresa, quanto mais oferecia, menos gastava com médicos e remédios.

Uma boa troca.

Poderíamos, em favor dessa tese, lembrar que:

Quem dá aos pobres empresta a Deus.

Considerando que, em última instância, tudo pertence a Deus, somos apenas depositários do dinheiro que amodamos.

A mordomia justa e perfeita será sempre aquela que nos leva a atender os filhos de Deus com seu próprio dinheiro, transitoriamente confiado à nossa administração.

Vale lembrar, a esse propósito, o célebre conto de Tagore, em que um aldeão, procurado pelo Senhor da Vida, deu-lhe apenas um grão do trigo que trazia em seu alforje.

Depois, em casa, constatou que no lugar do grão doado estava uma gema preciosa.

E lamentou o parcimonioso doador:

— Tolo que fui! Deveria ter entregado todo o trigo ao Senhor da Vida!

• • •

O valor da contribuição e sua regularidade são um assunto resolvido pelas igrejas evangélicas.

Com base em textos bíblicos, estabelecem o dízimo, a décima parte do rendimento dos fiéis, entregue mensalmente à igreja.

Uma serviçal doméstica ganhava perto de dois salários mínimos. Antes de qualquer iniciativa, retirava os sagrados dez por cento para a igreja que frequentava, embora lhe fizessem falta. Viúva, tinha quatro filhos pequenos. Não obstante, contribuía religiosamente, considerando que seria um roubo ficar com o dinheiro de Deus.

Podemos questionar tamanho rigor, não obstante a lição de Jesus, mas é inegável que dá resultado.

Os profitentes levam a sério a necessidade de contribuir e com isso as igrejas brotam em todos os bairros e o movimento cresce a olhos vistos.

De moto-próprio, deveríamos fixar uma porcentagem sobre rendimentos, destinada às obras espíritas, superando um problema que é frequente nos Centros Espíritas:

O dinheiro para a necessária reforma, a pintura, a instalação do serviço assistencial, a publicação do periódico, a biblioteca, a livraria espírita, e muito mais, permanece sequestrado pelo caranguejo em nosso bolso.

Livro nº 48 — 2009 *Por uma vida melhor* Autoajuda e orientação para os Centros Espíritas Editora: CEAC-Bauru

0 AMOR FELIZ

Pouco antes de deitar-se, a sós no escritório, em sua casa, Onofre lia O Evangelho segundo o Espiritismo.

No capítulo XI, deteve-se em oportunos comentários de Allan Kardec:

Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós” é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo.

Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos.

Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamentopara conosco, do que os temos para com eles?

A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo.

Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão-somente, união, concórdia e benevolência mútua.

Onofre pôs-se a imaginar como a Humanidade seria feliz se a Lei de Amor fosse plenamente observada.

A Terra estaria promovida a paraíso.

Coletivamente, longe estava essa meta celeste. Individualmente, nada o impedia de alcançá-la.

Decidiu enfrentar o desafio de amar o próximo como a si mesmo e fazer por ele o que gostaria de receber.

No quarto, beijou, carinhoso, a esposa já acomodada no leito, dizendo que a amava e desejando-lhe um sono tranquilo. Joana endereçou-lhe desconfiado olhar.

O que teria aprontado o marido? Aquela manifestação inusitada de carinho cheirava a dor de consciência...

- Há algo que você queira dizer-me, Onofre?

— Não, querida, apenas exprimi meu desejo de que você sonhe com os anjos.

Querida! - espantou-se a esposa, ante a súbita afetividade do marido.

Não obstante, aconchegou-se a ele e dormiu feliz.

• •

Pela manhã, na sala de refeições, Joana avisou:

- Espere um pouco, meu bem. A Maria está atrasada. Irei ! padaria buscar os pães.

Ele se adiantou:

- Pode deixar, querida. Vou rapidinho...

Joana conteve o impulso de colocar a mão em sua testa, a ver se súbita febre fúndira-lhe os miolos. Não estava habituada I colaboração do marido nos contratempos do cotidiano.

Ganhando a rua, Onofre foi abordado por um homem de aparência humilde, expressão sofrida.

— Por favor, senhor. !.

Cortou a conversa.

— Sinto muito. Estou com pressa!

Mal dera alguns passos e logo a consciência cobrou o cumprimento de sua resolução na véspera:

O que gostaria que fizessem por ele se tentasse falar com alguém?

Voltou disposto a ouvir o desconhecido.

— Perdoe incomodá-lo. E vergonhoso, bem sei! Nunca aconteceu comigo, mas minha situação é desesperadora! Estou desempregado há um ano. Tenho quatro filhos pequenos, esposa doente e não há o que comer em casa!

Com a intuição dos que se compadecem, sintonizando com os bons Espíritos, Onofre convenceu-se de que falava a verdade.

— Acompanhe-me, por favor.

Na padaria, providenciou para ele pães, margarina, queijo | vários litros de leite, incluindo algum dinheiro.

O pobre homem, em lágrimas, agradeceu:

— Deus lhe pague! O senhor salvou-me a vida! As pessoas me tratam como se eu fosse um bandido. Ando desesperado! Cheguei a pensar em me matar! Agora sinto que nem tudo está perdido. Há gente boa neste mundo!

Conhecedor do assunto, Onofre afirmou, enfático:

— Pelo amor de Deus, jamais permita que essa ideia malfazeja o envolva! É saltar da frigideira para o fogo!

Passou-lhe algumas informações sobre as consequências funestas do suicídio e lhe deu o endereço do Centro Espírita que frequentava, prometendo que ali teria o apoio de que carecia.

De retorno ao lar, Joana estranhou sua demora.

— E que encontrei um infeliz a pedir auxílio. Desempregado, família numerosa, situação desesperadora. Levei-o à padaria e lhe entreguei provisões. O pior é que andou pensando em suicídio! Incrível como a gente não tem noção do que se passa na cabeça das pessoas!

— Conversou com ele?

— Sim, já o orientei e lhe dei o endereço do Centro.

Pouco depois, Onofre partia. Joana ficou a cismar:

Decididamente, o marido estava mudado. Parecia outra

pessoa... Certamente algum bicho o mordera. Abençoado bicho, que injetara solidariedade e atenção em suas veias!

No trânsito, motorista imprudente cortou-lhe a frente. Reflexo rápido, Onofre breiou incontinente, enquanto o autor da proeza o xingava em altos brados, como se não fosse ele próprio o *culpado*.

Sentiu o sangue subir à cabeça e teve ganas *de retrucar no mesmo diapasão, com meia dúzia de palavras e o impertinente tv/ ^><znz o diabo que o carregue!*

Antes que o fizesse, veio a lembrança:

Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós.

A recomendação de Jesus refrescou-lhe o cérebro, contendo o impulso agressivo.

E se o motorista imprudente estivesse com grave problema a perturbá-lo? Talvez um familiar gravemente enfermo... De qualquer forma, era um irmão comprometido naquele momento com o desatino.

Melhor orar do que amaldiçoar, considerou sabiamente.

• •

Ligando o rádio, ouviu o noticiário. Crime tenebroso mobilizava a opinião pública. Uma multidão cercava a residência do assassino! Falava-se em linchamento!

Ele deveria pagar com a vida por sua crueldade!

E seria bem merecido! — concordou Onofre.

No entanto, a história de colocar-se no lugar do outro, como exemplificara Jesus, o fez pensar.

O Mestre situava aqueles que se comprometem com o mal por doentes que precisam de tratamento, não de execração.

E se o criminoso fosse um alienado, sem governo sobre suas ações? E se estivesse sob grave influência obsessiva?

Em qualquer dessas situações, seria digno de piedade.

Modificando a reação inicial, orou pela vítima e pelo algoz.

• •

Tao logo entrou em sua empresa, o chefe da contabilidade veio solicitar-lhe a demissão de uma secretária.

Argumentou que fora boa funcionária, mas ultimamente mostrava-se displicente e faltava com frequência.

— Se é assim... — começou Onofre, concordando com o subordinado.

A frase ficou em suspenso, ante a lembrança de que era preciso colocar-se no lugar do outro.

Repetiu, reticente:

— Se é assim...

— Podemos dispensá-la?

— ... vamos conversar com ela.

O subordinado espantou-se.

— Conversar para que, chefe? Já lhe disse que é caso para demissão!

— É funcionária antiga. Vamos ver o que está acontecendo.

Em breves momentos, ela entrava na sala.

Em lágrimas, explicou que atravessava um momento difícil. O marido a abandonara com dois filhos. Sumira no mundo! A mãe, viúva, paciente terminal, necessitava de seus cuidados. Reconhecia que seus problemas estavam afetando a atividade profissional e pedia um pouco de paciência aos seus superiores. O emprego lhe era indispensável.

Compadecido, Onofre providenciou para que ela entrasse em férias, com a promessa de que teria toda a assistência da empresa, ajudando-a em suas dificuldades.

• •

Após o expediente, nosso herói dirigia o automóvel, de retorno ao lar.

O trânsito estava terrível, extremamente moroso.

Onofre, que costumava irritar-se naquela situação, surpreendentemente sentia-se calmo.

Ligou o rádio.

Alguém cantava a música famosa de Tom Jobim e Vinícius de Moraes:

Vai tua vida

Teu caminho é de paz e amor

A tua vida é uma linda canção de amor

Abre os teus braços e canta

A última esperança

A esperança divina de amar em paz

*Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver...
Uma canção pelo ar
Uma mulher a cantar
Uma cidade a cantar
A sorrir, a cantar, a pedir
A beleza de amar
Como o sol, como a flor, como a luz
Amar sem mentir, nem sofrer
Existiria a verdade
Verdade que ninguém vê
Se todos fossem no mundo iguais a você.
Onofre enxugou os olhos, emocionado.*

Ah! se todos fossem iguais a Jesus, não na grandeza espiritual, que longe dela estamos, mas iguais na vivência do amor maior que ensinou e exemplificou — cuidar do próximo.

Lembrou os últimos acontecimentos.

Reconheceu que tivera um dia maravilhoso, não pela ausência de problemas, mas porque ele resolvera o problema maior — sua inadequação aos valores do Evangelho.

• • •

Uma característica do Espírito superior é a sua capacidade de síntese e a clareza de suas idéias.

As escolas psicológicas devassam a personalidade humana, em complicadas lucubrações, buscando traçar caminhos para a cura de transtornos da emoção e do pensamento, que infelicitam os pacientes...

A psiquiatria prescreve fortes medicamentos, que interferem na química cerebral para neutralizar disfunções que produzem desequilíbrios e perturbações...

Toneladas de tinta são usadas para a publicação de incontáveis manuais de autoajuda, em que os autores traçam extensas orientações, que pretendem sejam originais e decisivas para ensinar as pessoas a serem felizes.

No entanto, Jesus, com uma única lição, em poucas palavras, nos indica o caminho para o equilíbrio, a cura de nossos males, a conquista da felicidade: simplesmente fazer ao semelhante todo o bem que desejaríamos receber dele.

• • •

Analisando os males produzidos pelo homem, no passado e no presente, identificamos uma causa comum: o egoísmo.

É por pensarem muito em si mesmos que indivíduos e coletividades envolvem-se em desonestidades, desentendimentos, brigas, violências, guerras, extermínios, perpetuando sofrimentos, dores e tristezas que fazem, no somatório, a infelicidade humana.

No dia a dia, se analisarmos nossos sentimentos negativos, nossos conflitos domésticos, nossos estados depressivos, nossas enfermidades, verificaremos que a origem está no comportamento egoístico.

Em algum momento, em algum pensamento, em alguma ação, contrariamos o princípio de que devemos fazer aos outros o bem que desejaríamos nos fosse feito, e acabamos fazendo aos outros o mal que não desejaríamos para nós.

• • •

Jesus, com a simplicidade da sabedoria autêntica e a profundidade da verdade revelada, nos ensina como vencer a depressão, a angústia, a tristeza, os desajustes variados, as dissensões, as dificuldades de relacionamento...

Basta mudar de pessoa, na conjugação do verbo de nossas ações: da primeira pessoa do singular, eu, para a terceira, ele.

Pensar no próximo, antes de pensar em nós mesmos, cultivando a suprema felicidade de exercitar o Amor Maior.

Livro nº 49 - 2010 *Amor, Sempre Amor* Variações sobre o amor, a partir de *O Evangelho segundo o Espiritismo* Editora: CEAC-Bauru

CAPÍTULO I O plano B

Assembléia reduzida no auditório do *Centro Preparatório para a Reencarnação*, na colônia espiritual *Abrigo das Almas*, nas proximidades da crosta terrestre.

Dezenas de Espíritos, às vésperas de novo mergulho na carne, ouviam as considerações finais de Augusto, nobre dirigente da instituição:

-... Como sabemos, o retorno às lides humanas é indispensável no estágio evolutivo em que nos encontramos. Experiência penosa. Submetidos a limitações variadas, impostas pelo cárcere físico, esquecidos do passado, lidamos com dificuldade para cumprir nossos projetos reencarnatórios, mesmo porque falamos alto em nós velhas tendências inferiores.

Não obstante, fixem na memória a consciência de que não estarão sozinhos. Mentores os acompanharão, a sustentar-lhes o ânimo, no cumprimento de seus deveres.

O cultivo da oração lhes permitirá em todos os momentos, particularmente nos mais difíceis, receber assistência e orientação pelos condutos da inspiração.

Internalizem a certeza de que o estudo e a vivência dos princípios evangélicos constituirão o supremo recurso para que guardem fidelidade aos compromissos assumidos e transitem em segurança pelos acidentados caminhos humanos.

Que nosso Mestre excelso nos inspire e ilumine sempre.

Terminada a exortação, Roberto e Cristina permutavam impressões com Carlos e Fernando, que seriam seus monitores durante a jornada que estavam por iniciar.

As religiões tradicionais falam em anjos da guarda, seres especiais nomeados pelo Criador para amparar Suas criaturas, desde o nascimento.

A Doutrina Espírita nos oferece uma visão mais objetiva sobre o assunto, demonstrando que esses protetores são Espíritos familiares.

A propósito, em *O Evangelho segundo o Espiritismo* Allan Kardec revela que há famílias carnis e famílias espirituais.

As primeiras são formadas por Espíritos que se ligam por consanguinidade, mas nem sempre por afetividade. Podem desenvolvê-la ao longo do tempo ou seguir cada qual seu próprio rumo.

As segundas reúnem Espíritos afins que desdobram experiências milenárias em comum, amparando-se mutuamente. Os mentores espirituais, os guias, são membros integrantes, situando-se mais desenvolvidos em suas potencialidades espirituais.

Roberto e Cristina há séculos estreitavam laços de afetividade que os identificavam

como almas gêmeas.

Oportuno considerar, amigo leitor, que esse conceito não diz respeito a Espíritos criados aos pares, mas àqueles que, no círculo das famílias espirituais, sustentam ligação mais íntima.

Ambos haviam falhado inúmeras vezes em experiências pretéritas, colhendo frustrações, ampliando débitos, mas eram agora suficientemente amadurecidos para assumir e cumprir tarefas em favor de seu progresso e bem-estar.

Dizia Cristina:

— O que me preocupa é o esquecimento. Sei que é necessário, que funcionará em nosso benefício, mas temo reincidir nos mesmos enganos.

Fernando, procurando afastar seus temores, explicou:

— Sem dúvida o grande desafio da jornada humana é observar o planejamento reencarnatório. Como disse Augusto, pesam sobre nós as tendências do passado, a nossa fragilidade. Não obstante, ambos dedicaram-se intensamente ao aprendizado relacionado com a Medicina. Experimentarão desde os verdes anos a vocação para cuidar da saúde humana, a manifestar-se em tendências e impulsos que se delinearão mais precisamente na juventude. O ideal iluminará seus caminhos e os ajudará a superar as dificuldades.

Sorridente, acentuou:

— E considerem ambos que, por misericórdia divina, irão encontrar-se nas lides humanas. É uma dádiva poderem amparar-se mutuamente. Isso lhes permitirá enfrentar com segurança os desafios que terão pela frente, sem desvios, sem comprometimentos.

— Deus o ouça, Fernando. Roberto será meu porto seguro, mas temo o que possa acontecer até que nos encontremos.

Roberto beijou-lhe as mãos, em carinhoso gesto e, buscando acalmar suas inquietações, falou convicto:

— Ora, minha querida, que temores são esses? Contaremos com o apoio do pessoal da instituição. Tudo foi bem programado. Vai dar certo!

— Temo magoá-lo, meu bem. Guardo plena consciência de nossos deveres e do amor que nos une, bênção de Deus em nossas vidas. Não obstante, tenho visto companheiros que partem cheios de boas intenções, mas acabam por transviar-se, pondo a perder longos preparativos e frustrando as expectativas de nossos mentores.

Carlos concordou.

— Não é fácil, sem dúvida, manter fidelidade ao destino que traçamos, tendo em vista nossas fragilidades, mas consideremos que ninguém cresce sem enfrentar desafios. Confiemos em Deus!

Livro nº 50 — 2010 *O Plano B* Romance Editora: CEAC-Bauri

Boas Idéias

Richard Simonetti

Nestas páginas, uma envolvente amostragem dos cinquenta livros do autor, consagrado como um dos melhores escritores espíritas da atualidade.

Destaca-se por sua contribuição marcante em favor de uma literatura espírita leve, bem humorada, clara e objetiva, mas, sobretudo, com conteúdo doutrinário que convida o leitor a pensar.

